

Formação em **Psicologia**

Experiências, saberes e trajetórias
profissionais e acadêmica

Francisco Luan de Souza Carvalho

Dhâmaris Fonseca do Amarante

Francisco Elenilton Rodrigues do Nascimento



Fratelli



Formação em
Psicologia

Formação em **Psicologia**

Experiências, saberes e trajetórias
profissionais e acadêmicas

Francisco Luan de Souza Carvalho
Dhâmaris Fonseca do Amarante
Francisco Elenilton Rodrigues do Nascimento



Fortaleza-CE, 2025

Copyright © 2025 by Editora Fortunato.

Direitos reservados à Editora Fortunato. A reprodução de qualquer parte deste livro só é permitida mediante autorização por escrito do editor e do autor da obra.

FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

Experiências, saberes e trajetórias profissionais e acadêmicas

Apoio e realização - Instituto Fratelli

Autores

Professores, estagiárias e parceiros Fratelli

Coordenação e organização

Francisco Luan de Souza Carvalho

Dhâmaris Fonseca do Amarante

Francisco Elenilton Rodrigues do Nascimento

Edição

Deusdedith Fortunato

Prefácio

Luan Carvalho

Capa, projeto gráfico e diagramação

Amanda Gomes (Mandytorial)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Formação em psicologia : experiências, saberes e trajetórias profissionais e acadêmicas / [coordenação e organização] Francisco Luan de Souza Carvalho, Dhâmaris Fonseca do Amarante, Francisco Elenilton Rodrigues do Nascimento. -- Fortaleza, CE : Editora fortunato, 2025.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-83560-07-0

1. Psicologia - Estudo e ensino 2. Psicologia clínica - Formação profissional 3. Psicólogos - Formação profissional I. Carvalho, Francisco Luan de Souza. II. Amarante, Dhâmaris Fonseca do. III. Nascimento, Francisco Elenilton Rodrigues do.

25-260173

CDD-150.23

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicólogos : Formação profissional 150.23

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Este livro é o resultado dos caminhos trilhados por professores e profissionais do Instituto Fratelli.

Aqui somos: professoras(es), estagiárias e parceiras(os) que pretendem apresentar um pouco da experiência vivida no percurso e na busca por tornar-se profissionais de psicologia.

Dedicamos cada página aos nomes que fazem o nosso Instituto de Educação em Psicologia ser cada vez mais um espaço de transformação, crescimento e desenvolvimento ético e acessível.

F
Fratelli

Sumário

Prefácio 08

Luan Carvalho

Capítulo 1 - A importância do programa de monitoria e estágio e seus impactos na formação em psicologia 12

Gleydliene Ferreira Duarte Fernandes

Iara Assunção de Sousa

Francisco Luan de Souza Carvalho

Capítulo 2 - Uma Discussão sobre a Importância da Prática Afirmativa Clínica na Formação em Psicologia: Contribuições do Projeto Escuta Com Orgulho (ECO).....30

Dhâmaris Fonseca do Amarante

Tiago Silveira Cândido

Edson Stapassola

Capítulo 3 - De Estudante de Psicologia a Agente de Mudança Psicossocial: Explorando os Aspectos Relacionais do Trabalho Voluntário na Vida Universitária 46

Rebeca Silva Saraiva

Sarah Meneses da Silva

Capítulo 4 - Os Caminhos Acadêmicos e Profissionais Diante do Tornar-se Gestalt-Terapeuta..... 58

Mariane Costa Lucas

Welly Tailon Batista da Silva

Francisco Luan de Souza Carvalho

Capítulo 5 - Contribuições de Atividades Extracurriculares para a Formação do Psicólogo - Um Relato de Experiência..... 72

Carolina Luiza Silva Medina

Francisco Luan de Souza Carvalho

Capítulo 6 - A Potência de Oficinas Pedagógicas no Estudo de Psicologia da Aprendizagem: Um Relato de Experiência Docente 84

Bruna Myrla Ribeiro Freire

Capítulo 7 - Supervisão em Logoterapia: Autotranscendência, Ética e Cuidado 96

Nícolas Kennedy de Lima Brandão

Capítulo 8 - Graduação em Psicologia: Impacto dos currículos acadêmicos e metodologias de ensino 116

Gabriela Frota de Paula Pessoa

Capítulo 9 - Psicologia e Gestão de Carreira 128

Matheus Pinheiro Rodrigues

Francisco Luan de Souza Carvalho

Capítulo 10 - Panorama geral de modalidades e possibilidades de atuação em psicologia clínica 142

Francisco Luan de Souza Carvalho

Capítulo 11 - Residência em Psicologia: Um Caminho de Formação para Residentes e Preceptores 152

Ana Caroline Leite de Aguiar

Carolina Luiza Silva Medina

Capítulo 12 - A Pós e o após: reflexões sobre a experiência da pós-graduação no Brasil 164

Jaiana Cristina Cândido Moraes

Capítulo 13 - O mercado de trabalho para psicólogas(os) na área da saúde: nuances e particularidades 176

Lívia Nádia Albuquerque dos Santos

Sobre os autores 188

Sobre os organizadores 194

Prefácio

A formação em Psicologia, como qualquer outro campo do saber, é um processo multifacetado, que se desdobra ao longo de diversas trajetórias, experiências e saberes que se entrelaçam, se ampliam e se transformam com o tempo. No livro *FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: Experiências, saberes e trajetórias profissionais e acadêmicas*, buscamos refletir e compartilhar um pouco dessa jornada, que vai muito além das salas de aula e dos livros. Aqui, cada capítulo revela um pedaço do caminho trilhado por estudantes, professores, voluntários e profissionais que, juntos, têm experimentado as mais diversas facetas da formação psicológica.

A Psicologia, enquanto ciência e prática, exige do profissional uma capacidade única de adaptação, empatia e reflexão constante. Este livro, fruto da colaboração de diversos professores do Instituto Fratelli, reflete a diversidade e a riqueza de experiências que marcam a formação de psicólogos no Brasil, destacando como as práticas, as vivências e os desafios moldam, de maneira indelével, a prática clínica e acadêmica.

A primeira parte desta obra se dedica a discutir as experiências vividas no âmbito do ensino superior, com foco na importância dos programas de monitoria e estágio. No *Capítulo 1*, refletimos sobre os impactos desse processo formativo, que permite ao estudante uma imersão gradual no mundo da prática e da pesquisa, tornando-se, assim, um elo essencial entre a teoria e a realidade social.

Seguindo essa linha, o *Capítulo 2* nos convida a explorar a prática afirmativa clínica, um campo de intervenção que se destaca pela promoção do respeito às identidades e diversidade, principalmente no contexto do Projeto *Escuta Com Orgulho* (ECO), uma iniciativa de apoio psicológico para pessoas da comunidade LGBTQIA+. A prática afirmativa não é apenas uma metodologia; ela é uma forma de resistência, de acolhimento e de cuidado, e sua importância no cenário da Psicologia contemporânea é inquestionável.

Em seguida, o *Capítulo 3* nos apresenta uma reflexão sobre o trabalho voluntário, onde, ao longo de nossa trajetória acadêmica, nos tornamos não apenas estudantes, mas também agentes de mudança psicossocial. O voluntariado na vida universitária é um terreno fértil para o desenvolvimento da consciência

social, do compromisso com a transformação e da empatia, elementos essenciais para o psicólogo que se propõe a caminhar ao lado de outros.

A busca pela especialização e por um direcionamento claro na carreira é um desafio para todos os estudantes, e o *Capítulo 4* trata da jornada de quem opta pela Gestalt-Terapia. O tornar-se gestalt-terapeuta não é apenas uma escolha profissional, mas também uma descoberta pessoal, que envolve a compreensão do outro e a construção de uma prática terapêutica integrada e humanizada.

À medida que avançamos, os relatos de experiência sobre atividades extracurriculares e oficinas pedagógicas enriquecem nossa visão sobre as diversas possibilidades de aprendizagem no campo da Psicologia. O *Capítulo 5* nos lembra de que a formação acadêmica vai além do conteúdo curricular, abrangendo todas as formas de conhecimento e vivência que podemos experimentar fora da sala de aula. No *Capítulo 6*, é a vez das oficinas pedagógicas, que mostram como o estudo da Psicologia da Aprendizagem pode ser potencializado por práticas inovadoras que buscam promover uma reflexão crítica sobre o processo educativo.

A supervisão em Logoterapia, um campo psicológico que valoriza a busca pelo sentido da vida, é explorada no *Capítulo 7*. A Logoterapia nos ensina que, mesmo diante do sofrimento, é possível transcender, e essa visão é fundamental na formação do psicólogo que busca compreender os dilemas existenciais do ser humano. No processo de supervisão, encontramos o equilíbrio entre ética, cuidado e autotranscendência.

Nos capítulos seguintes, o livro se aprofunda nas questões estruturais da formação em Psicologia, refletindo sobre as metodologias de ensino, os currículos acadêmicos e os impactos da pós-graduação. O *Capítulo 8* discute o impacto das mudanças curriculares e das metodologias de ensino, e como elas moldam as novas gerações de psicólogos. Já no *Capítulo 9*, refletimos sobre a gestão de carreira e os caminhos profissionais possíveis, desafiando os futuros psicólogos a repensarem sua atuação no mercado de trabalho.

É inevitável também falarmos sobre o mercado de trabalho e as questões que envolvem a saúde mental e a atuação clínica no Brasil. O *Capítulo 10* oferece uma visão abrangente das modalidades de atuação no campo clínico, enquanto o *Capítulo 11* traz uma perspectiva valiosa sobre a residência em Psicologia, uma modalidade de formação que fortalece a prática profissional com um foco na excelência e no aprendizado constante.

Finalmente, a obra se encerra com reflexões sobre a pós-graduação e o impacto da formação continuada no psicólogo, abordando as dificuldades e conquistas enfrentadas por aqueles que buscam aprimorar seus saberes e sua atuação, como apresentado no *Capítulo 12*. O *Capítulo 13* nos conduz a uma análise das particularidades do mercado de trabalho na área da saúde, destacando as nuances e desafios que os psicólogos enfrentam em sua trajetória profissional.

Este livro é um convite para adentrarmos no vasto campo da formação em Psicologia, um campo que é feito de histórias, encontros e aprendizado contínuo. A riqueza e a diversidade de experiências aqui compartilhadas são um reflexo das muitas maneiras pelas quais a Psicologia se constrói e se transforma, seja no ambiente acadêmico, na prática clínica ou no compromisso com a transformação social.

Que este livro inspire todos que, de alguma forma, participam da jornada formativa na Psicologia, seja como estudantes, professores ou profissionais, a continuar a refletir, a questionar e a transformar. A formação em Psicologia é, de fato, um processo dinâmico e contínuo, e este é um pequeno, mas significativo, capítulo dessa caminhada.

Ms. Luan Carvalho
Diretor Pedagógico - Instituto Fratelli

Capítulo 1

A importância do programa de monitoria e estágio e seus impactos na formação em psicologia

Gleydilene Ferreira Duarte Fernandes

Iara Assunção de Sousa

Francisco Luan de Souza Carvalho

“**ÁTRAVÉS DOS OUTROS, NOS TORNAMOS NÓS MESMOS.**”

— *Lev Vygotsky*

Introdução

A formação em Psicologia requer uma fundamentação teórica sólida e embasada na ciência, mas para além da teoria, a prática também é necessária para o desenvolvimento de habilidades indispensáveis à futura formação. Nesse sentido, o estágio curricular e o programa de monitoria possibilitam vivências do cotidiano da profissão, propiciando uma esfera segura e guiada por profissionais que atuam na área, contribuindo significativamente para uma reflexão crítica e integradora da teoria e prática. Nesse contexto, a monitoria e o estágio demonstram sua essencialidade na trajetória acadêmica da formação em Psicologia.

Os programas de estágio e monitoria no Instituto Fratelli destacam-se pelo compromisso em propiciar um espaço acolhedor e impulsionador de potenciais de forma ética. A monitoria permite ao discente aprofundar seu conhecimento em várias áreas, desenvolver habilidades pedagógicas e de comunicação, enquanto o estágio apresenta uma oportunidade de mergulhar no campo profissional, promovendo habilidades e competências da profissão na prática, porém asseguradas pela teoria, o que facilita insights valiosos para os estudantes. Afinal, compartilhamos do mesmo pensamento de (Moita, 1995, p. 115 apud Lima et al., 2013, p. 58) “Ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações.”

O objetivo deste estudo está em compreender e refletir a importância de ambos os programas no Instituto Fratelli para a formação acadêmica e profissional dos estudantes do curso de Psicologia, buscando elucidar a partir da legislação da Lei do Estágio, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), e da literatura existente sobre a temática, bem como a relação teórico-prática e o desenvolvimento de habilidades profissionais relevantes para a formação.

O interesse pela temática surgiu da necessidade de compreender a relevância do estágio e da monitoria para a nossa formação. Assim, as discussões apresentadas neste capítulo são o resultado de uma experiência vivenciada pelas autoras, no Programa de Monitoria e no Programa de Estágio no Instituto Fratelli, na qual conseguimos perceber a a partir de tais experiências, os impactos positivos de tais programas em nossas trajetórias acadêmicas. Assim, este estudo busca contribuir por meio de reflexões sobre o papel dessas iniciativas na formação de futuros psicólogos.

Para melhor fundamentação teórica foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que para Farias e Pimentel (2009, p. 25), “[...] caracteriza-se pelo uso de fontes com dados analisados e publicados, ou seja, a literatura produzida a respeito de um determinado tema”. Também se configura como pesquisa documental, pois foram consultadas leis referentes ao estágio, na qual “A característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos [...]”, como afirmam Marconi e Lakatos (2003, p. 174).

Este capítulo propõe a discussão de alguns pressupostos teórico-conceituais acerca do Estágio e da Monitoria, bem como a importância da relação entre teoria e prática para uma formação libertadora e reflexiva que possibilite ao psicólogo desenvolver-se de maneira integral, ética e responsável. Destacando a relevância do programa de estágio e monitoria para a formação do psicólogo, destacando o Instituto Fratelli como instituição promotora de tais experiências, oriundas da participação em ambos os projetos.

Esperamos, a partir dessa discussão, incitar insights valiosos sobre a relevância dos programas de estágio e monitoria na formação em Psicologia, assim como mapear os impactos desses programas na formação dos estudantes. Através deste debate, pretendemos contribuir para o progresso de práticas educacionais mais integradoras, que valorizem tanto o rigor acadêmico quanto a experiência prática, pois não existe prática sem teoria.

Pressupostos Teórico-conceituais acerca do Estágio e da Monitoria

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996, é um documento que norteia e regulamenta a educação no país. Ela estabelece os objetivos e organiza o funcionamento da educação em todos os segmentos, incluindo o superior. Assim, prevê em seu artigo 43º que a educação superior tem por finalidade:

- I – estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; II – formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua.

Nesse sentido, para propiciar um espaço que estimule o pensamento reflexivo e a participação dos discentes em setores profissionais, o estágio e a monitoria são ferramentas educacionais que auxiliam a fundir a teoria acadêmica com experiências práticas impregnadas de significados e reflexões sobre a profissão e a sociedade na qual estamos inseridos, preparando este profissional para atuar de forma crítica e consciente no mundo.

Além da LDB, a Lei do Estágio, Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008 é também um documento que regulamenta a prática da monitoria e do estágio obrigatório e não obrigatório no país. Assim, de acordo com essa lei, em seu artigo 1º: “Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior.

Para facilitar o entendimento, faz-se necessário compreender as diferenças entre os termos citados. O estágio obrigatório está previsto no projeto do curso de cada instituição de ensino, e a carga horária estipulada é item obrigatório para obtenção do diploma. O estágio não obrigatório e a monitoria não possuem caráter de obrigatoriedade, pois são de escolha opcional do discente e acrescidos à carga horária obrigatória do curso, mas também se configuram como experiências valiosas para o exercício da profissão futura.

Além disso, a Lei do Estágio dispõe sobre as obrigações inerentes a cada parte: do estagiário, da instituição empregadora e da instituição de ensino, afirmando que o estágio não configura vínculo empregatício e, por isso, deve ter duração de até dois anos, considerando que o estagiário está inserido no ambiente justamente para obter a aproximação com a prática e o aprendizado necessário à profissão. Compreendemos que é no exercício da profissão, alicerçado pela teoria, que nos construímos enquanto psicólogos.

Elucida-se também a obrigatoriedade de que o estágio seja supervisionado por um profissional mais experiente, que possua comprovação legal de seu ofício com CRP ativo. Reforçamos a importância de que esse acompanhamento seja qualificado, com a finalidade de garantir a qualidade da formação e prestar apoio ao educando que está dando seus primeiros passos rumo à profissão. Esse profissional mais experiente, portanto, será responsável por acompanhar, orientar, auxiliar e incitar reflexões sobre o mundo laboral e teórico, atuando como um mentor.

Por fim, em seu artigo 2º, a Lei do Estágio afirma que: “O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho.” Nesse trecho, inferimos que o estágio não se resume a uma mera aproximação da prática laboral; pelo contrário, é uma experiência carregada de intencionalidade e reflexões críticas sobre si mesmo enquanto ser dotado de razão e ativo no mundo, além de reflexões sobre a profissão, o ambiente de trabalho e a sociedade.

A monitoria, por outro prisma, é uma atividade também laboral, mas distinta do estágio, pois em sua premissa é um programa de incentivo ao ensino educacional que objetiva aproximar o discente da práxis docente, promovendo o aprofundamento teórico-prático e a aquisição de habilidades inerentes à docência. Ou seja, tem como função primordial contribuir para a formação acadêmica de futuros profissionais que atuarão nas universidades do país.

Nesse sentido, compartilhamos do mesmo pensamento de Gonçalves et al., (2021, p. 8), que afirmam: “A monitoria acadêmica é um serviço de apoio pedagógico que visa oportunizar o desenvolvimento de habilidades técnicas e o aprofundamento teórico, proporcionando o aperfeiçoamento acadêmico.” Com base nessa afirmação, inferimos que o desenvolvimento da práxis docente ocorre em consonância com a teoria, pois uma não existe sem a outra, através de uma educação libertadora e crítico-reflexiva, conforme pregado por Paulo Freire.

Dessa forma, a monitoria propicia um espaço rico em interação e propenso ao desenvolvimento de habilidades pedagógicas, constituindo-se como um espaço que agrega trocas de experiências e descobertas entre seus participantes. Nesse ambiente, o monitor terá a chance de vivenciar práticas pedagógicas que facilitam o processo de ensino-aprendizagem, além de ter a oportunidade de ensinar e aprender com os demais no processo ativo de aquisição de conhecimento. Portanto, compreende-se que esse espaço não é e não pode ser estático, mas sim um espaço que possibilita o desenvolvimento ativo de indivíduos que atuarão e transformarão a sociedade.

Além disso, assim como no estágio, o monitor também estará amparado por um profissional com experiência na área pedagógica, que fornecerá orientação e auxílio durante toda a monitoria, oferecendo segurança ao monitor. Além disso, essa relação propicia insights valiosos sobre o processo de construção do aprendizado docente e do ensino-aprendizagem. Por isso,

concordamos com a afirmação de Freire (1987, p. 79), que diz: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo; os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

Ou seja, não é um espaço de mero repasse de conhecimentos teóricos, que vê os participantes do processo de ensino e aprendizagem apenas como reprodutores e receptores passivos do conhecimento. É na verdade um ambiente onde em comunhão, se promove uma educação potente que gera trocas significativas entre os indivíduos, permitindo que atuem no mundo de forma crítica e reflexiva. Dessa forma, a sociedade se torna uma construção coletiva de pessoas em constante evolução que respeitam a si mesmas e aos outros.

Diante do exposto, ressaltamos que ambos os programas citados contribuem de forma significativa para a formação dos alunos inseridos nos cursos de Psicologia, que estão assegurados pelas leis para que este processo formativo seja enriquecido tanto na teoria quanto na prática. Após a compreensão das bases legais e dos programas, no próximo tópico será abordada a relação teórico-prática e as contribuições decorrentes da experiência adquirida nesses contextos formativos.

A importância do estágio e da monitoria e a relação teórico-prática na formação em Psicologia

A formação em Psicologia desde do seu surgimento até os dias atuais é historicamente marcada pela constituição de políticas públicas e pelas demandas impostas das mudanças socioeconômicas e políticas do país. Tendo em vista que boa parte das demandas dirigidas aos psicólogos hoje, surgiram a partir da forma como se configurava os profissionais nas áreas de saúde mental, de organização do trabalho e da educação antes mesmo da regulamentação da Psicologia como ciência e profissão no país.

Pensando nessa trajetória histórica, torna-se importante apontar a resolução CNE/CES nº 8/04, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, aprovada em 2004 com a finalidade de orientar “sobre princípios, fundamentos, condições de oferecimento e procedimentos para o planejamento, a implementação e avaliação deste curso”

(Art. 2º), bem como “dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das (...) competências e habilidades” (Art. 4º), necessárias para melhorar a qualidade e fortalecer a profissionalização, dentre outros aspectos.

Pensando nisso, as Instituições de Ensino Superior (IES), passaram a nortear a formação básica do Psicólogo, de forma ampla e generalista que pudesse preparar o aluno para atuar em diversas áreas, considerando as singularidades e especificidades de cada região do país, as demandas da sociedade, as características do mercado de trabalho, oferecer disciplinas que capacitasse o futuro profissional para analisar e atender às mais variadas demandas, respeitando os critérios teóricos, técnicos, mas principalmente éticos (Amendola, 2014).

Segundo Seixas (2014) às DCNs transformaram a formação em Psicologia, rompendo com a formação que preconizava uma visão de mundo unidisciplinar, clínica e conservadora, representando igualmente um engessamento do processo ensino aprendizagem sob um novo desenho, apoiada no desenvolvimento de competências e habilidades, representando uma mudança da esfera do saber para o saber fazer

A articulação entre teoria e prática torna-se fundamental no processo de formação do profissional de Psicologia, quando nesta relação fica patente a transição da lógica do saber para a lógica do saber fazer. A noção de competência para esta linha de pensamento, reside justamente na aptidão de mobilizar os conhecimentos de diversas ordens com ações, que denomina-se de competências, a partir de ferramentas cognitivas, que são as habilidades (Bernardes, 2016).

Para Bernardes (2016), é através da prática que o estudante pode ressignificar a teoria apreendida por ele durante a formação, também pode-se compreender os desafios vivenciados na profissão, e buscar a melhor forma de resolvê-los. Assim, teoria e prática se encontram no ato educativo, tornando-se práxis e sendo necessária a formação dos sujeitos como cidadãos e profissionais competentes. Entretanto revela-se que a práxis é essencial durante a formação de qualquer profissional, e é por meio dela que visa-se formar psicólogos reflexivos, críticos e autônomos.

Dessa forma, a interação teórico-metodológica e o desenvolvimento da capacidade de interação teórico-prática dos conhecimentos e fenômenos psicológicos pode ser viabilizado tanto pelos programas de monitoria como pelo estágio, que proporciona uma formação baseada na práxis educativa. Para tanto é preciso entender a importância dos programas de estágio e monitoria

como etapas essenciais para a formação de profissionais competentes dotados de habilidades necessárias para sua atuação. Sobre o estágio Pimenta 1994, (apud Lima, 2012, p. 29), afirma que :

O estágio supervisionado pode ser conceituado como atividade teórica instrumentalizadora da práxis, entendida como atitude teórica - prática humana, de transformação da natureza e da sociedade. Não basta conhecer e interpretar o mundo (teórico) é preciso transformá-lo (prática).

Para a autora supracitada é no momento do estágio que o profissional em formação poderá ressignificar os conhecimentos adquiridos, aliá-los à prática na tentativa de incentivar a busca da transformação da realidade. Para Bobato, Stock e Pinotti (2016), o futuro psicólogo deve está preparado para diversas atividades e funções que irá desenvolver, bem como ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde psicológica e psicossocial por meio da tomada de decisões, comunicação, liderança no trabalho em equipe multiprofissional, gerenciamento dos processos de trabalho, além de apresentarem compromisso com a formação permanente.

Ciente dessas questões, o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2013, p. 8) define o estágio em Psicologia como “[...] um conjunto de atividades supervisionadas realizadas em situações reais de vida e de trabalho, por um estudante regularmente matriculado em curso de graduação nessa área”. Assim, os programas de estágios representam para os estudantes a oportunidade de inserção e transição em novos ambientes e construção de identidade, a partir da articulação e integração teórico-prática necessários para a formação do profissional do psicólogo (Oliveira et al., 2008).

Diante da constante ampliação das modalidades e contextos de atuação da (o) psicóloga (o), os estágios são importantes instrumentos pedagógicos de desenvolvimento profissional, social e da própria Psicologia. Por ser interface entre atividades acadêmica e profissional, o estágio oferece a possibilidade de problematizar a realidade, sendo espaço privilegiado para o exercício profissional supervisionado, para a intervenção em novos campos de atuação, bem como para o levantamento de questões de pesquisa (Carta de serviços sobre estágios e serviços-escola, 2013).

No que tange à monitoria, Lins et al (2009), considera como uma modalidade de ensino e aprendizagem que contribui para a formação integrada do aluno nas atividades de ensino, pesquisa e extensão dos cursos de graduação.

Pode-se enfatizar ainda que sendo entendida como ferramenta essencial para a melhoria do ensino, por meio do estabelecimento de novas práticas e experiências, fortalecendo a relação entre teoria e prática, promovendo a cooperação mútua entre discente e docente (UNIDERP, 2019).

Para alguns autores como: Lins et al., (2009); Jesus (2012) e Matoso (2014), o papel da monitoria como incentivo e vivência com a carreira docente. Na função de monitor o aluno tem uma aproximação com o ensino e extensão. Atribuições como planejamento de aula e atividades, escolhas de metodologias dinâmicas e interativas que visem incentivar o aprendizado dos alunos, bem como participação em processos avaliativos, possibilitam a aproximação do monitor com a prática docente, permitindo vivenciá-la de maneira integral.

Segundo Schneider (2006), as atividades da monitoria pretendem contribuir com o desenvolvimento da competência pedagógica dos monitores, assim como também podemos pensar a monitoria como modalidade de ensino extracurricular, que é fundamental no processo de formação não só de docentes, mas de profissionais como um todo, já que na monitoria o aluno tem a oportunidade de melhorar aspectos ligados à comunicação, oralidade e relações interpessoais.

Neste sentido, o monitor e o estagiário participam de um processo de aprendizagem pela ação, onde primeiro ele aprende para depois ensinar, e novamente aprende ensinando (Jesus, 2012). Além disso, como afirma Matoso (2014), o aprimoramento dos conteúdos no exercício da monitoria favorece e propicia maior segurança e aprofundamento nos conteúdos estudados nas disciplinas acadêmicas, potencializando seus conhecimentos enquanto futuros psicólogos.

Algumas competências e habilidades desenvolvidas no Instituto Fratelli e seus impactos na formação em Psicologia

O Instituto Fratelli se configura como uma empresa de Educação em Psicologia e Gestão e atua na formação continuada de Profissionais e Estudantes de todo o Brasil. A mesma tem como objetivo principal promover educação em psicologia e saúde, movidos pela ética profissional

e compromisso com a ciência, a fim de disseminar o conhecimento de forma acessível e humanizada aos estudantes e profissionais, na qual a metodologia de ensino baseia-se na centralização no aluno, agregando conhecimentos em Psicologia e Saúde visando uma melhor qualificação continuada aos estudantes e profissionais da área, sendo estes alunos ou integrantes (Regimento interno do Instituto Fratelli, 2024).

Para tanto, o Instituto conta com uma equipe de monitores e estagiários, alunos do curso de Psicologia, como integrantes da equipe colaboradora, atuando em diferentes setores e realizando atribuições repassadas pela coordenação. Os mesmos têm a possibilidade de obtenção de maiores conhecimentos teórico-práticos, bem como desenvolver competências e habilidades profissionais e interpessoais para melhor formação profissional e acadêmica.

Diante desse contexto, a vivência nos programas de monitoria e estágio do Instituto acarretou ganhos incalculáveis na formação como psicólogas, agregando durante todo o processo, experiências que irão enriquecer o processo de construção de identidade, de amadurecimento profissional e o desenvolvimento de competências acadêmicas e interpessoais e habilidades essenciais para a atuação como profissional da Psicologia.

Dentre tais competências e habilidades desenvolvidas na vivência como monitoras e estagiárias do Instituto, torna-se importante elencar o desenvolvimento da oralidade e da comunicação assertiva. A comunicação tem um papel essencial no desenvolvimento intelectual e no exercício de qualquer profissional, especialmente no que tange aos psicólogos, uma vez que este passa maior parte do tempo a comunicar ou a interagir com os outros. A comunicação assertiva permite ao psicólogo que se expresse de maneira clara, e auxilie os seus clientes a refletirem sobre o mesmo, tendo o conhecimento das suas necessidades e sentimentos (Grilo, 2012).

É importante salientar ainda que através da monitoria foi possível aprofundar conhecimentos e práticas relacionados à docência, refletir, elaborar e executar técnicas ligadas ao ensino superior, bem como se inserir e vivenciar o cotidiano e a rotina docente. Além disso, destacamos o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo que segundo Silva e Macêdo (2021, p.25), pode ser compreendido como:

[..] uma habilidade intelectual que permite a produção, modificação e avaliação do conhecimento através da habilidade de argumentar, construir hipóteses, resolver

problemas complexos intimamente relacionados à solução de problemas no mundo real e ao processo de tomar “a melhor” de decisão naquele contexto.

Nesse sentido, o pensamento crítico e reflexivo é uma competência valiosa e essencial a formação do Psicólogo, pois é por meio dela que o profissional pode inferir insights relevantes para a sua atuação, bem como criar estratégias para a promoção da saúde, bem-estar e qualidade de vida seja na clínica, na docência, nos hospitais, nas organizações e demais espaços que este profissional possa estar inserido.

O contato com professores e outros monitores, possibilitou desenvolver o Networking, e com isso foi realizada trocas e a construção de conexões significativas. A interação com profissionais possibilita insights valiosos que podem enriquecer o próprio trabalho e abrir novas possibilidades de atuação, pois “[...] quanto mais pessoas conhecemos, quanto mais circulamos, maiores as chances das oportunidades aparecerem” (Peters, 2000. p. 79). Dessa forma, ao cultivar relacionamentos de confiança, é possível construir uma identidade profissional positiva, o que pode abrir portas para oportunidades futuras e fortalecer a própria marca pessoal.

Ademais, as vivências oriundas do estágio e monitoria no Instituto Fratelli se dão de forma remota e possibilitam adquirir habilidades referentes às tecnologias atuais ligadas à educação, mas também ao exercício clínico remoto. Nesse espaço virtual, os estagiários e monitores compreendem e assumem posturas éticas da profissão voltadas para o teletrabalho. Sendo, portanto, um espaço rico e agregador de conhecimento para o exercício profissional na atualidade.

Nesse sentido, o uso da tecnologia e ferramentas digitais perpassa a atuação do psicólogo, tendo em vista que muitos profissionais utilizam dos meios tecnológicos para realizar os atendimentos psicológicos, ministrar cursos, capacitações, aulas, divulgar seu trabalho nas redes sociais, entre outras atividades.

É importante destacar ainda que diante desse avanço da tecnologia, o psicólogo deve seguir as recomendações do Código de Ética Profissional do Psicólogo, que se estende ao contexto digital, pois é um documento essencial para usar como referência na atuação profissional. Sobre isso “é importante, que então se atente ao parâmetro da atuação ética desde a sua formação,

construindo uma trajetória embasada na ciência psicológica, ética e legislação profissional” (CRP/MG, 2024, p. 8).

Por fim, salientamos o exercício da empatia que é um componente bastante presente no Instituto Fratelli, tendo em vista que este espaço promove e incentiva a empatia no contexto organizacional, entre os colaboradores, mas também em relação aos clientes, alunos e professores que fazem parte dos cursos promovidos pela instituição de ensino.

A empatia é uma habilidade indispensável ao psicólogo, pois auxilia na relação com os sujeitos que buscam a terapia. Esses indivíduos muitas vezes adoecidos, buscam compreender suas emoções e histórias de vida sem julgamentos. Sobre a empatia, Carl Rogers investigou a sua importância aplicada a prática terapêutica, sendo um importante componente para a sua Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), onde o psicólogo se compromete a estabelecer um ambiente terapêutico e acolhedor para o cliente, promovendo um espaço que promova a aceitação incondicional.

Assim, a empatia era vista por Rogers não apenas como uma resposta reflexa ao comportamento do outro mas também como uma habilidade aprendida/ desenvolvida que envolve o estabelecimento de vínculos cognitivo-afetivos entre duas ou mais pessoas, durante os quais alguém se permite, deliberadamente, sensibilizar-se e envolver-se com a vida privada de outros (Sampaio et al., 2009, p. 214).

Nesse sentido, a empatia é uma competência social indispensável ao psicólogo, pois a partir dela conseguimos estabelecer um vínculo de confiança com o cliente, contribuindo para uma relação terapêutica humanizada fazendo com que o paciente se sinta respeitado e compreendido, essa atitude facilita a expressão dos sentimentos do cliente que são essenciais no processo da terapia, auxiliando na evolução do sujeito e na formulação de estratégias de intervenção personalizada a partir da subjetividade de cada caso.

Portanto, a partir das competências e habilidades destacadas, inferimos que o espaço de monitoria e estágio ofertado pelo Instituto Fratelli é um ambiente que favorece o desenvolvimento dos estudantes do curso de psicologia, contribuindo para uma formação crítica, empática, formativa, inovadora e comprometida com a ciência e a ética. Dessa forma, o instituto Fratelli contribuiu e tem contribuído de forma eficaz na formação dos estudantes

que participam desses programas, bem como com a sociedade, tendo em vista que investe no desenvolvimento dos monitores e estagiários que irão atuar para servir a sociedade em suas diversas instâncias.

Considerações Finais

Diante do exposto, foi possível compreender e refletir sobre a importância dos programas na formação acadêmica e profissional do estudante de psicologia, pois ao discutir sobre a literatura, as vivências e as leis que amparam o estágio e a monitoria, demonstramos que os programas são fundamentais para o desenvolvimento do estudante de psicologia, pois essas experiências propiciam uma aproximação do ambiente laboral e uma compreensão acerca do exercício profissional.

Nesse sentido, pode-se considerar que o estágio e a monitoria promovem uma série de impactos positivos para a formação do estudante em Psicologia, enquanto avanços no sentido teórico-prático, possibilitando o desenvolvimento do sujeito em sua totalidade. É possível concluir, pelos estudos que o conjunto de aprendizados e crescimentos decorrentes de um estágio profissional e da monitoria é constituído por determinações múltiplas, que vão além do âmbito acadêmico, abrangendo também as habilidades interpessoais.

É importante destacar que a participação nos cursos, formações e capacitações internas foram de suma importância para um constante desenvolvimento profissional e pessoal, pois os conhecimentos construídos foram cruciais para uma melhor formação como profissional da Psicologia. Além disso, dentre as atividades vivenciadas, a vivência e experiência docente, permitiu aos monitores e estagiárias, refletir sobre o seu papel na formação de outros alunos, bem como sobre a carreira docente.

Apesar deste estudo contribuir para corroborar a relevância da monitoria e do estágio na formação do psicólogo, acreditamos que seria relevante para futuras pesquisas explorar o impacto dos programas no desempenho acadêmico, bem como, a repercussão dessas vivências na saúde mental dos acadêmicos em psicologia a partir de uma pesquisa de campo qualitativa, que busque compreender esse fenômeno a partir da concepção dos participantes da monitoria e estágio.

Em suma, essa discussão se propõe a contribuir de forma significativa para compreensão da importância da monitoria na formação profissional na área

de Psicologia. Gerando reflexões acerca da temática para fomentar o desenvolvimento de pesquisas neste campo de estudo, tendo em vista que, o estágio e a monitoria mostram-se uma fonte enriquecedora de conhecimentos teóricos e práticos sobre a formação profissional e acadêmica, além disso trata-se de uma temática de relevância cunho social e científica para nossa categoria.

Referências Bibliográficas

AMENDOLA, Marcia Ferreira. Formação em Psicologia, Demandas Sociais Contemporâneas e Ética: uma Perspectiva. In: **PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO**, 2014, 34(4), 971-983.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 63 p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_led.pdf. Acesso em: 26 de agosto de 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 set. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm . Acesso em: 26 de agosto de 2024.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia**. Resolução nº 8, de 7 de maio de 2004. Diário Oficial da União. Brasília, 2014.

BERNARDES, Clarissa Tenório Ribeiro. **Competências e habilidades na formação em psicologia: os desafios do saber-fazer**. 2016.

BOBATO, S. T.; Stock, C. M.; Pinotti, L. K. **Formação, Inserção e Atuação Profissional na Perspectiva dos Egressos de um Curso de Psicologia**. Psicologia: Ensino & Formação, Ago/Dez, 7 (2): 18-33. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.21826/2179-58002016721933>. Acesso em 30 de agosto de 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Carta de serviços sobre estágios e serviços escola**. 1ª Ed. Brasília, 2013. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2013/09/carta-de-servicos-sobre-estagios-e-servicos-escola12.092.pdf>> Acesso em 05 de setembro de 2024.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA – MINAS GERAIS. **Recomendações para uso de redes sociais por estudantes de Psicologia**. 1ª Ed. Minas Gerais, 2024. Disponível em:<https://crp04.org.br/crp-mg-lanca-cartilha-sobre-uso-de-redes-sociais-para-estudantes-de-psicologia/>. Acesso em: 11 de set de 2024.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de; SILVINA, Silva Pimentel. **Pesquisa e prática pedagógica II**. Fortaleza: RDS, 2009. 90 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. 218 p.

GRILO, A. M. **Relevância da assertividade na comunicação profissional de saúde-paciente**. *Psicologia*, 13(2). Editora: Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde, 283-297. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.21/5046>. Acesso em 02 de setembro de 2024.

GONÇALVES, M.F; Gonçalves, A. M; Fialho, B.F; Gonçalves, I.M.F. **A importância da monitoria acadêmica no ensino superior**. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. e313757, 2020. DOI: 10.47149/pemo.v3i1.3757. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3757>. Acesso em: 30 de agosto de 2024.

JESUS, Daniele Maria de Oliveira et al. **Programas de Monitorias: Um estudo de caso em uma IFES**. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, Rio de Janeiro. v.6, n. 4. p.61-86. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.12712/rpca.v6i4.11109>. Acesso em 02 de setembro de 2024.

LIMA, Maria do Socorro Lucena; Cavalcante, Maria Mariana Dias; Silva, Elisângela André da. **Pesquisa e prática pedagógica IV: Projeto de estágio**. Fortaleza: RDS, 2013. 105 p.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Líder Livro, 2012.

LINS, Leandro Fragoso. **A importância da monitoria na formação acadêmica do monitor**.

Anais da Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão – JEPEX, Recife. p. 1-2. 2009.

MARCONI, M. A.; Lakatos, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311 p.

MATOSO, Leonardo Magela Lopes. **A importância da monitoria na formação acadêmica do monitor: um relato de experiência do monitor**. *Catussaba – Revista Científica da Escola da Saúde, Natal*. v.3, n.2, p.77-83. 2014.

OLIVEIRA; et al **Supervisor de psicologia clínica: um professor idealizado?** *Psico-USF*. Universidade de São Francisco. Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Psicologia, v. 13, n. 2, p. 287-296, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psuf/v13n2/v13n2a15.pdf>> Acesso em: 02 de set de 2024.

PETERS, T. **Reinventando o trabalho**. São Paulo: Campus, 2000.

SAMPAIO, L. R., CAMINO, C. P. S., & ROAZZI, A. (2009). **Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia**. *Psicologia & Ciência e Profissão*, 29(2), 212-227. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/NKFMxtzhbKtMbyHWnW63pPc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 de set de 2024.

SEIXAS, P. S. **A formação graduada em Psicologia no Brasil: reflexão sobre os principais dilemas em um contexto pós DCN**. Natal: Editora da UFRN, 2014.

SILVA, Nádia Oliveira da; MACÊDO, Gabriel Fortes Cavalcanti de. **Formação crítico-reflexiva nos avanços em psicologia no Brasil: uma revisão de literatura narrativa**. *Revista Sul-Americana de Psicologia*, 2022. 10(1), 23–46. Disponível em: <https://doi.org/10.29344/2318650X.1.3104>. Acesso em: 11 de set de 2024.

SCHNEIDER, M.S.P.S. **Monitoria: instrumento para trabalhar com a diversidade de conhecimento em sala de aula.** Revista Eletrônica Espaço Acadêmico. v.32, n.5, p.60-75, 2006.

UNIDERP. **Regulamentação do programa de monitoria de ensino da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal.** Disponível em: Homepage:http://www.uniderp.br/ver_pagina.aspx?. Acesso em 27 ago de 2024.



Capítulo 2

Uma Discussão sobre a Importância da Prática Afirmativa Clínica na Formação em Psicologia: Contribuições do Projeto Escuta Com Orgulho (ECO)

Dhâmaris Fonseca do Amarante

Tiago Silveira Cândido

Edson Stapassola

“AMOR NÃO É DOENÇA, É CURA. NÃO É SÓ CLOSE, É LUTA, ENTÃO VÊ
SE ME ESCUTA, ACEITA, ATURA OU SURTA!”

— *Quebrada Queer*

[Esse é um capítulo dedicado à compreensão do Projeto Escuta com Orgulho, desenvolvido e idealizado por professores do Instituto Fratelli, mas que acontece de forma independente. Esse projeto já atendeu pessoas de todo o Brasil e tem sido espaço de escuta e acolhimento ético e potente.]

Introdução

Como é se esconder e dizer que não pode ser aceito socialmente? Como viver dignamente precisando se encaixar em espaços e padrões que não são do meu pertencimento? Como mudar o comportamento, voz ou até vestimentas para que não seja exposto à vergonha e punição comunitária? Como lutar contra os desejos e a própria identidade? Como desacreditar da minha personalidade e do meu jeito de ser, porque me ensinaram que era errado? Todas essas e outras perguntas permeiam o imaginário de pessoas LGBTQIAPN+ evocando reações de intensa dor, silenciamento e aniquilação de processos identitários sucubidos por regras e costumes sociais que abominam o que não é condizente com as “normas”. Tudo que permeia tais costumes é marcado por discursos de ódio e falsos moralismos que desenvolvem tarjas do que é “permitido” ou não culturalmente. Como a música de Caio Prado, “Não Recomendado” diz: “Perverso, mal amado, menino malvado, muito cuidado! Má influência, péssima aparência, menino indecente, viado! A placa de censura no meu rosto diz: não recomendado à sociedade”. Esse retrato de sociedade, aqui demonstrado, rejeita e expurga tudo que seja não condizente a regra e os impactos serão percebidos dentro da prática profissional de psicologia, seja na clínica, organizações, escola ou até mesmo no hospital.

Falar sobre população LGBTQIAPN+ é compreender sobre formas de resistir mediante a uma não conformidade de gênero, sexo biológico, identidade e/ou expressão de gênero divergente a uma heteronormatividade, em que os direitos humanos básicos são infringidos e permitem que essa camada específica esteja em completa vulnerabilidade (Cardoso e Ferro, 2012). O resultado de todo esse esquema que fere e agride, marcado pelas LGBTQifobias em enquadre micro e macro sociais, é condição mobilizadora para diversos tipos de adoecimentos, em especial o psíquico e/ou emocional, que será abordado durante todo o capítulo, intensificando assim processos ansiogênicos, depressivos e risco agravado de suicídio.

Para comprovar os impactos de tais questões as minorias sexuais e de gênero, um estudo piloto da pesquisa Smile, iniciando em 2017 e perdu-

rando até os dias atuais, coordenado pela Universidade de Duke, Estados Unidos, realizado em vários países como Brasil, Camboja, Vietnã, Quênia, Índia e El Salvador, tendo coorte de 3,5 mil pessoas, trouxe dados alarmantes (Agência Brasil, 2023). Os resultados da pesquisa trouxeram que jovens LGBTQIAPN+ em todo mundo já se automutilaram em 52% da amostra, em oposição a jovens cis héteros em 35% ; pessoas LGBTQs já pensaram em suicídio em 44%, contra 26% cis héteros. Sobre a população Trans em específico, o estudo mostra que 92% dessa comunidade já ter pensado em suicídio, no qual, 84% se automutilaram, corroborando também com o Dossiê realizado pela Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA), em que em 2021, trouxe como registro que de 12 casos de suicídio, 2 eram provenientes de homens trans/transmasculinos e 10 casos a mulheres trans/travestis. Esses últimos dados, apresentados pela ANTRA, demonstram que os maiores índices de suicídio/assassinato são endereçados as mulheres trans e travestis, apesar de que o homens trans e transmasculinos são os que mais apresentam ideias e tentativas.

A falta de acesso à educação, saúde, lazer, cultura, alimentação e moradia digna, ocasionados pela exclusão social, também interferem diretamente no experimento do bem-estar e qualidade de vida dos indivíduos. É válido mencionar que os mais diversos tipos de preconceitos e discriminações, vinculados as LGBTQfobias, violência de gênero e racismo, são condições sine qua non dos processos de saúde-doença, acarretando assim adoecimento e sofrimento psíquico (Ministério da Saúde, 2010 apud Silva, Nascimento e Leite Junior, 2023).

Diante disso, se faz necessário que para além do desenvolvimento de pesquisas e estudos para o cuidado em saúde mental a pessoas LGBTQIAPN+, o profissional de psicologia precisa estar sempre em constante reconstrução e comprometido ético com o bem-estar social, para que a escuta não seja julgadora e reforçadora de preconceito. Os estudos, as formações acadêmicas, pós-graduações, cursos extras, além do processo psicoterapêutico pessoal, são peças fundamentais para o exercício formativo na Psicologia sensíveis às minorias sexuais e de gênero. Para além da formação, é imprescindível que tais profissionais necessitem de vivências práticas de contato com as realidades que não só as suas para que possam atender as demandas da população LGBTQIAPN+.

Pensando no compromisso ético-social, surge o Projeto Escuta com Orgulho (ECO), em 2023, como uma perspectiva de cuidado em saúde mental a contramão de pensar a Psicologia de consultório tradicional a um homem, cis hétero e branco, não endereçada as minorias específicas e interseccionais. O ECO é uma iniciativa na modalidade em atendimento de Plantão Psicológico por meio do acolhimento à crise e urgência psicológica à população LGBTQIAPN+ no exato momento de dor psíquica.

As maiores informações sobre o projeto e a sua importância formativa a profissionais compromissados com a população LGBTQIAPN+, caro leitor, convidamos você a se deleitar nas próximas páginas. O nosso objetivo aqui é fomentar a mobilização assertiva para aqueles que já tem um certo conhecimento sobre o tema até mesmo quem é leigo no assunto repensar o modo de fazer Psicologia dentro de um viés afirmativo das identidades LGBTQs. Alguns desconfortos podem vir a surgir durante a leitura, mas lembre-se que alguns incômodos podem ser necessários para que se possam reavaliar pensamentos, posturas, costumes e atitudes.

A prática Clínica Afirmativa na Formação Profissional

Os debates sobre gênero e sexualidade têm sido questionados em vários contextos da psicologia, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) tem elaborado notas, resoluções e orientações sobre as práticas afirmativas com pessoas LGBTQIAPN+. Apesar disso, os estudos trazem que essas discussões nem sempre chegam aos currículos de graduação em Psicologia de várias universidades Brasileiras, o que pode causar ideias opostas àquelas normatizadas e, muitas vezes, trazendo concepções patologizantes sobre indivíduos LGBTQIAPN+, sendo capaz de os futuros profissionais da psicologia possam vir a ter práticas preconceituosas, lgbtfóbicas, opostas às recomendações do CFP.

“A Psicologia, como cuidado em saúde mental tem como objetivo profissional ampliar espaços de respeito a diversidade, acolhimento a todes e dignidade a todo ser humano” (Brasil, 1992, p. 1), promovendo espaços de discussão sobre esse tema, ampliando espaços afirmativos de posicionamento e diálogos sobre esse assunto, uma vez que os profissionais dessa área atuam

em vários campos e seus saberes têm implicações diretas na saúde mental dos indivíduos LGBTQIAPN+ com os quais se trabalha, sendo necessário uma clínica afirmativa.

Em uma pesquisa Stern (2006), realizou um estudo com 242 alunos de vários cursos da área da saúde, incluindo Psicologia, com o objetivo de perceber suas atitudes e conhecimentos sobre pessoas LGBTQIAPN+, como também identificar se os participantes da pesquisa tinham algum conhecimento teórico sobre o assunto. Embora as pesquisas mostrassem que a maioria tinha lido algo sobre o tema, dentre eles os alunos da psicologia, mais de 20% dos participantes trazem o estigma de que pessoas da comunidade tem maiores chances de ter AIDs, outros 32% dos participantes afirmaram ser possível a ideia de “cura gay”, que seria possível reverter um adulto homossexual em heterossexual. Por último, um dado da pesquisa trouxe que 16% dos professores possuem condutas homofóbicas na Psicologia: 16% dos alunos afirmaram ter presenciado posturas homofóbicas de seus professores.

Segundo os dados do Relatório Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+, cerca de 237 pessoas LGBTQIAPN+ foram mortas vítimas de LGBTFOBIA. De acordo com o relatório, no Brasil a cada 36 horas uma pessoa da comunidade sofre homicídio ou suicídio, o que reforça os dados que o Brasil é o país campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Essas violências contra os corpos dissidentes, retratam as diversas violências de gênero, como podemos ver nos dados:

224 homicídios (94,5%) e 13 suicídios (5,5%). Das 113 travestis assassinadas, 72 (63%) foram executadas em espaços públicos, sobretudo, em ruas e vias, evidenciando um contexto marcado pela “prostituição de pista”: Suicídios de LGBT+ são difíceis de mensurar nos registros policiais e nas mídias sociais, pois sua subnotificação é ainda agravada por três estigmas: homossexualidade, gênero diverso, morte intencional (Mott, 2020).

Nesse sentido, os estudos sobre Terapia Afirmitiva tornam-se importantes diante dos recortes de violências que perpassam a clínica psicológica. Na literatura, dentro de tal perspectiva, encontra-se de maneira geral com maiores estudos nas regiões dos Estados Unidos e Europa, na Europa, mais precisamente na Inglaterra. Nos países latinos americanos e no Brasil ainda

faltam recursos teóricos e com ferramentas sobre estes assuntos, pois o material que existe ainda é base.

Nos estudos sobre terapia afirmativa no Brasil, o principal autor que traz discussões sobre o assunto é o psicólogo brasileiro e autor Borges (2009), o mesmo produz materiais sobre o assunto em seu livro: *“Terapia Afirmativa: Uma introdução à psicologia e à psicoterapia dirigida a gays, lésbicas e bissexuais”*, sendo referência em trazer sobre o tema na língua portuguesa. Em 2013, o Klecius Borges lança outra obra o livro *“Muito além do arco-íris: Amor, sexo e relacionamentos na terapia homoafetiva”*, esse livro é um conjunto de vários casos clínicos que ele atendeu relatado no livro, contribuindo para a produção de materiais sobre a terapia afirmativa para a literatura brasileira.

É preciso destacar que a Terapia Afirmativa não é uma abordagem psicológica, mas um olhar psicoterapêutico de forma a auxiliar na abordagem clínica, seja psicanalítica, humanista, behaviorista, cognitiva comportamental ou outra, utilizada pelos profissionais de psicologia. O profissional afirmativo deve ter uma visão sobre as existências LGBTQIAPN+ positiva, espontânea, natural, despatologizada, das sexualidades e identidades de gênero, ou seja, o manejo clínico deve ter como objetivo um viés que promova a reflexão de valores e discussões sobre essas existências, direitos humanos, sobre as violências de forma a tornar a questão mais explícita e propiciar uma reflexão mais crítica e aprofundada entre as pessoas que são atravessadas por uma clínica afirmativa.

A Terapia Afirmativa está intrinsecamente relacionada aos direitos humanos com a compreensão dos marcadores sociais interseccionais. Os fundamentos principais dela tem como cerne as questões de gênero, afetividade, sexualidade, identidades, orientações sexuais, importantes recortes diante das existências LGBTQIAPN+, no entanto, é preciso questionar essas estruturas sociais, culturais, interseccionais que precisam ter um olhar afirmativo. Além disso, outros recortes sociais raça e classe, por exemplo, também vitais para pensar as experiências humanas dissidentes, de como elas existem, se relacionam e são afetadas diante da prática profissional que promovem saúde mental, que nem sempre tende a ser afirmativa (Aquino, 2019).

É importante se questionar enquanto profissional afirmativo, *“você consegue compreender as identidades LGBTQIAP+ como expressões naturais, autênticas e positivas?”* Os estudos teóricos trazem que as LGBTfobias são as principais responsáveis pelas violências e conflitos internos sofridos por pessoas que

fogem da norma do padrão social heteronormativo e cisnormativo. Diante disso, é preciso ter claro conhecimento sobre as estruturas de opressão, violência, exclusão, invisibilidade e anulação das existências.

Borges (2009 p. 14) relata que a terapia afirmativa é: “[...] um conjunto de pressupostos teóricos sobre a homossexualidade e uma atitude clínica especificamente voltada para o desenvolvimento de uma identidade homossexual positiva” e Maylon (1982, p. 68) evidencia da subsequente forma: “[...] conjunto especial de conhecimentos psicológicos que questiona a visão tradicional de que o desejo homossexual e as orientações homossexuais fixas são patológicos.”. Eles mencionam em sua maioria sobre as vivências e a orientação afetiva sexual gay, no entanto, a terapia afirmativa tem sido cada vez mais discutida para toda a comunidade LGBTQIAPN+.

O autor Borges (2009) traz que por muito tempo a psicologia buscava causas, explicações com um olhar patológico sem considerar ou questionar pontos importantes das vivências do cotidiano de pessoas LGBTQIAPN+, ou seja, existem vários tipos de vivências do que é ser uma pessoa lésbica, gay, bissexual, transexual, travesti, preta, pobre, gorda. Esses recortes atravessam os modos de conviver com a família, os cuidados com a saúde, como são esses afetos, quais as formas de se relacionar, os desafios da paternidade ou maternidade, o trabalho e carreira sendo uma pessoa da comunidade. Esses pontos que muitas vezes foram adoecedores e cruéis com pessoas LGBTQIAPN+ passam a ser questionados a partir da terapia afirmativa, pensando em inclusão, respeito à diversidade, em outros tempos as intervenções eram patologizantes, violentas e desumanas. Aspectos que passaram a ser incluídos e contemplados com a transição de paradigma da psicoterapia contemporânea, que em outro cenário, a par da medicina, utilizou-se de intervenções extremamente degradantes, cruéis e totalmente desumanas.

Se desenvolver enquanto pessoa em uma cultura atravessada pela homofobia internalizada, é ser bombardeada o tempo todo com comentários e mensagens negativas em relação a ser LGBTQIAPN+, é estar sendo introjetado diretamente por mensagens preconceituosas, sem perceber e sem se dar conta, nenhuma pessoa está livre de passar por isso, independente de como essa pessoa se percebe e se identifica em termos de gênero ou orientação sexual. Na terapia afirmativa é importante trabalhar esses conceitos introjetados, que faz com que a comunidade possa estar sujeita à repreensões, críticas, abusos emocionais, psicológicos ou sexuais e até mesmo suicídio e morte

por serem quem são, trazer esse olhar e escuta, é estar comprometido com a valorização e qualidade de vida.

Por isso que não basta apenas se dizer mente aberta, ou dizer que gosta de atender a comunidade LGBTQIAPN+, como diz o autor KORT: “Estar desinformado é uma forma de preconceito por omissão.” A prática clínica afirmativa necessita de conhecimento teórico e prático profissional, de forma ética, com respeito a diversidade e individualidade. A Psicologia Afirmativa convida o terapeuta a refletir sobre os temas das LGBT+fobias e heterociscentrismo, de maneira a estar atento a como os mesmos impactam seus clientes e como os afetam igualmente (Kort, 2008, p. 18).

O Projeto Escuta com Orgulho (ECO) como uma proposta de Prática Clínica Afirmativa: Relato de uma experiência

O projeto Escuta com Orgulho (ECO) é um coletivo de profissionais de psicologia que buscam por meio de uma escuta qualificada, acolhedora e afirmativa dispor de plantão psicológico gratuito voltado à população LGBTQIAPN+. Muito além de um projeto que visa promover alternativas diante dos sofrimentos que cotidianamente somos colocados (falo enquanto gay e psicólogo), o ECO se constitui como um espaço de formação dos profissionais que o compõem. Através das suas oficinas elaboradas pelos próprios profissionais, dos espaços de intervenção e diálogos transversais, o ECO emerge como um projeto de resistência frente às desigualdades que socialmente somos colocados, desigualdades que afetam diretamente a nossa saúde mental.

Em atividade desde fevereiro de 2023, o ECO já efetuou 378 atendimentos de plantão psicológico gratuito voltadas a pessoas que se identificam como LGBTQIAPN+, pessoas com histórias de vidas marcadas pela violência, pela preconceito. Sujeitos que confiaram no ECO em seus momentos de maior vulnerabilidade a fim de encontrar alternativas diante dos seus sofrimentos. Através de uma escuta qualificada, de um atendimento humanizado o ECO se demonstrou muito mais que um serviço de plantão psicológico, também constituiu um espaço preocupado com a formação da equipe que o com-

põe. Contando atualmente 25 voluntários, entre profissionais e estagiários, a equipe do ECO também é formada na sua grande maioria por pessoas LGBTQIAPN+, pessoas que sabem o que isso significa, que conhecem na carne as dores e as violências que isso representa. Pessoas que disponibilizam o seu tempo, o seu saber profissional para fazer a diferença no mundo ou no mundo das pessoas que buscam atendimentos. Pensando na qualidade de seus serviços e na formação dos voluntários, o ECO dispõe de formações mensais relacionadas aos temas que surgem nos próprios atendimentos de plantão, como intervenção diante ideação suicida, políticas públicas, além das bases técnica e teórica sobre plantão psicológico e Terapia Afirmativa.

Nesse breve relato gostaria de falar em primeira pessoa, como homem gay, psicólogo e sobre a maneira como o ECO me toca. Iniciarei com os porquês que me movimentam enquanto plantonista, enquanto voluntário do ECO. Sobre os porquês que me acompanham. Os porquês sobre a minha sexualidade, sobre o meu gênero, sobre o meu performar que por muito tempo foi algo vivido entre meio de muitos conflitos sociais e subjetivos. Mas de onde surgiram esses conflitos e as expectativas que me acompanhavam? O quanto foi possível refletir e questionar sobre essas expectativas ou tive que assumi-las de modo instituído? Neste campo de questões, de uma busca por uma auto aceitação constante em relação uma conflitiva de sentir, de amar, de existir, contrária dos ditos “corretos”, essas foram questões que foram me acompanhando durante a minha formação enquanto psicólogo, questões internas que foram direcionando me a autores, teorias e discursos, em uma construção de conhecimentos que aos poucos foram permitindo encontrar o meu espaço como homem gay, como psicólogo, promovendo um espaço resistência e pertencimento.

Algo que quero deixar elucidado, abordar estes temas não é apenas falar das diferenças, mas também nas desigualdades produzidas em função da construção dessas diferenças (Salih, 2012). Neste contexto, performar fora dos padrões, mais especificamente como LGBTQIAPN+, nos coloca frente uma precariedade, uma condição politicamente induzida, no qual sofremos com a fragilidade de redes econômicas e sociais mais que outros, nos tornando mais expostos aos danos, a violência e a morte (Butler, 2015). Ser LGBTQIAPN+ é conviver cotidianamente com sentimentos de incerteza e expostos a vulnerabilidades, quanto a nossa existência e sobrevivência (sim-

bólica e de fato), em que resistir muitas vezes não é uma opção, mas a única forma de manter-se vivo.

Assim, nesta busca por autocompreensão, senso crítico e possibilidades de resignificar angústias, fiquei diante do dilema, “*como posso fazer a diferença dentro de uma sociedade que adoce a mim e tantos outros que se identificam como LGBTQIAPN+?*”. Desta forma iniciou o meu percurso, um percurso constante na busca pelo desenvolvimento de uma Clínica Afirmativa, de uma abordagem terapêutica capaz de reconhecer e respeitar a identidade e experiência de grupos historicamente marginalizados (como nós, LGBTQIAPN+). Com intuito possibilitar um ambiente acolhedor e de apoio, em que fosse possível explorar questões relacionadas a nossa orientação sexual, identidade de gênero e outras tantas características oriundas da organização em sociedade que se relacionam e até potencializam o sofrimento mental.

Algo que enfatizo é contribuição do ECO nessa minha caminhada, na importância das trocas entre colegas que compartilham do mesmo ideal, de construir uma Psicologia, uma Clínica Afirmativa capaz de compreender as experiências específicas e desafios enfrentados por nós LGBTQIAPN+ e a busca em promover aceitação, autoestima e bem-estar emocional. Aos que estão me acompanhando nesse breve relato, um lembrete, precisamos estar atentos às questões sociais, culturais e políticas que atravessam a vida de nossos pacientes, para assim criar um espaço seguro onde a diversidade seja debatida e valorizada.

Como proceder em atendimento clínico e ético diante de uma Prática Afirmativa?

Para o acolhimento adequado e condizente aos aspectos éticos da Psicologia dentro de um viés afirmativo, o psicoterapeuta deverá em sua escuta qualificada estar constantemente em trabalho promovendo a autoaceitação positiva do indivíduo LGBTQIAPN+, reduzindo o estigma vivenciado, independentemente das queixas e demandas que foram trazidas, sejam elas por preconceito institucionalizados ou preconceito sexual internalizado (Ramos, 2023).

Mediante a tal propósito, serão apresentados 10 pontos referente a alguns cuidados que devem ser tomados no que tange o vínculo terapêutico quando se objetiva uma prática afirmativa e inclusiva no manejo as Minorias Sexuais e de Gênero, segundo Paveltchuk e Carvalho (2015) e Ramos (2023):

1. É indispensável que o Terapeuta Afirmativo tenha em mente que posturas e discursos heteronormativos podem ser impedidores do estreitamento da relação e manejo psicoterapêutico a indivíduos LGBTQIAPN+;
2. O Terapeuta Afirmativo deve ser zeloso e ético no que cerne a utilização da linguagem LGBT-inclusiva e não heteronromativa nos instrumentos utilizados como entrevistas de anamnese, prontuários, questionários, dentre outros;
3. É aconselhável que o Psicoterapeuta esteja minimamente familiarizado com a cultura LGBTQIAPN+ e os termos mais utilizados pela comunidade, sendo necessário consumir autores, artes, mídia e personalidades LGBTs;
4. Estar atento a expressões que devem ser abolidas de seu vocabulário como “Opção Sexual”, “O travesti”; “Traveco”; “Homossexualismo”, dentre outros, que são consideradas inadequadas pela Associação Americana de Psicologia (APA), por ser promotora que vexames e vulnerabilidades, além de agravos psíquicos;
5. É importante não rotular comportamentos e afetos dos clientes/pacientes como pessoas Lésbicas, Bi, Gay ou Trans sem que estes tenham se autoafirmado. É compreensível que muitas identidades LGBTs são autoatribuídas, porém, não podemos ser agentes de pressão nesse momento delicado de percepção de si. Um exemplo disso é rotular o cliente/paciente homem cis como Gay por ele ter tido relações sexuais com outros homens, inviabilizado que ele não se autodeclare de tal forma. Uma das terminologias seria Homens que fazem Sexo com Outros Homens (HSH).
6. No que se refere a pessoas Transexuais e Travestis, o psicoterapeuta não deve declarar o gênero do cliente antemão sem que este pergunte como gostaria de ser chamado, perante a sua identidade de gênero e os pronomes utilizados. Vale destacar que, não legitimar tais identidades afetará no vínculo terapêutico, reforçando um comportamento de desvalidação e transmitindo a mensagem de que a maneira como o indivíduo se percebe é inadequada, além de trazer prejuízos graves provenientes da má prática profissional. Lembre-se que não existe tratamento apropriado se o terapeuta não respeita aquele (a/u) que busca por psicoterapia;
7. O Terapeuta Afirmativo deverá se afastar dos seus próprios preceitos morais e mitos religiosos que podem de alguma forma potencializar crenças desadaptativas do indivíduo LGBTQIAPN+, e reafirmar de forma enfática que a sua prática deverá estar respaldada na cientificidade;

8. Em atendimento a indivíduos LGBTs de maneira presencial, seja em clínicas ou ambientes organizacionais, os psicoterapeutas deverão ter o cuidado em propiciar um ambiente receptivo mesmo fora do consultório por meio de treinamentos a equipe de local de atendimento, como colaboradores, recepcionistas, seguranças, estacionamento, dentre outros;
9. É apropriado que o terapeuta tenha em domínio uma lista de serviços essenciais para a proteção e cuidado dos clientes LGBTQIAPN+ para orientações em casos de violência em flagrante como delegacias especializadas, Conselho Tutelar em caso de menor de idade, Ministério Público e disque 100 correspondente a denúncias que infrinjam os Direitos Humanos, além de encaminhamentos de Caps, Creas e Cras, em caso de Atendimento Online para órgãos mais próximos dos mesmos em Saúde Mental;
10. É recomendável que o psicoterapeuta reavalie constantemente as suas próprias crenças no que diz respeito às Minorias Sexuais e de Gênero, seja de maneira auto reflexiva ou em psicoterapia individual, a fim de observar de que forma a sua conduta pode estar exercendo influência nas suas próprias cognições para que uma atitude não afirmativa seja evitada.

Os pontos retratados acima são norteadores para uma boa prática do Terapeuta Afirmativo, porém para além disso, é importante destacar a luz do Código de Ética das Psicólogas que o profissional de Psicologia deve agir de forma racional e consciente, procurando evitar trazer prejuízos aos seus clientes, compreendendo que posturas não condizentes com acolhimento total reforça padrões disfuncionais de pensamento e comportamento, agentes de influência direta na formação de psicopatologias.

Se faz necessário como princípio basilar que Conselho Federal de Psicologia (CFP), a partir das resoluções 001/99, 001/2018, 08/2022 determina que as psicólogas não colaborarão com serviços que proponham tratamento e cura tanto das homossexualidades quanto de identidade trans, assim como o aniquilamento de identidades bissexuais e não monossexuais. Tais resoluções reafirmam com afinco que independentemente de onde ou como o psicólogo esteja e atue, este será traspassado por questões ligadas a Gênero e Sexualidade, não sendo uma opção descartar tais cuidados. Além das resoluções citadas, o artigo 2 do código de ética da psicóloga, no que diz respeito “Ao que é vedado fazer”, mostra que não se deve ser conivente ou praticar quaisquer atos que possam caracterizar negligência, discriminação, violência crueldade ou opressão. Sendo assim, estão excluídas práticas ditas como terapêuticas que objetivam modificações comportamentais e “conversão” de pessoas LGBTQIAPN+ a cisheteronormatividade.

Considerações Finais

Concluímos e voltamos a enfatizar a importância do ECO, como espaço de pontencia e resistência frente das vulnerabilidades a que a comunidade LGBTQIAPN+ está cotidianamente exposta. O ECO se estabelece como um projeto pioneiro na área de plantão gratuito psicológico voltado à comunidade LGBTQIAPN+. Muito além do objetivo do projeto que é o plantão psicológico, o ECO intervém nas microrrevoluções, quando busca desenvolver os profissionais que o compõem, visando um atendimento de qualidade para os usuários do plantão, além de contribuir na clínica particular de cada profissional.

Aos poucos o ECO vai ganhando espaço, levando a importância da Clínica Afirmativa a ecoar em espaços diversos, se fazendo presente em lugares que até então eram ignorados. Sim, a população LGBTQIAPN+ existe, sua saúde mental é atravessada por questões sociais oriundas das desigualdades de gênero, do preconceito em relação às orientações sexuais dissidentes. E quando damos voz, tornamos o invisível, visível, geramos mudanças.

Um dos desafios desse estudo foi perceber a escassez de literaturas brasileiras mais aprofundadas sobre essa temática, tanto que um dos principais autores de referência em todos os trabalhos sobre psicologia afirmativa é o Klecius Borges. Esse desafio mostra a importância de pesquisas e estudos na área da Terapia Afirmativa. Outro ponto a ser questionado é: diante de tantas violências a comunidade LGBTQIAPN+, por que a ausência de conteúdos sobre esta temática em nossas bases curriculares de formação acadêmica.

Mesmo que em partes possam existir avanços significativos, ainda é um risco para uma pessoa LGBTQIAPN+ viver em um país como o Brasil, em que viver pode ser violento, trazendo sofrimentos ou até mesmo a morte. Durante essa pesquisa, buscamos adotar bases teóricas que incentivem a construção de uma atuação profissional afirmativa baseada na compreensão de uma terapia afirmativa que reconhece, estuda, acolhe, e orienta as diversas possibilidades de expressão humana.

Sendo assim, é de extrema importância que essas questões sejam aplicadas de forma direta na formação profissional, podendo levar esses assuntos a vários espaços, que seja fundamental o compromisso com a diversidade, com as existências LGBTQIAPN+, garantindo saúde mental e direitos. É preciso que a Psicologia também saia do armário do preconceito e esteja atenta às

narrativas estruturais de enfrentamento às violências e promoção de políticas que visem à proteção da população LGBTQIAPN+.

Referências Bibliográficas

AGÊNCIA BRASIL. **Pesquisa Reunirá dados sobre saúde mental de 3,5 mil pessoas LGBTI+**. 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-07/pesquisa-reunira-dados-sobre-saude-mental-de-35-mil-pessoas-lgbti>> Acesso em: 17 de março de 2024.

AQUINO, Maria. L. B. **A terapia afirmativa LGBT+, direitos humanos e interseccionalidade: a importância de um olhar integrado**. UNILA: Universidade Federal da Integração Latino-americana. Foz do Iguaçu, 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRAVESTIS E TRANSSEXUAIS (ANTRA). **Dossiê Assassinato e Violências Contra Travestis e Transsexuais Brasileiras em 2021**. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>>. Acesso em: 17 de março de 2024.

BRASIL. Ministério do Trabalho. Conselho Federal de Psicologia (1992). **Atribuições profissionais do psicólogo no Brasil: Contribuição do Conselho Federal de Psicologia ao Ministério do Trabalho para integrar o catálogo brasileiro de ocupações**. Brasília, DF: o autor. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr_prof_psicologo.pdf>. Acesso em: 19 de Mar de 2024.

BORGES, K. **Terapia Afirmativa: uma introdução à psicologia e à psicoterapia dirigida a gays, lésbicas e bissexuais**. São Paulo: GLS, 2009.

BUTLER, Judith. **Notes towards a performative theory of assembly**. Harvard: HarvardUniversity Press, 2015. [Tradução para fins didáticos realizada por Leandro Soares da Silva. Eunápolis:UNEB, 2017.]

CARDOSO, M. R.; FERRO, L. F.. Saúde e população LGBT: demandas e especificidades em questão. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n. 3, p. 552–563, 2012.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução nº 01, de 22 de março de 1999**. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf>. Acesso em: 17 de março de 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução nº 01, de 29 de janeiro de 2018**. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/01/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-01-2018.pdf>>. Acesso em: 17 de março de 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução nº 08, de 17 de maio de 2022**. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-8-de-17-de-maio-de-2022-401069557>>. Acesso em: 17 de março de 2024.

KORT, J. **Gay affirmative therapy for the straight clinician: the essential guide**. New York: W.W. Norton & Company, 2008.

MOTT L, Michels E. **Relatório 2020: Assassinatos de LGBT no Brasil [Internet]. Brasil: Grupo Gay da Bahia - GGB; 2020.** Disponível em: <<https://grupogaydabahia.com.br/2021/05/14/relatorio-observatorio-de-mortesviolentas-de-lgbti-no-brasil-2020/>> Acesso em: 25 de fevereiro 2024.

RAMOS, M. M. **Manual de terapia afirmativa: um guia para a psicoterapia com pessoas LGBTQ+.** - 1 ed - Aracaju, SE: Afirmativa, 2023.

SARA, SALIH. **Judith Butler e a Teoria Queer.** Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2012.9788565381376. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788565381376/>. Acesso em: 28 mar. 2021.

SILVA, L. L. S.; NASCIMENTO, I. M. V.; LEITE JUNIOR, F. F. Saúde mental e o cuidado à população LGBTQIAPN+: orientação sexual e diversidade de gênero como determinantes sociais da saúde. **Revista Sustinere**, v. 11, n 1, p. 167-190, 2023.

STERN, F. L. (2006). **A visão dos futuros terapeutas sobre a homossexualidade em atendimento. Seminário fazendo gênero: Simpósio Temático: Articulando gênero e geração aos estudos de saúde e sexualidade.** Florianópolis, SC, Brasil, 14. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/W/Wedekin_Stern_14.pdf>. Acesso em: 03 de Mar de 2024.

PAVELTCHUK, F. O.; CARVALHO, M. R. **Contribuições das Terapias Cognitivas-Comportamentais no Manejo do Estresse de Minorias em Lésbicas, Gays, Bissexuais e Pessoas Trans.** XIII Mostra de TCC, 2015.

Capítulo 3

De Estudante de Psicologia a Agente de Mudança Psicossocial: Explorando os Aspectos Relacionais do Trabalho Voluntário na Vida Universitária

Rebeca Silva Saraiva

Sarah Meneses da Silva

“É FUNDAMENTAL DIMINUIR A DISTÂNCIA ENTRE O QUE SE DIZ E O QUE SE FAZ, DE TAL FORMA QUE, NUM DADO MOMENTO, A TUA FALA SEJA A TUA PRÁTICA.”

— *Paulo Freire*

Introdução

Durante a graduação em Psicologia, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais, diversas práticas enriquecedoras são possibilitadas aos estudantes, dentre elas, o trabalho voluntário (Brasil, 1996). O voluntariado define-se enquanto um meio para que os estudantes tenham a oportunidade de aplicar seus conhecimentos teóricos em um ambiente prático e real. Apesar de motivações variáveis, ao se envolverem em atividades voluntárias, os estudantes podem desenvolver habilidades interpessoais, empatia, e compreensão ampliada das necessidades da comunidade. Além disso, o trabalho voluntário poderá fornecer experiências valiosas que complementam a formação acadêmica, contribuindo para a promoção de *networking* e oportunidades de crescimento pessoal e profissional dos futuros psicólogos.

O processo histórico do voluntariado é perpassado pelo interesse de cuidar e atender as demandas que necessitam serem solucionadas e/ou terem uma assistência imediata para uma melhora social e apaziguamento de situações desafiadoras, a busca pela realização de trabalhos não remunerados de modo assistencialista e/ou comprometidas com a mudança do cenário vulnerável se intensificou após o ano de 2011 com a proclamação do “Ano Europeu do voluntariado”, no qual sua principal pauta foi discutir a importância do trabalho voluntário exercido em diferentes países que possuem um papel de sensibilidade ao próximo (Silva e Macêdo, 2022).

Segundo os supracitados, em diversos países e também no Brasil, são empenhados meios de motivar e encorajar os interessados em ações voluntárias pois a partir dessas atividades, percebe-se que são intensificadas as relações sociais, tanto no aspecto de trabalho em equipe como na demonstração do compromisso social e a capacidade de se relacionar em diferentes contextos.

Mesmo não havendo um vínculo empregatício e consequentemente, uma remuneração, o voluntariado segundo Andion (2001, p. 12) “tem por base fatores motivacionais, grau de implicação e expectativas distintas dos padrões presentes nas relações salariais tradicionais e por isso deve ser gerido de uma forma específica”. Nesse sentido, é pertinente reconhecer que o trabalho voluntário exercido ao longo de uma faculdade também permeia desafios. Entre eles, a conciliação das atividades voluntárias com os compromissos

acadêmicos, a busca por oportunidades de voluntariado relevantes e significativas, e a necessidade de lidar com questões éticas e de confidencialidade.

Partindo desse pressuposto, ao longo deste capítulo, será dialogado com o leitor, a pertinência do voluntariado enquanto componente de formação profissional do universitário, a relação do trabalho voluntário e o desenvolvimento profissional, e as subseqüentes habilidades necessárias para superar os possíveis desafios que permeiam essa vivência, considerando que “ o trabalho voluntário foi normatizado pela Lei 9.608/986, a Lei do Voluntariado — que passou não apenas a normatizar as relações deste tipo de trabalho, mas também viabilizou a quantificação das instituições que atuam em território brasileiro com atividades inseridas no Terceiro Setor” (Silva e Macêdo, 2022, p. 7949):

O trabalho voluntário tem alcançado notoriedade a cada dia, principalmente por parte das empresas que apóiam projetos sociais, motivo geralmente relacionado à questão da responsabilidade social corporativa, e valorizam a realização de trabalho voluntário em processos seletivos, muitas vezes dando espaço para que o candidato destaque sua experiência no currículo ou em outras etapas da seleção (Oliveira e Pinto, p. 201).

Contudo, para a realização dessa forma de trabalho, o interessado precisa se ater a três principais fatores (Faria, 2009): organização, comprometimento e abordagem ética. Assim como nas demais áreas, a organização é fundamental para garantir a eficácia e o impacto das ações realizadas, dessa forma, é preciso manter um ambiente minimamente organizado e estruturado para facilitar a execução das atividades e a colaboração entre os voluntários. O comprometimento dos voluntários é essencial para o sucesso das iniciativas, dessa forma, é preciso engajamento e dedicação para contribuir e cumprir com as responsabilidades assumidas, demonstrando assim, o interesse genuíno em fazer a diferença. E por fim, ressalta-se a necessidade de uma abordagem ética e responsável, devendo agir de acordo com os princípios éticos, respeitando a dignidade e os direitos das pessoas atendidas, e garantindo a transparência e a integridade em todas as ações realizadas.

Discussões da temática

Para muitos, o trabalho voluntário se trata apenas de uma atividade realizada de forma não remunerada, por escolha própria e que contribuirá para o bem-estar de outras pessoas ou para causas sociais. Para nós, eternos estudantes, o trabalho voluntário ultrapassa muros acadêmicos, sendo uma oportunidade valiosa de aplicar os conhecimentos prévios e as habilidades em contextos reais. É uma ação altruísta e solidária, onde o voluntário dedica seu tempo, conhecimento e habilidades em prol de ajudar a comunidade ou causas que considera importantes. Dentre os benefícios, é possível listar a experiência prática, o desenvolvimento de competências socioemocionais, a ampliação da rede de contatos (o famoso *networking*), a possibilidade de explorar diferentes áreas de interesse e a oportunidade de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e solidária:

Nesse contexto trabalho voluntário é um campo em que a psicologia pode e deve estudar de forma cada vez mais abrangente, a fim de trazer como contribuição reflexões e apreciação sobre a disponibilidade humana em servir de forma voluntária, atentando aos interesses implicados e suas motivações pessoais (Silva e Macêdo, 2022, p. 7.958).

Na sociedade, o voluntariado tende a fortalecer o tecido social na medida em que tanto resulta na promoção do bem-estar coletivo como contribui para a construção de uma comunidade mais inclusiva e solidária. Na contemporaneidade, pode-se tê-lo como um instrumento importante na formação cidadã dos estudantes, pois demandará o desenvolvimento do senso de responsabilidade e de consciência crítica em relação às questões e os desafios sociais (Gilio, 2000).

Nessa perspectiva, haverá em um lado os benefícios significativos na vida pessoal e profissional, e de outro, os desafios interferentes nos mesmos eixos (Domeneghetti, 2001). Agora, iremos conversar sobre os possíveis desafios enfrentados por voluntários, discorrendo sobre a gestão de tempo; falta de recursos financeiros; e o contato com o sentir-se frustrado e impotente. Quanto à gestão do tempo, a literatura sinaliza que essa é uma das principais dificuldades enfrentadas pelos voluntários, uma vez que é necessário equilibrar suas atividades voluntárias com compromissos acadêmicos, profissionais e pessoais (Rodrigues et al., 2014).

Para executar o voluntariado, haverá a necessidade de dividir o tempo de forma eficiente entre diferentes responsabilidades e isso, pode vir a gerar estresse e sobrecarga. A fim de prevenir esse desencadeamento, será essencial que os voluntários aprendam a estabelecer prioridades, definir limites e criar uma rotina organizada para garantir que consigam cumprir com todos os seus compromissos de forma equilibrada e saudável. A habilidade de gerenciar o tempo de forma eficaz é fundamental para o sucesso e a sustentabilidade do trabalho, permitindo que os voluntários continuem contribuindo de maneira significativa para a comunidade e conciliem as suas atividades voluntárias com compromissos acadêmicos, profissionais e pessoais.

Além disso, a falta de recursos financeiros e materiais pode ser um obstáculo para a realização de projetos voluntários de grande impacto (Giacomini-Filho e Almeida, 2016). Sem os recursos necessários, os voluntários podem enfrentar dificuldades para implementar suas ideias e alcançar os objetivos propostos. A escassez de fundos pode limitar a capacidade de expandir as atividades do projeto, adquirir equipamentos adequados, contratar profissionais especializados ou oferecer suporte adequado às comunidades atendidas. Para superar esse obstáculo, os voluntários podem buscar parcerias com organizações, empresas e instituições governamentais, além de desenvolver estratégias criativas de captação de recursos e mobilização da comunidade.

Em suma, outro desafio comum é lidar com a frustração e a impotência diante das dificuldades enfrentadas pelas comunidades atendidas, o que pode gerar desgaste emocional nos voluntários (Silva e Macêdo, 2022). Ao se confrontarem com situações de injustiça, desigualdade e sofrimento, os voluntários podem sentir-se sobrecarregados e impotentes diante da magnitude dos problemas. Essa sensação de desamparo pode levar a um desgaste emocional, resultando em sentimentos de tristeza, ansiedade e até mesmo esgotamento. Com esse propósito, é fundamental que os voluntários tenham suporte emocional e psicológico adequado para lidar com essas emoções desafiadoras, seja por meio de supervisão, apoio de colegas ou acompanhamento profissional. Ao considerar esses desafios emocionais, os voluntários podem desenvolver resiliência e fortalecer sua capacidade de continuar contribuindo de forma positiva para as comunidades atendidas.

Com o intuito de superar e enfrentar esses desafios, o nosso objetivo é de poder fortalecer o senso de propósito e a solidariedade dos voluntários, contribuindo para o seu crescimento pessoal e profissional. Logo, evidencia-se

que, o interesse e a possibilidade de se dispor a realizar atividades voluntárias na graduação em Psicologia é uma vasta possibilidade de experienciar a atuação prática em assistência a comunidades vulneráveis e articular com os saberes teóricos da graduação. Para tal, deve ser levado em consideração que a articulação teórico-prática faz parte dos requisitos fundamentais de uma boa formação acadêmica, visto com Santana et al., (2021), que, muitas empresas que apoiam atividades vinculadas à responsabilidade social, enfatizam em seus processos seletivos a importância de experiências anteriores que estejam vinculadas ao voluntariado.

O trabalho voluntário que motivou a nossa escrita, se deu por meio dos atendimentos em Plantão Psicológico de pessoas assistidas pela clínica escola da Universidade Federal do Ceará (UFC), através da extensão universitária. Por intermédio das práticas em Plantão Psicológico que, novas experiências e oportunidades emergiram em nossas vidas acadêmicas e profissionais. A primeira experiência no voluntariado revelou-se como um alicerce firme em nossa carreira, para então se construir novas práticas pautadas na ética e no comprometimento psicossocial.

Buscando promover uma acessibilidade, torna-se necessário exemplificar a prática do Plantão Psicológico como um compromisso ético-político de assistência à comunidade:

O Plantão Psicológico, então, oferece um espaço de ação e intervenção psicológica à população que procura a Clínica Escola de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, buscando ajudar cada pessoa a ter uma maior autonomia emocional e a compreender melhor sua realidade e suas vivências, não só no campo psicológico, mas também no que concerne à sua realidade social (Borges et al., 2017, p. 96).

Posto isto, a compreensão da modalidade de atendimento em Plantão Psicológico se dá por meio da possibilidade de acolhimento e escuta qualificada para as mais diversas urgências psíquicas vivenciadas pelos sujeitos na contemporaneidade. De acordo com os supracitados Borges et al., (2017, p. 106) “O plantão permite aos discentes repensar antigas práticas, ampliar seu repertório profissional e discutir alternativas de atuação profissional adequadas ao atual contexto da sociedade”.

A prática da clínica psicológica tradicional não atende plenamente às demandas da comunidade, uma vez que estamos sujeitos a diversos fenômenos em diferentes momentos da nossa vida, que precisam ser acolhidos e trabalhados quando se tornam urgências psíquicas, independente da situação socioeconômica do indivíduo e/ou grupo social que está em sofrimento (Carvalho et al., 2022).

O atendimento ofertado à comunidade em geral, de maneira que atenda as demandas de crise em atendimentos únicos ou com poucos retornos, além de diminuir as filas de espera nas clínicas escolas de Psicologia, possibilita uma organização mínima e um entendimento pontual a respeito do próprio sofrimento, no momento da crise podendo vir a ser o suficiente na situação ou mesmo auxiliar no encaminhamento para um outro serviço (Carvalho et al., 2022, p. 17).

Desse modo, o voluntariado em plantão psicológico surge como uma possibilidade de acolher de modo efetivo um maior número de pessoas que sofrem e não possuem condições financeiras para se enquadrarem aos moldes da clínica tradicional, que se mostra em muitas ocasiões elitista. Sendo essa experiência de atendimento um modo de enfrentar desafios e lidar com diferentes realidades, desenvolvendo assim habilidades como resiliência, senso de equipe e escuta ativa e qualificada para lidar com emergências psíquicas.

O compromisso com o voluntariado, de acordo com Santana et al., (2021) proporciona a construção de uma relação sociocultural entre o ambiente comunitário que está sendo assistido pelos voluntários que também são universitários e o meio acadêmico que, a partir da prática de seus estudantes na comunidade se aproxima da realidade sociocultural da população, sendo essa relação de grande valia para o aprendizado, o ensino e a pesquisa, que são os três fatores que impulsionam a formação acadêmica das diferentes áreas do saber.

Por meio da vivência voluntária de experimentar a assistência à comunidade local, foi possível unificar o conhecimento técnico com a prática no campo, que muitas vezes se apresenta por meio da sobreposição de fatores sociais que definem a identidade de uma comunidade e a forma que os sujeitos que a compõe se colocam no mundo. Sendo, por intermédio dessa bagagem prática, que surge o entendimento de que a teoria sem a experiência se torna empobrecida de sentido.

Como Silva e Mâcedo (2022, p. 7951) trazem, “o trabalho voluntário ganha novos sentidos e significados, e desvelar e compreender este fenômeno, em sua complexidade, é um desafio científico atual”, pois os novos sentidos e significados desafiam as concepções tradicionais. Compreender e desvelar essa transformação em sua complexidade representa a necessidade de uma análise de diversos fatores, como as motivações dos voluntários, os impactos das ações voluntárias na sociedade e a interação entre os voluntários e as comunidades atendidas.

Vale ressaltar que, o voluntariado ultrapassa os limites de doação de tempo, conhecimento teórico e recursos, ele está vinculado aos sentidos que são associados ao exercício de atividades laborais, sendo elas remuneradas ou não. O trabalho exerce uma grande contribuição para a construção da identidade do indivíduo e no voluntariado não seria diferente, o ato de servir e romper barreiras sociais e culturais fortalece o entendimento de empatia e humanização no cultivo de uma compreensão de cidadania ativa, para a estruturação de uma sociedade sensível às dores do outro.

Considerações Finais

Neste capítulo, exploramos uma breve jornada sobre como os estudantes de Psicologia podem vir a se tornar agentes de mudança psicossocial por meio do trabalho voluntário durante a vivência universitária. Ao analisar os aspectos relacionais envolvidos nesse processo, podemos observar como a interação com a comunidade e a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos na sala de aula podem impactar positivamente não apenas a vida dos voluntários, mas também aqueles que são beneficiados por suas ações, pois, estudar o trabalho voluntário sob uma perspectiva psicológica permite identificar fatores que influenciam a participação, a satisfação e o impacto das ações voluntárias, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes e sustentáveis nesse campo.

Por meio das experiências alcançáveis, os estudantes não apenas desenvolvem habilidades profissionais e pessoais, mas também se tornam conscientes do seu papel como agentes de transformação social, contribuindo para uma sociedade mais justa e solidária. Contudo, vale a ressalva sobre os desafios que permeiam essa prática e que estão intimamente ligados com as necessidades de arcar com os custos da vida universitária e ainda conciliar uma prática

não remunerada com as demandas, sejam elas financeiras que, se mostram em diferentes aspectos, seja no transporte para deslocamento, material de estudos, cursos livres, entre outros ou sejam elas, emocionais, que se apresentam na perspectiva relacional entre os seres humanos.

Nesse contexto, o voluntariado apresenta-se como uma modalidade de consolidação do conhecimento teórico e a aplicação dos saberes técnicos-científicos na vivência prática, que, caracteriza-se por uma experiência de grande valia para o desenvolvimento profissional de estudantes de psicologia, que buscam uma formação para além dos muros da universidade podendo implicar que, tanto a comunidade acadêmica quanto a comunidade assistida beneficiam-se dessa modalidade de trabalho.

A crescente importância do trabalho voluntário como ferramenta de transformação social e desenvolvimento pessoal demanda investigação aprofundada desse fenômeno, a fim de promover uma compreensão mais abrangente e embasada sobre o papel e a relevância do voluntariado na sociedade contemporânea. A Psicologia por sua vez, desempenha um papel fundamental ao estudar de forma abrangente as motivações e interesses das pessoas envolvidas nessa prática, ao analisar a disponibilidade humana em servir de forma voluntária, e ao contribuir com reflexões e apreciações que ajudam a compreender os aspectos emocionais, cognitivos e sociais envolvidos nesse tipo de ações.

Este capítulo possui o intuito de contribuir para que futuras pesquisas possam surgir, a partir da necessidade do cuidado com os indivíduos que exercem atividades voluntárias, em vista dos resultados encontrados. Sua relevância é apresentada, por meio dos impactos das ações realizadas para a comunidade como um todo, acadêmica ou dos beneficiados, sendo o voluntariado um dos pilares do desenvolvimento da nossa sociedade. Posto isso, é necessário o apoio e o desenvolvimento de políticas públicas para atender as demandas dos voluntários, promovendo maior qualidade de vida e dignidade laboral.

Referências Bibliográficas

ANDION, Carolina M. As Particularidades da Gestão em Organizações da Economia Solidária. In: **ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**, 25., 22-26 de setembro de 2001, Campinas/São Paulo, Anais. Campinas, 2001.

BORGES, Isadora Luciana Furtado; DANTAS, Jurema Barros; BRITO, Liliana de Sousa. PLANTÃO PSICOLÓGICO: acolhimento e escuta na clínica escola da ufc. **Extensão em Ação**, Fortaleza, v. 2, n. 14, p. 94-107, set. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/extensaoemacao/article/view/20353>. Acesso em: 31 mar. 2024.

CARVALHO, Francisco Luan de Souza. Atitudes Facilitadoras no atendimento na Urgência Psicológica: contribuições e interlocuções com o plantão psicológico. In: CARVALHO, Francisco Luan de Souza; AMARAL, Kariny Patrício; FREIRE, Bruna Myrlla Ribeiro (org.). **Plantão Psicológico: diálogos transversais**. Florianópolis: Dois Por Quatro, 2022..

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9.394, de 20 dez. 1996**. Disponível em: <<portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>.

DOMENEGHETTI, Ana Maria. **Voluntariado-gestão do trabalho**. Editora Esfera, 2001.

FARIA, Diego Biondi. **O Valor do Voluntariado nas Organizações**. Rio de Janeiro, 2009. Monografia de Bacharelado, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

GIACOMINI-FILHO, Gino; ALMEIDA, Ricardo Carvalho de. O novo voluntariado e a comunicação de ONGs no contexto da América Latina. **Educação, Cultura e Comunicação**, v. 7, n. 14, 2016.

GILIO, Ismael. **Trabalho e educação: formação profissional e mercado de trabalho**. São Paulo: Nobel, 2000.

OLIVEIRA, Lidiane Duarte Silva de; PINTO, Sandra Regina da Rocha. **A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO VOLUNTÁRIO NO DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS DO ESTUDANTE**. Departamento de Administração. [201-].

RODRIGUES, Kleberon Massaro; MEYER JUNIOR, Victor; CRUZ, June Alisson Westarb. Trabalho voluntário e seu gerenciamento: desafios para um hospital comunitário. **Revista de Administração Hospitalar e Inovação em Saúde**, Belo Horizonte, v. 11, n. 4, p. 306-323, 2014.

SANTANA, Regis Rodrigues et al. Extensão Universitária como Prática Educativa na Promoção da Saúde. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 46, n. 2, p. 1-17, jun. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/qX3KBjghtJpHQRdZzG4b8XB/>. Acesso em: 31 mar. 2024.

SILVA, Rafael Domenciano; MACÊDO, Kátia Barbosa. O trabalho voluntário uma revisão. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 2, p. 7947-7960, 2022.



Capítulo 4

Os Caminhos Acadêmicos e Profissionais Diante do Tornar-se Gestalt-Terapeuta

Mariane Costa Lucas

Welly Tailon Batista da Silva

Francisco Luan de Souza Carvalho

“É IMPORTANTE QUE O HOMEM NÃO PERCA A SINGULARIDADE DE SUA EXISTÊNCIA, PORQUE, DIFERENTEMENTE DE UMA PEDRA, DE UMA ROSA, ELE PENSA, SENTE E FALA, MAS NÃO DEVE VIVER DE PENSAMENTOS JÁ PENSADOS, CONVIVER COM SENTIMENTOS QUE LHE FORAM IMPOSTOS E FALAR PALAVRAS QUE NÃO SÃO SUAS.”

— *Jorge Ponciano Ribeiro*

Introdução

A gestalt-terapia é uma abordagem que veio trazer inovações para a prática clínica e sobre o modo de enxergar o ser humano, tendo como foco a experiência do sujeito, bem como a relação que vai sendo constituída entre os envolvidos.

Considera-se que a abordagem gestáltica teve sua origem nos Estados Unidos da América (EUA), tendo destaque em 1951, através da publicação do livro *Gestalt-Therapy: excitement and growth in the human personality*, que tem como autores: Fritz Perls, Paul Goodman e Ralph Hefferline. Ademais, Fritz Perls havia publicado anteriormente em 1942 o livro intitulado *Ego, Hunger and Aggression: a revision of Freud's theory and method* em que fornecia junto com sua esposa Laura Perls a possibilidade futura da concepção de um método psicoterapêutico novo, já que através dessa obra ele expõe suas contraposições em relação à psicanálise.

Salienta-se que quando se fala sobre o fundador dessa abordagem, Fritz Perls, que foi um médico assim como a maioria dos pioneiros em relação a psicoterapia, sendo considerado o grande protagonista da gestalt-terapia, no entanto, é válido considerar que há um grupo de fundadores que dentro da gestalt-terapia é denominado como o “Grupo dos Sete”. Esse grupo foi formado por: Fritz Perls, Laura Perls, Paul Goodman, Isadore From, Paul Weisz, Elliot Shapiro e Sylvester Eastman.

A abordagem gestáltica consiste em um amplo sistema que apresenta no seu alicerce fundamentações filosóficas e teorias de base. A sua fundamentação filosófica tem três pontos centrais: o Humanismo, a Fenomenologia e o Existencialismo. Logo, conforme Ribeiro (2006) isso possibilita com que essa abordagem se responsabilize com uma perspectiva de ser humano e de mundo, o que proporciona maior consistência epistemológica para a abordagem. E como teorias de base que exercem influência se tem: a Psicologia da Gestalt, Teoria de Campo e Teoria Organísmica.

Sendo assim, todas as contribuições filosóficas e teóricas da gestalt-terapia, vem para agregar por meio da conexão dos devidos fundamentos com a prática. Onde a interação, a integração e a totalidade são consideradas como fundamento central da sólida base conceitual e epistemológica da GT. Por conseguinte, de acordo com Perls (1977), a visão dentro da gestalt-terapia é a de que o próprio cliente se emerge em um processo de “cura”, dessa forma,

a referida psicoterapia traz à tona a importância do tratamento do sujeito de maneira integral, até mesmo pela utilização do termo cliente que enfatiza a postura ativa do indivíduo em suas interações, focando inclusive na experiência presente e na percepção que vai sendo desenvolvida.

Gestalt-Terapia com crianças

Obrincar é a forma natural de comunicação entre as crianças, é através do lúdico que elas experimentam diversas situações e descobrem tudo o que está no ambiente ao seu redor. Com isso, o atendimento infantil prioriza essa linguagem para se aproximar da criança e compreender suas questões, assim, na gestalt-terapia não é diferente.

O manejo gestáltico infantil tem como um dos seus objetivos centrais alcançar a criança em seu mundo lúdico, podendo fazer a utilização da comunicação verbal quando a criança se sentir à vontade, entretanto, o foco consiste em encontrar elas em suas brincadeiras e por meio disso explorar suas experiências através da ludicidade.

Diante disso, ocorre uma contribuição significativa para a construção do vínculo terapêutico com a criança, que em gestalt-terapia é um fator de grande importância para o desenvolvimento do indivíduo, bem como de seu processo terapêutico. De acordo com Aguiar (2005), em gestalt-terapia a criança precisa do respeito, aceitação e acolhimento, elementos que são a base para potencializar o vínculo, contudo, os mesmos não se assemelham a uma permissividade ou ausência de limites.

Desse modo, a criança é um indivíduo que também necessita ter seus direitos assegurados em psicoterapia assim como os demais públicos. Com isso, é relevante o respeito e a consideração pelas expressões do público infantil, inclusive quando os mesmos não se sentirem abertos para explanar verbalmente e principalmente ludicamente que é sua principal manifestação. Logo, atender através da gestalt-terapia é ter o atendimento pautado no método fenomenológico, ou seja, buscar deixar o cliente se expressar do modo que se sentir à vontade e confiante.

Outro ponto primordial dentro do atendimento infantil é o contato com os pais ou responsáveis, ação que efetiva muito para a formação de um processo terapêutico benéfico. Esse contato deve se fazer presente tanto no início para coletar informações acerca da criança e estabelecer vínculo também com os

responsáveis, bem como tal relação é importante no decorrer da psicoterapia para que os responsáveis fiquem cientes do que é necessário e indispensável para o desenvolvimento da criança.

No entanto, é primordial que o(a) psicoterapeuta tenha cautela para não romper com a ética profissional e extrapolar os limites do sigilo que a criança também tem direito. Conforme Aguiar (2005), as informações precisam primeiramente de organização, sendo analisadas o que ocorreram de observações desde o momento inicial da psicoterapia, somado a isso iria vir aquilo necessário de ser devolvido no momento presente e a maneira como tal ação seria executada.

Além disso, em gestal-terapia outros meios adicionais são adotados justamente para fazer um trabalho integral e cumprir com a visão holística que a abordagem emprega. Uma das possibilidades seria por meio de sessão familiar, visitas à escola e também a outros espaços significativos que a criança possa frequentar.

As sessões familiares na abordagem gestáltica são imprescindíveis em muitos casos justamente para ter uma visão mais aguçada sobre um contexto de grande destaque na vida da criança. Segundo Antony (2010), às sessões com a família é uma estratégia de investigar os papéis colocados e assumidos para os membros e conhecer os bloqueios de contato expostos com relação à dinâmica familiar.

As visitas na escola da criança é uma outra chave que pode auxiliar a compreender as questões vivenciadas pelos indivíduos, sendo um local em que passam uma boa quantidade de tempo. De acordo com Aguiar (2005), o (a) psicoterapeuta no ambiente escolar e situado na abordagem gestáltica, necessita coletar informações acerca do comportamento total da criança, além de buscar observar o contexto com o intuito de verificar se existe elementos que possam estar contribuindo para a construção ou manutenção de comportamentos específicos.

As visitas para outros espaços significativos que a criança frequenta representa um marco para conhecer mais sobre as situações que a mesma passa. Segundo Fernandes (2016), a criança consegue exprimir os seus sentimentos através do brincar ampliando sua awareness e possibilitando novas experiências. Assim, em um ambiente de convívio natural essa expressão tende a se tornar mais acentuada em decorrência da proximidade.

Em conclusão, trabalhar com crianças por meio da gestalt-terapia diz respeito a uma postura dialógica e com enfoque na criatividade para se chegar cada vez mais perto da criança. Contudo, todas as medidas devem ser realizadas levando em consideração o arcabouço filosófico e teórico da abordagem, em constante conexão com os aspectos técnicos e sem sair dos caminhos postulados pela ética profissional.

Gestalt-Terapia com adolescentes

A adolescência consiste no ciclo do desenvolvimento humano que é caracterizado pelos mais diversos paradoxos para quem o vivencia como não sendo mais considerado(a) uma criança, todavia ao mesmo tempo não é visto(a) como alguém na idade adulta. Sendo uma fase demarcada por mudanças biofisiológicas, psicológicas, cognitivas e sociais. Concomitantemente Zanella e Zanini (2013) discorrem que é um momento também em que implica ao adolescente reconsiderar e modificar crenças e comportamentos, refletindo em alterações no seu ser como um todo. Convergindo com o que Mirabella (2013) apresenta sobre “como” esse público vem se constituindo e vivenciando uma divergência entre seus sentimentos e o que percebe ao seu redor.

Destaca-se que a concepção do que se compreende sobre os conceitos, significados e vivências dessa etapa variam de acordo com que cada sociedade apresenta conforme as suas culturas e épocas. Na sociedade ocidental contemporânea ela se apresenta com características particulares que devem ser observadas e levadas em consideração. E que para a Gestalt-Terapia não tem como compreendermos o desenvolvimento humano a partir de fases pré-estabelecidas de forma a olhar para o adolescente de forma generalizada e fixa para todos.

Em concordância com Maes (2020), que discorre sobre a passagem entre vivência do “campo infantil” para o “campo adolescente” que pode, constituir como uma experiência que possibilita a procura de si mesmo explorando papéis e potenciais escolhas ou como uma experiência de crise e uma repentina busca angustiada por si próprio.

Ademais, Baroncelli (2012) considera que o adolescente faz o possível para se equilibrar diante do contexto em que se encontra, em um movimento entre possibilidades presentes de si mesmo e do seu campo/meio.

Mediante essas diversas formas de contato dessa experiência é necessário pensar e refletir nas possibilidades de práticas clínicas com esse público, compreendendo e percebendo como é a sua chegada ao consultório, assim como o processo de anamnese, compreensão diagnóstica, a síntese e apresentação do contrato que irão nortear o trabalho e o processo psicoterapêutico em si.

Assim como no atendimento infantil que é caracterizado por contar com uma entrevista inicial com os responsáveis, em que essa pode ser diferente da primeira entrevista com o adolescente. Ressalta-se que esse momento não se resume a um único momento, mas ao conjunto de sessões que irão possibilitar com que o/a cliente e o/a psicoterapeuta possam se conhecer, ampliando a concepção dos seus campos e do espaço cocriado na psicoterapia, iniciando o para quê, como e onde desse processo.

Esse momento varia de acordo com o estilo do/da profissional, onde alguns preferem se encontrar com os responsáveis primeiro e depois receber o cliente, enquanto outros costumam se encontrar com ambos no mesmo instante. Contando até com outras figuras que são pessoas significativas para o adolescente, que fazem parte de sua vida e que exercem influência na constituição do seu self e que podem ser convidadas a comparecerem nesse momento, a fim de auxiliar o profissional a compreender a dinâmica relacional do seu cliente.

Além disso, destaca-se que não se deve esquecer que o cliente é o adolescente, que não está nesse processo para as corresponder às expectativas dos seus responsáveis ou quem o encaminhou, mas sim um ser humano que precisa ser visto como um ser de potencialidades e limitações, que de acordo com Aguiar (2015), investigar essas características fazem parte da totalidade do cliente em seu campo e que essa observação faz parte do processo de compreensão diagnóstica.

No decorrer do processo pode ser necessário que sejam realizadas sessões de orientações com os responsáveis. E que a psicoterapia com adolescentes só pode ser efetiva quando é da vontade do adolescente estar nesse movimento.

Os atendimentos com esse público também permitem a utilização de recursos terapêuticos, assim como no atendimento com crianças. De modo que necessitam da utilização dessas estratégias e até mesmo técnicas, salientando que a utilização delas se dá a partir da relação dialógica e que tem como objetivos a ampliação de awareness e para estabelecer e fortalecer o vínculo terapêutico. Logo, indo ao encontro de Aguiar (2015) que explana que esses experimentos devem ser utilizados a partir da situação apresentada pelo

cliente no aqui e agora, no interior da fronteira relacional entre o cliente e o psicólogo. E que necessita atender às necessidades e aos limites do cliente.

Além disso, Oaklander (2008) enfatiza a importância da presença plena do psicoterapeuta e do adolescente para que a sessão seja proveitosa. Em paralelo, o terapeuta apresentando uma disponibilidade, pode levar o adolescente a responder se aproximando, expandindo e flexibilizando as fronteiras de contato e ampliando as suas awareness. Entre os recursos estão: o jogo rápido que fornece informações sobre os adolescentes e facilitar a comunicação; a caixa self box onde o cliente é convidado a colocar na caixa objetos relacionados a um tema ou que possam representá-lo, e que pode ser feita em casa ou durante a sessão; utilização de outros recursos expressivos como músicas em que tem surgido muito o estilo k-pop, animes, jogos de tabuleiro, livros, jogos construídos com o cliente, pintura, vídeos.

Por fim, Zanella e Zanini (2013) discorrem, que trabalhar com esse público também necessita de ajustamentos criativos para nós profissionais e também a entrar em contato revisitando nossas experiências nessa fase, que é caracterizada por rebeldia, descobertas, ousadias, angústias e sonhos.

Gestalt-Terapia com adultos e idosos

A vida adulta e a velhice compõem outras trilhas do ciclo do desenvolvimento humano. São muitos os dilemas e enredos vivenciados em ambos os períodos, o que leva a uma busca importante para a compreensão do que se perpassa com os indivíduos que se encontram nessas fases do ciclo vital.

No que se refere à vida adulta, a mesma não se enquadra em um estágio de estabilidade e ausência de mudanças, visto que isso seria assimilar tal período a uma espécie de estagnação. Conforme Oliveira (2004), uma concepção generalista como essa seria uma afirmação inadequada, já que na referida fase existem diversas transformações importantes, tais como: trabalho, formação de família, relacionamentos amorosos, aprendizado em variadas facetas e propósitos de vida individuais e coletivos.

Os adultos carregam consigo uma história mais longa de vivências, reflexões e compreensões sobre si, as demais pessoas que fazem parte do seu campo e sobre o mundo de uma forma geral. Uma especificidade relevante da etapa de vida em que o adulto se encontra diz respeito às distintas habi-

lidades e dificuldades, o que torna possível também uma maior aptidão dos conflitos em comparação às fases anteriores (Oliveira, 2001).

As possibilidades de trabalhos realizados por gestalt-terapeuta se concentram no apoio de seus clientes no processo de descoberta de si, buscando fazer o acompanhamento deles através da ampliação de sua *awareness*, seu desenvolvimento e amadurecimento pessoal, criando condições para a construção de relações satisfatórias (Freitas, 2016). Sendo assim, em meio às diversas vivências na fase adulta as intervenções que são pautadas na Gestalt-terapia acabam corroborando para a compreensão do indivíduo acerca de suas questões e o direcionando para caminhos de crescimento.

Segundo Perls (1977) vale destacar também dentro de um manejo gestáltico a relevância do processo de maturação, na qual representa a transição de um apoio do ambiente (do outro e do mundo) para um autoapoio, onde o sujeito alcança concomitantemente o autossuporte que é um dos focos dentro da abordagem. Diante dos desafios que o adulto se depara são necessários recursos internos e externos para lidar com tais demandas.

Uma outra fase importante de destacar é a velhice e suas implicações. Sendo válido enfatizar que a velhice tem muitas reverberações, por isso, limitá-la somente a perspectiva biológica é ir de encontro a uma concepção incoerente pautada em uma demarcação meramente cronológica, já que é necessário considerar outras questões como o próprio contexto sociocultural em que as pessoas idosas estão imersas (Jardim et al., 2006).

De acordo com Britto Motta (1998), existe uma dificuldade no reconhecimento do indivíduo dentro da fase da velhice, visto que a mesma geralmente é visualizada no meio social como sendo um entrelaçamento com um declínio, fatores que muitas das vezes desconsideram a sabedoria e experiência que podem estar também fortemente marcadas em tal período. Nesse sentido, uma considerável parcela de pessoas idosas acabam trazendo para si o estigma social disseminado, passando a obter uma visão negativa acerca do processo de envelhecimento e da velhice.

Dessa forma, conforme Nascimento e Lima (2023), a qualidade e sentido de vida para a pessoa idosa devem ser compreendidas juntamente com a inserção de procedimentos para o ajustamento na referida fase constroem possibilidades para o fortalecimento de projetos e sonhos. Além disso, constitui-se como uma ponte para a percepção da identidade pessoal mesmo diante dos conflitos que possam estar presentes.

A postura na atuação do gestalt-terapeuta seria voltada para contribuição do contato do indivíduo com o seu processo de envelhecimento com qualidade de vida, onde um dos objetivos estaria direcionado para o significado da existência humana, na qual a pessoa idosa tem a possibilidade de reflexão sobre a sua forma de ser e estar-no-mundo, inserindo os seus próprios sentidos, mesmo na presença das adversidades e das limitações que podem fazer parte desse período.

Concluindo, a Gestalt-terapia fornece a pessoa idosa o significativo suporte nas experiências que vão emergindo nessa etapa da vida, como as perdas relacionadas à idade, possibilitando-a encarar os desafios, (re) construir sua história, facilitando a consciência de comportamentos e sentimentos, além de se voltar para para o auxílio desse indivíduo no encontro do seu potencial criativo.

(Auto)supervisão, estudos e formação continuada

Diante das vastas demandas que se apresentam no contexto clínico e das questões técnicas e éticas da profissão junto com o cuidado e a visão de campo que sustenta a abordagem gestáltica, torna-se necessária uma atuação contextualizada para uma maior compreensão das informações e dados disponíveis. Portanto, o tripé da supervisão, estudos e formação continuada é uma grande ferramenta para o trabalho psicoterapêutico.

Quando abordamos sobre auto supervisão, há muito o que se fazer no decorrer do trabalho do terapeuta. Joyce e Sills (2016) sugerem três áreas de auto supervisão para os momentos que o terapeuta iniciante ou experiente que se encontre com determinadas dúvidas ou impasses. O primeiro refere-se ao relacionamento terapêutico e a aliança de trabalho, onde o terapeuta pode avaliar se o que foi acordado desde o princípio com o cliente está sendo executado ou se houve alguma discrepância ao longo do caminho; o segundo refere-se ao processo do cliente, que diz respeito principalmente a como este está se sentindo e percebendo seu processo terapêutico; e por último ao próprio processo do gestalt-terapeuta, no qual o profissional irá analisar como se sente e se percebe na sessão, bem como as distinções entre aquilo que é seu com o que é do cliente.

Tratando-se acerca da supervisão, é oportuno e necessário destacá-la como citado anteriormente como sendo uma das bases para um bom preparo profissional para quem atua na clínica. Além disso, falando especificamente do psicólogo que atua a partir da gestalt-terapia, acaba sendo coerente com a perspectiva de homem e de mundo apresentados pela abordagem.

De acordo com Quadros et al., (2018), uma proposta de supervisão na gestalt-terapia tem ligação com um modo mais igualitário de relação, voltado para a construção de múltiplas possibilidades para o terapeuta, de modo que ele possa se identificar e se exprimir como aquele que se apropria do seu fazer profissional. Salienta-se que esse momento não deve ser tido como um treinamento de habilidades ou aplicação de métodos ou técnicas, mas sim, deve partir de um processo de afetações que ocorrem no campo.

Ainda, conforme Quadros et al. (2018), a construção de um alicerce para o trabalho como gestalt-terapeuta contempla o entrelaçamento entre a fundamentação teórica, a experiência sensitiva e intuitiva para para perceber o que está no campo.

Somado a isso, vem os estudos e formações e continuadas como sendo mais um dos passos nesse caminho do tornar-se gestalt-terapeuta. É por meio do conhecimento que o profissional irá desempenhar seu fazer laboral de maneira ética, técnica e criativa.

Além disso, um dos elementos de grande relevância para se considerar em uma proposta de formação do Gestalt-terapeuta seria a importância da teoria e a metodologia utilizada na formação de gestalt-terapeutas por meio dos estudos contínuos (Aguilar, 2005). Conforme a mesma autora, Aguiar (2005) a teoria deve assumir o seu locus no trabalho profissional para assegurar o compromisso com a ciência, já que na história da gestalt-terapia a teoria foi muitas vezes colocada como fundo e/ou segundo plano, mas é preciso que a fundamentação teórica ocupe igualmente a posição de figura para o desenvolvimento de um trabalho psicoterapêutico ético.

Portanto, torna-se necessário a responsabilização por parte dos gestalt-terapeutas para fornecer um atendimento de qualidade para seus clientes. Sendo válido mencionar que não existe um passo a passo sobre o modo de ser gestalt-terapeuta, no entanto, através do tripé: estudo, supervisão e psicoterapia pessoal do profissional possibilita caminhos favoráveis para a construção de psicoterapeutas da abordagem gestáltica.

Fechando essa Gestalt e abrindo outras para os caminhos do tornar-se gestalt-terapeuta

Os caminhos para a construção de gestalt-terapeutas demanda conhecimento profundo em cada espaço, narrativa e público a se trabalhar. Diante da literatura gestáltica, é possível perceber por exemplo, as particularidades nos atendimentos destinados aos diversos públicos. Atender o público infantil, adolescentes, adultos e idosos têm as suas especificidades e pensar nelas é um elemento crucial dentro da gestalt-terapia.

Ademais, ressalta-se o aspecto de que não existe uma padronização na forma e no estilo de ser gestalt-terapeuta, bem como do modo como os atendimentos irão ser conduzidos, visto que, a maneira como cada psicoterapeuta vai desenvolver seu trabalho tem uma forte conexão com seus interesses, percursos teóricos e as experiências que vai adquirindo. Seguindo os mesmos passos, a condução dos atendimentos vai depender dos manejos presentes dentro da abordagem juntamente com a experiência presente na relação terapeuta e cliente.

Concluindo, é importante ressaltar que cada profissional vai constituindo sua jornada em busca do fornecimento de um atendimento qualificado para auxiliar e facilitar os processos dos clientes que chegam no setting clínico, até porque são múltiplas as possibilidades e os caminhos para tornar-se gestalt-terapeuta.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, L. **Gestalt-Terapia com Criança**. São Paulo: Editora Livro Pleno, 2005 / 2015 .

ANTONY, S. **A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento**. São Paulo: Summus, 2010.

BARONCELLI, L. Adolescência: fenômeno singular e de campo. **Revista da Abordagem Gestáltica**, 18(2), 188-196, 2012.

BRITTO DA MOTTA, A. “Chegando pra idade”. In: **BARROS, M. M. L. (Org.). Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998. cap.9, p.223-235.

D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. **Dicionário da Gestalt-terapia: “Gestaltês”**. São Paulo: Summus, 2007.

ESCH, C. F.; JACÓ-VILELA, A. M. **A Gestalt-terapia chega ao Brasil: recepção e desenvolvimento inicial**. Rev. Memorandum v. 36, 2019.

FERNANDES, M. B. **Psicoterapia com crianças**. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Eds.). Modalidade de intervenção clínica em Gestalt-terapia. São Paulo, SP: Summus Editorial, 2016.

FREITAS, J. R. C. B. A relação terapeuta-cliente na abordagem gestáltica. **Revista IGT na Rede**, 13(24), 85-104, 2016.

JARDIM, V. C. F. DA S.; MEDEIROS, B. F. DE.; BRITO, A. M. Um olhar sobre o processo do envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 9, n. 2, p. 25–34, maio 2006.

JOYCE, P.; SILLS, C. **Técnicas em Gestalt: aconselhamento e psicoterapia**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2016.

JULIANO, J. C. **Gestalt-Terapia: revisitando as nossas histórias**. IGT na Rede ISSN 1807-2526, [S. l.], v. 1, n. 1, 2004. Disponível em: <https://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/21>. Acesso em: 4 mar. 2024.

MAES, K. R. **Possibilidades na prática clínica com adolescentes sob a ótica da Gestalt-terapia**. [ULL-IPCE] RPCA, v. 11, n. 1, 2020.

MIRABELLA, A. M. **Afetividade na adolescência**. In R. ZANELLA (Org.). A clínica gestáltica com adolescentes - caminhos clínicos e institucionais. São Paulo: Summus, 2013.

NASCIMENTO, V. C. M.; LIMA, D. M. A. **O idoso frente ao envelhecer: reflexões sobre o sentido e qualidade de vida na gestalt terapia**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia, Centro Universitário Christus, Fortaleza, 2023.

OAKLANDER, V. **El tesoro escondido: la vida interior de niños y adolescentes**. Santiago: Cuatro Vientos, 2008.

OLIVEIRA, M. K. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: RIBEIRO, V. M. (Org.) **Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras**. Campinas: Mercado de Letras/ABL; São Paulo: Ação Educativa, 2001.

OLIVEIRA, M. K. de. **Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto. Educação e Pesquisa** [online]. 2004, v. 30, n. 2 [Acessado 18 Março 2024], pp. 211-229. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000200002>>. Epub 01 Out 2004. ISSN 1678-4634. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000200002>.

PERLS, F. S. **Gestalt-terapia explicada**, 11ª ed. (trad. G. Schlesinger). São Paulo: Summus, 1977.

QUADROS, L. C. T.; ARAUJO, E. S.; SOUZA, D. S. Supervisão em Gestalt-Terapia: da delicadeza de ensinar à aventura de aprender. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 10, n. 2, p. 127-143, ago. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_

arttext&pid=S2175-25912018000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 abr. 2024. <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol10.n02ensaio38>.

SANTOS, M. A. dos et al . **Psicoterapia de abordagem gestáltica: um olhar reflexivo para o modelo terapêutico. *Psicol. clin.***, Rio de Janeiro , v. 32, n. 2, p. 357-386, ago. 2020 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652020000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 mar. 2024. <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0032n02A08>.

ZANELLA, R., ZANINI, M. E. B. **Atendendo adolescentes na contemporaneidade.** In R. ZANELLA (Org.). **A clínica gestáltica com adolescentes - caminhos clínicos e institucionais.** São Paulo: Summus, 2013.

Capítulo 5

Contribuições de Atividades Extracurriculares para a Formação do Psicólogo - Um Relato de Experiência

Carolina Luiza Silva Medina

Francisco Luan de Souza Carvalho

“A ÚNICA COISA QUE SE APRENDE E REALMENTE FAZ DIFERENÇA NO COMPORTAMENTO DA PESSOA QUE APRENDE, É A DESCOBERTA DE SI MESMA”

— *Carl Rogers*

Introdução

Para se formar enquanto profissional de psicologia, a obrigatoriedade é de apenas cumprir a carga horária estipulada pela instituição de ensino superior e ser aprovado em todas as disciplinas compostas pela matriz curricular. Apesar disso, a graduação em Psicologia forma profissionais generalistas e compreendemos como necessário buscar conhecimento para além do ofertado institucionalmente.

Tal compreensão se dá por meio da experiência contemporânea que profissionais de saúde mental, mais especificamente, psicólogos, psicanalistas e psicoterapeutas de maneira geral vem vivendo no mercado de trabalho, em que a concorrência, produtividade e performance têm se tornado um ideal a ser alcançado profissionalmente. Dito isso, é possível pensarmos possibilidades de crescimento e desenvolvimento profissional para o aprimoramento não somente a fim de corresponder às expectativas sociais contemporâneas de tais profissionais, mas por uma busca genuína por uma formação e atuação ética, comprometida e atenta às mudanças sociais, bem como os direitos humanos e formas de cuidado em saúde mental.

Para compreender melhor como se configura nossa formação profissional, destacamos que, de acordo com a Resolução nº 8/04, responsável por instituir as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, a formação de psicologia “diferencia-se em ênfases curriculares, entendidas como um conjunto delimitado e articulado de competências e habilidades que configuram oportunidades de concentração de estudos e estágios em algum domínio da Psicologia” (Brasil, 2004).

Complementando tais informações, a presente resolução ainda traz a importância de se desenvolver profissionalmente para além dos muros institucionais, reforçando a formação continuada como um aspecto ético de nossa atuação. De acordo com o artigo 14, a organização da graduação de psicologia “[...] deve, de forma articulada, garantir o desenvolvimento das competências do núcleo comum, seguido das competências das partes diversificadas [...] sem concebê-los, entretanto, como momentos estanques do processo de formação” (Brasil, 2004).

Dessa maneira, é importante que o estudante e futuro(a) psicólogo(a) busque outras formas de conhecimento para desenvolver seu perfil profissional. Santana et al (2022) nos trazem que um curso com objetivo de formação

generalista não visa formar um profissional especialista em determinada área específica, mas sim “oferecer uma formação básica que propicie a aquisição de competências e habilidades para nortear a sua prática permeada pela realidade social, de forma que a especialização é atribuída aos cursos de pós-graduação” (Santana et al., 2022).

Escrevemos, portanto, o presente capítulo enquanto rememoramos as experiências extra-curriculares que tivemos - e ainda temos - a oportunidade de realizar enquanto estudantes de psicologia e agora como psicólogos em constante formação, tendo essa premissa como um compromisso ético-político de nossa atuação.

Desafios, Perspectivas e Possibilidades para o desenvolvimento profissional para além de atividades curriculares

Pivetta et al (2010) elucidam que a integração entre ensino, pesquisa e extensão dentro do campo universitário promovem “difusão, criação, sistematização e transformação do conhecimento por meio da articulação entre teoria e prática” (Pivetta et al., 2010, p. 378). Ainda de acordo com as autoras, a intersecção desses três pilares auxilia uma formação universitária de caráter integral, atuando de forma sistemática.

Com o passar dos anos e evolução do campo de atuação do profissional em psicologia, novas formas de aprendizado se tornaram possíveis e necessárias, entre elas: atividades de extensão, programas de monitoria, estágios extracurriculares, formações livres, ligas acadêmicas, cursos e congressos, entre outras. É importante salientar que existem desafios a serem desbravados por estudantes em todo o país, tendo em vista que muitos precisam estudar e trabalhar ou não têm acesso a programas de extensão ou estágios com facilidades em suas faculdades e centros universitários.

As atividades supracitadas fornecem ao estudante e/ou profissional um conhecimento mais aprofundado sobre determinada temática, possibilitando experienciá-la para além do ofertado durante o curso de graduação. Além disso, é possível que as experiências extracurriculares se tornem um diferencial no currículo profissional, contando como pontos em provas de

concursos e residências, mestrados e doutorados, bem como competências que auxiliam na busca de empregos em redes privadas e organizações.

Apesar disso, conforme já mencionado, é necessário reconhecer que nem todos os estudantes, por diversos motivos, possuem acesso a tais oportunidades, seja por falta de incentivo universitário ou até mesmo por recursos insuficientes - financeiro e de tempo. Dito isso, é possível destacar que o advento e desenvolvimento de atividades online, tais como: congressos, cursos de extensão, atividades de monitoria, ligas, formações e outras atividades afins, foi possível ampliar com um pouco mais de qualidade as possibilidades de acesso a espaços formativos, tanto teóricos quanto práticos.

Oliveira et al (2016) apontam como limitadores no engajamento em atividades extracurriculares alguns “obstáculos relacionados à gestão do tempo para conciliar estudos e outras atividades, bem como a oferta de poucas oportunidades pelo curso de graduação e o processo deficitário de divulgação de informações sobre essas oportunidades [...]” Frente a isso, refletimos a respeito dos muitos cursos de psicologia abertos em todo o Brasil, mas com oferta básica dos requisitos necessários à graduação. Passos importantes foram dados em direção ao acesso à educação superior, mas torna-se um ato político a luta por qualidade nos cursos de graduação em psicologia para que os egressos tenham uma atuação cada vez mais ética, eficaz e comprometida com a ciência.

Batista, et al (2014) nos mostram que “[...] nos cenários universitários estudados há pouca presença de projetos multiprofissionais e pouca integração, ou ainda dispersão, entre ensino, pesquisa e extensão” (p. 23). Ainda de acordo com os autores, a dificuldade de articulação deste tripé não está concentrada apenas nas graduações de psicologia, perpassando por diversos cursos da área de saúde. Apesar de se configurar como um significativo desafio, essa escrita se apresenta como um incentivo à busca constante por aprimoramento por parte de estudantes e profissionais de psicologia e saúde, tendo em vista que a formação continuada é também uma forma de cuidado ao sujeito em sofrimento.

Em contrapartida, é notável que após a pandemia de COVID-19, a oferta e procura por cursos online aumentaram consideravelmente. Lopes et al., (2021) relatam que “devido à modernização dos meios de comunicação, a procura por cursos na modalidade EaD teve um aumento significativo” (Lopes et al., 2021, p. 13). Ainda de acordo com os autores, o ensino à dis-

tância é visto como um ponto positivo para a educação e formação de futuros profissionais. Não existem cursos de graduação em Psicologia na modalidade EaD, no entanto, cursos de capacitação, formação, especializações e outros, passaram a ser um ponto significativo no processo formativo de profissionais da área, facilitando o processo de pessoas que não tem um acesso mais fácil à uma educação continuada de qualidade e fortalecendo as redes em contextos de ensino, pesquisa, supervisão e psicoterapia.

Por fim, Ribeiro (2022) nos traz sobre a facilidade de acesso para a participação em cursos de ensino à distância na atualidade, tornando-os atrativos e trabalhando aspectos como a disciplina e o hábito. Além disso, outro ponto importante ressaltado por Ribeiro (2022) é o do valor otimizado e da democratização de acesso, já que “a educação à distância pode ser considerada um recurso abrangente que possibilita melhor apreensão do conhecimento tanto para os alunos quanto para os professores. Seus programas são elaborados em função da atualização e de um funcionamento inovador para o processo de ensino-aprendizagem, em favor da democratização do ensino” (Ribeiro, 2022, p. 68-69).

Relato de experiência: formação continuada no campo da psicologia (Carolina Luiza)

Durante os 5 anos de formação, pude conhecer diversos campos de atuação da psicologia, bem como diferentes abordagens teóricas e visões de mundo. Me graduei em uma universidade particular em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais; tal universidade tem como fundamento o tripé ensino - pesquisa - extensão e oferece atividades de estágios, monitorias, extensão, ligas acadêmicas, projetos de iniciação científica e outros.

Tive a oportunidade de participar de duas monitorias, um projeto de extensão e um estágio extra curricular. Por um período de dois anos, entre o 7º e 10º período, fui extensionista e monitora de um projeto de atuação multiprofissional em uma unidade prisional na região metropolitana de Belo Horizonte. Nesse projeto, fui voluntária por 1 ano e, pelo mesmo período,

consegui uma bolsa - a qual foi fundamental para auxílio em investimentos na profissão e em qualidade de vida.

O projeto de extensão contava com a ida ao presídio uma vez por semana, além de um encontro semanal para discussão e supervisão de casos. Durante a parte prática, pude desenvolver a escuta clínica com as pessoas privadas de liberdade, tanto em caráter individual quanto em atividades de grupo. Já nos momentos teóricos, me apresentava enquanto extensionista, relatando sobre atendimentos e recebendo supervisões, além de ouvinte da supervisão para outros extensionistas e monitora - ficava responsável pela elaboração das atas das reuniões, bem como com questões burocráticas específicas.

Em outro momento, fui monitora da disciplina de TEP - Técnicas de Exame da Personalidade. Após realizar a disciplina e aprender sobre a teoria, aplicação e correção do Teste Rorschach, me candidatei e fui aprovada no processo seletivo da monitoria, que consistia em ensinar aos alunos como deve ser feita a aplicação do teste, bem como corrigir a aplicação do mesmo, auxiliar a professora na elaboração de questões de prova e na correção delas.

Também durante a graduação pude fazer estágio extracurricular em uma clínica de psicologia da cidade, atuando como acompanhante terapêutica de uma criança autista na escola. Acrescido a atuação, recebia supervisão clínica semanal e individual sobre o caso e participava de aulas e discussões grupais com outros estagiários e profissionais da clínica. Nesse caso específico, atuei com uma abordagem diferente da que escolhi seguir profissionalmente; percebo que essa experiência foi fundamental para que eu percebesse quais abordagens me aproximavam da profissional que almejo ser e quais me distanciam de tal desejo.

Além dessas três experiências, minha faculdade ofertava mais de 15 estágios curriculares, aos quais utilizei como campo de conhecimento de diversas atuações. Atendi pela abordagem sistêmica, pela psicanálise e pela fenomenologia (sendo a última a minha escolha de abordagem profissional); atuei em escolas públicas e privadas, em instituições de saúde - hospital e CERSAM (Centro de Referência em Saúde Mental), na clínica escola e fiz um projeto relacionado a atuação em empresas.

Também pude participar de diversos cursos e congressos presenciais, com temáticas diversas, como: psicologia forense, psicologia clínica, psicopatologia, psicologia fenomenológica, psicologia e campo prisional; momentos

que foram fundamentais para que eu pudesse comprovar (ou não) os meus interesses pessoais e profissionais.

Em dezembro de 2017 completei a graduação e me tornei, oficialmente, psicóloga em constante formação - já que, uma vez psicóloga, sempre estudante. Continuei - e continuo - buscando me especializar cada vez mais enquanto profissional e, em 2021, tive a oportunidade de ter mais duas experiências profissionais. A primeira delas, ser aprovada no processo de residência multiprofissional; a segunda, ingressar como monitora voluntária no Instituto Fratelli.

Por dois anos, fui residente em um dos maiores hospitais 100% SUS do Brasil; vivenciei por 5760 horas a realidade hospitalar, especialmente a realidade da terapia intensiva. Aprendi - na teoria e na prática - sobre a atuação da psicologia no setor hospitalar, a atuação em equipes multiprofissionais e temáticas mais específicas como: adoecimento, luto e tanatologia, cuidados paliativos, espiritualidade e campo da saúde como um todo; tive uma oportunidade de me especializar no trabalho e hoje, além do título de psicóloga, sou especialista em saúde!

Paralelo a isso, por um ano, estive como monitora no Instituto Fratelli, participando de atividades diversas como: formações, grupos de estudos, facilitação de encontros online, bem como participar do setor pedagógico do instituto. Além disso, pude criar laços com estudantes e psicólogos de todo o Brasil, me tornando cada vez mais uma profissional menos solitária e com uma rede de apoio extensa. Nesse período, pude aprender mais sobre processos formativos e me aproximar ainda mais de um desejo futuro: a docência.

Após finalizar o período da monitoria, fui convidada a lecionar aulas em cursos de formação e facilitar grupos de estudos do próprio instituto, aos quais realizo até hoje. E devido a tais convites, encontro-me aqui hoje, escrevendo esse capítulo.

Ainda hoje, enquanto psicóloga em formação, continuo participando como ouvinte em cursos e congressos, procurando outras especializações e me aproximando cada vez mais da profissional que almejo ser.

Relato de experiência acadêmica e profissional em Psicologia (Luan Carvalho)

Começo dizendo que minha formação em Psicologia começou em uma Universidade Católica no interior do Ceará. Nesse período eu não tinha muita compreensão da imensidão de possibilidades profissionais e acadêmicas que a Psicologia era capaz de me proporcionar.

No início do curso fui contemplado com uma bolsa de estudos integral em Fortaleza, onde resido até os dias atuais devido ao meu processo de formação em Psicologia. Durante a graduação, sempre tive muita sede de entender todas as possibilidades que eu tinha, mas também de experimentar cada etapa com muito vigor. Decidi então iniciar vários projetos no meu curso, desde datas comemorativas, grupos de estudos em temas diversos à projetos mais estruturados como “PsicoCine”, com discussão teórica em articulação com filmes e outros mais. Também não exitei em tentar processos seletivos para as vagas de monitoria que me apareciam como propostas do curso. Acabei sendo monitor em várias disciplinas, como: Práticas integrativas, Análise Experimental do Comportamento, Psicologia Existencial, Humanista e Fenomenológica, Psicologia Hospitalar e Introdução à Psicologia.

Frente ao desejo de alçar mais vôos, procurei grupos de estudos e laboratórios em outras universidades e tive a oportunidade de ingressar em um Laboratório de estudos em Psicoterapia e Fenomenologia, podendo, além de participar de momentos de estudos, formações e aulas de fenomenologia como aluno especial, ingressar em atividades mais práticas, como extensões e estágios. Passei a atuar com Plantão Psicológico em Clínica-escola, Posto de Saúde, Hospitais público e privado e até mesmo no CAPS. Foram experiências que enriqueceram grandemente minha trajetória, pois pude passar por todos os níveis de atenção em saúde, ampliando minhas compreensões sobre Plantão Psicológico, Psicologia Clínica e da Saúde e Saúde Mental.

Em paralelo, gosto de mencionar os eventos em outros estados e até mesmo em Fortaleza que tive a possibilidade de participar apresentando trabalhos, sendo monitor e às vezes compondo a organização dos mesmos. Lembro de várias tardes que tive o privilégio de conversar sobre meus sonhos profissionais e desejos de pesquisa com a professora socióloga Dra. Lídia Valesca,

que muito me influenciou a seguir com meus propósitos, além de outras professoras que me influenciaram fortemente, como Camila Souza, Ingrid Borges e Fernanda Lopes.

Acredito na força das relações e das conexões, nem sempre permanecerão no cotidiano, mas sempre farão parte da nossa trajetória e de como nos desenvolvemos. Assim, nesse sentido, pude também dar continuidade a um projeto lindo em Educação, o Instituto Fratelli, iniciado em 2013, na minha cidade natal, com minha mãe que é professora. Em Fortaleza, me deparei com pessoas incríveis, potentes e criativas. Nesse percurso, encontrei a Karianne, uma grande amiga até hoje e que resolveu (re)começar o sonho de transformar a educação comigo, e a partir disso, desenvolvemos com muito mais força o Instituto Fratelli, criando espaços diversos, desde atendimentos clínicos e de Plantão Psicológico, até formações, capacitações, consultorias, grupos de estudos e a constituição de uma grande rede de profissionais da área de Psicologia, Educação e Gestão que hoje formam o grande organismo que é o Grupo Fratelli.

Em paralelo a isso, meus sonhos seguiam, principalmente na linha acadêmica. Resolvi cursar especializações: Gestão de Pessoas, Psicologia Existencial, Humanista e Fenomenológica, Psicologia Social, bem como formações em Abordagem Centrada na Pessoa, Plantão Psicológico e Clínica Humanista-Fenomenológica com Dra. Virgínia Moreira. Ingressei na Universidade como coordenador do Serviço de Psicologia Aplicada de uma universidade de Fortaleza, atuando junto às práticas clínicas de estudantes de Psicologia e acompanhando os professores supervisores. Fui convidado em seguida a ser professor das disciplinas de Fundamentos do Humanismo e Estágio Básico e processos grupais, o que me deixou muito feliz.

Nesse percurso, pude acompanhar de perto muitos estudantes de Psicologia, enquanto atuava na clínica como Psicoterapeuta, supervisor clínico e gestor no Instituto Fratelli. Resolvi também seguir meus propósitos e ingressei no Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza, defendendo em um ano e três meses a dissertação intitulada como: Escuta na Urgência: a experiência de estagiários em Plantão Psicológico Humanista-Fenomenológico, pensando essa abordagem teórica na modalidade que atuei por anos. Segui meus estudos e pesquisas no doutorado em Psicologia, com o intuito de desenvolver uma tese a respeito da fenomenologia do tempo vivido na urgência psicológica.

Nesse percurso, construímos muitas relações importantes, na docência, na escrita de livros (Plantão Psicológico: diálogos transversais), artigos, estudos em laboratórios e muito mais. Desejo continuar no percurso formativo, ciente de que não cessamos a necessidade de aprender sempre mais.

Considerações finais

Ao decorrer do capítulo, pudemos perceber que a formação profissional de psicologia hoje ainda é muito generalista e, conseqüentemente, cada profissional deve buscar formas distintas de se especializar.

Entre essas formas, temos como exemplo os projetos de extensão, formações livres, estágios extracurriculares, congressos, monitorias e ligas acadêmicas. Antigamente, tais atividades eram oferecidas apenas em caráter presencial e, com o advento da pandemia, o ensino foi se adaptando e tendo o online como um recurso importante e, agora, primordial.

Sabemos que nem todas as universidades ofertam atividades extracurriculares e/ou incentivam tais ações. Porém, com o online, temos amplas oportunidades de buscar conhecimento, aliando-os a nossa rotina e realidade financeira.

Com a busca por novos conhecimentos - ou aprofundamento dos mesmos -, cada vez mais nos aproximamos e incentivamos o avanço da psicologia enquanto ciência e profissão, difundindo e atuando de forma ética e com compromisso social.

Diante dos fatos apresentados, chego a conclusão da importância em buscar conhecimento e aperfeiçoamento profissional para além do ofertado em salas de aula, visando um amplo aprendizado, em busca de uma formação mais completa e atual.

Referências Bibliográficas

BATISTA, C. B.; CARMONA, D. S.; FONSECA, S. L. **A formação em saúde e os cenários de aprendizagem no curso de Psicologia.** Revista Argumento, p. 17-25, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Parecer CNE/CES 0062/2004, de 19 de fevereiro de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia.** Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2004.

OLIVEIRA, C T. DE.; SANTOS, A, S. DOS; DIAS, A. C. G. **Percepções de Estudantes Universitários sobre a Realização de Atividades Extracurriculares na Graduação.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 36, n. 4, p. 864-876, out. 2016.

PIVETTA, H. M. F; BACKES, D, S; CARPES, A; BATTISTEL, A. L. H. T; MARCHIORI, M. **Ensino, pesquisa e extensão universitária: em busca de uma integração efetiva.** *Linhas Críticas*, v. 16, n. 31, p. 377–390, 2011.

SANTANA, F. M.; SOUSA, G. DE A.; RIBEIRO, M. S. DE S. **Formação generalista: a percepção de egressos de Psicologia.** *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 34, p. e5887, 2022.

Capítulo 6

A Potência de Oficinas Pedagógicas no Estudo de Psicologia da Aprendizagem: Um Relato de Experiência Docente

Bruna Myrla Ribeiro Freire

“BRINCAR COM CRIANÇAS NÃO É PERDER TEMPO, É GANHÁ-LO; SE É TRISTE VER MENINOS SEM ESCOLA, MAIS TRISTE AINDA É VÊ-LOS SENTADOS ENFILEIRADOS EM SALAS SEM AR, COM EXERCÍCIOS ESTÉREIS, SEM VALOR PARA A FORMAÇÃO DO HOMEM.”

— *Carlos Drummond de Andrade*

Introdução

A articulação entre teoria e prática apresenta-se como um desafio no campo educacional, bem como uma grande fortalecedora do processo de ensino-aprendizagem. Cardoso e Valente (2017, p.121) apontam que “independente, de ser à distância ou presencial, no contexto acadêmico, a maioria das aulas são muito expositivas, ou seja, as aulas ainda são vistas como palestras a serem dadas pelos professores.” Tal aspecto acaba distanciando os alunos de uma construção mais ativa do conhecimento, além de centralizar o processo na figura do docente, ao invés de pensá-lo de modo compartilhado e conjunto.

Em contrapartida a essa realidade, as metodologias ativas tem se enunciado como uma possibilidade de construção de uma relação mais horizontal entre professor e aluno, além de engajar os discentes em um momento que traz a tona tanto os aspectos vivenciais da atuação quanto uma melhor compreensão conceitual dos conteúdos, possibilitando uma aprendizagem mais integrada. Essa discussão caminha ao encontro da proposta do autor Carl Rogers (1902–1987) a medida em que potencializa a participação do aluno como uma via de reconhecimento do seu lugar de sujeito, em busca do seu crescimento pessoal e de sua autorrealização através do ensino (Moreira, 2019).

Ainda em diálogo com Rogers, aprender não deve ser equiparado apenas a habilidade de acúmulo de informações, endossado por metodologias conteudistas, mas sim atravessado pela experiência de encontro entre o sujeito que aprende e o objeto de estudo. Encontro, este, promotor de transformação e de significação acerca das informações e do conhecimento. Assim, compreende-se que para Rogers (1986) o professor pode apenas facilitar o processo do aluno de “aprender a aprender”, enquanto que este último deve conduzir o processo ao seu modo e no seu tempo. Para isso, cabe ao professor oferecer um espaço propício para essa construção, pautando-se na empatia, autenticidade e aceitação do outro, ao invés de traçar imposições sobre um modelo único de aprender. Moreira (2010) em diálogo com Rogers (1969) sugere:

O aluno deve ser ativo, não passivo. Ela ou ele tem que aprender a interpretar, a negociar significados; tem que aprender a ser crítica (o) e aceitar a crítica. Receber acriticamente a narrativa do “bom professor” não leva a uma aprendizagem significativa crítica, a uma aprendi-

ragem relevante, de longa duração; não leva ao aprender a aprender (Rogers, 1969 citado por Moreira, 2010. p. 4).

Em consonância com os aspectos apresentados, as oficinas pedagógicas mostram-se como uma alternativa às metodologias apenas expositivas e centralizadas na fala do professor. Consistem em momentos de troca onde os alunos podem agregar ao debate com atividades práticas, exemplos pessoais, recursos lúdicos e etc. Assim, nesse contexto o aluno é considerado como agente participativo, criativo e motivado a aprender, como aponta Da Silva Sousa (2021, p. 1907): “nesse panorama, os saberes são vistos como produtos das percepções e concepções que cada sujeito forma, a partir da convivência humana, das relações sociais instituídas, das experiências vividas coletivamente”.

Baseado no exposto, o presente trabalho tem como objetivo compartilhar a experiência de oficinas pedagógicas facilitadas pela autora em turmas do curso de graduação em Psicologia no ano de 2023. Para isso, configura-se metodologicamente como um escrito qualitativo de cunho descritivo do tipo relato de experiência. Segundo Silva (2020, p. 123), tais relatos

(...) são narrativas descritivas de práticas realizadas, nas quais o autor compartilha suas percepções e reflexões sobre o processo e os resultados obtidos. Esses relatos permitem a troca de conhecimentos e experiências entre profissionais, contribuindo para o desenvolvimento da prática profissional e acadêmica” (Silva, 2020, p. 123).

A fim de elucidar melhor a proposta aqui exposta, permito-me como autora me apresentar em tom mais pessoal. Como psicóloga, estou, atualmente, na docência do ensino superior, ministrando aulas para estudantes de graduação em psicologia. No ano de 2023 tive a oportunidade de estar à frente de duas turmas de Psicologia da Aprendizagem, refletindo com alunos de primeiro e segundo semestre as diferentes teorias e mecanismos da aprendizagem, aspectos cognitivos e os desafios contemporâneos acerca do tema. Nesse ensejo, ao fim do semestre como método avaliativo, foi proposto que os alunos, em grupos, pudessem apresentar alguma atividade prática em relação aos temas estudados. A oficina de criação e apresentação contou com uma duração de uma hora e meia em ambas as turmas e os alunos tiveram a liberdade de apresentar os materiais construídos conforme quisessem, sem obrigatoriedade do uso de ferramentas específicas, como slides, por exemplo.

As oficinas contaram com apresentações artísticas, exposições lúdicas de teorias clássicas e contemporâneas da aprendizagem, estudos de caso, simulações e jogos educacionais, espaço para discussão sobre os desafios e as melhores práticas na aplicação de intervenções educacionais, entre outros recursos construídos pelos alunos. Tudo isso proporcionou aos mesmos uma compreensão aprofundada e prática da psicologia da aprendizagem, o que será melhor discutido no decorrer do presente trabalho.

Experiências e saberes construídos mutuamente

A metodologia de uma oficina pedagógica é baseada segundo Moita e Andrade (2006) em uma produção coletiva de saberes onde o foco principal não está apenas no resultado final da aprendizagem, mas em todo o processo de construção do conhecimento, sendo este pautado na análise da realidade e no intercâmbio de experiências. Com isso, enuncia-se uma vivência onde professor e alunos fabricam juntos um entendimento ao compartilharem um espaço-tempo perpassado pela sensibilidade, protagonismo, afetividade, criticidade e reflexão. Assim sendo, diferentes recursos podem ser utilizados para enriquecer uma oficina pedagógica, sejam eles materiais didáticos, tecnologias digitais, materiais manipuláveis, espaços diferenciados ou os próprios recursos humanos.

A oficina aqui exposta baseou-se no diálogo com as temáticas discutidas durante a disciplina de Psicologia da Aprendizagem, sendo estas: os diferentes referenciais teóricos acerca do processo de ensino-aprendizagem, os aspectos gerais do desenvolvimento humano, alguns aspectos cognitivos que perpassam esse processo como a memória, criatividade e inteligência e por fim, debates voltados para as possibilidades e os desafios da atuação do psicólogo em contexto educacional. O uso dessa metodologia ocorreu por escolha da professora em uma tentativa de promoção de uma aprendizagem mais significativa, além do fortalecimento da dinamicidade nos métodos avaliativos.

Os alunos foram convidados a trazerem, em grupo, algum recurso para ser apresentado para a turma de modo que construísse um diálogo teórico-prático com os aspectos da disciplina, sendo este recurso o que quisessem, sem nenhuma obrigatoriedade ou delineamento a priori.

Em cada uma das turmas, aproximadamente, 10 equipes apresentaram diferentes produções sobre as temáticas estudadas, mostrando através das exposições o quanto essa metodologia pode encorajá-los no desenvolvimento de habilidades e competências voltadas para a criatividade, o pensamento crítico, a resolução de problemas, a comunicação e a colaboração. Além disso, foi notório como docente a percepção da motivação e do engajamento dos mesmos, visto que essa atividade por ter um teor mais prático acabou despertando o interesse dos alunos e tornando o processo avaliativo muito mais envolvente.

Destacaram-se os trabalhos envolvendo cartazes, jogos e apresentações artísticas como a produção de poesias e paródias. Entre os temas, os alunos passaram por todas as discussões propostas no cronograma de ensino, sendo os mais debatidos no momento da oficina a importância da criatividade, os aspectos cognitivos, as inteligências múltiplas, a patologização do processo de ensino-aprendizagem e as diferentes teorias de compreensão do mesmo, sendo estas psicológicas ou psicogenéticas.

Ainda em diálogo com Moita e Andrade (2006, p. 13), notou-se que “graças a seu caráter eminentemente interativo e colaborativo, as oficinas pedagógicas são uma excelente estratégia para ensinar valores de convivência e para desenvolver ou reforçar os vínculos intersubjetivos que perfazem a instituição escolar”. Na experiência aqui mencionada, enunciou-se a interação e a socialização entre os discentes, apontando para o quanto o trabalho em equipe fortalece a valorização de diferentes perspectivas. Além disso, a autonomia e o protagonismo estiveram o tempo inteiro em cena, visto que os mesmos foram incentivados a assumir um papel ativo no processo de aprendizagem, tomando decisões, explorando possibilidades e construindo o conhecimento de forma autônoma.

Todos esses aspectos apontam para um conceito importante e já debatido, brevemente, neste trabalho voltado para a *aprendizagem significativa*, proposta por Rogers em suas reflexões acerca de um ensino centrado no aluno. Carl Ransom Rogers (1902-1987), americano, foi um notório psicólogo clínico e psicoterapeuta, ganhando visibilidade também no campo da educação, principalmente, a partir da década de 40. Segundo Sousa (2021, p. 1906), Rogers defende que “é através do contato que se educa e o professor deve atuar de forma a facilitar o processo de aprendizagem, sendo, portanto, um educador-facilitador, uma pessoa realmente presente para seus alunos”.

Gostaria de destacar aqui dois pontos que foram muito expostos durante as oficinas e que dialogam com a perspectiva humanista do referido autor: a) a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem e b) o foco na realidade do aluno:

a. A afetividade mostrou-se como um componente fundamental no processo de construção das oficinas, pois criou um ambiente de segurança e confiança que facilitou a absorção do conhecimento. Por se sentirem emocionalmente conectados e valorizados pela professora e pelos colegas, os alunos mencionaram um aumento do foco para aprender, tornando o aprendizado mais potente. Foi perceptível a contribuição da afetividade, também, para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, essenciais para o crescimento integral dos estudantes. Os mesmos puderam se acolher nos momentos de nervosismo durante a apresentação, sorrir juntos e emocionar-se. Como docente, percebi que demonstrar empatia e compreensão ajudou a construir um clima educacional positivo, onde os alunos se sentiram respeitados e apoiados, promovendo uma aprendizagem mais eficaz e duradoura.

b. Durante as oficinas os discentes tiveram a possibilidade de relacionar os conteúdos com a sua realidade, o que facilitou a compreensão e a aplicação prática do conhecimento. Ao conseguirem associar o que estavam aprendendo com suas próprias experiências e contextos cotidianos, eles encontraram maior relevância e propósito no estudo, o que aumentou o engajamento e interesse. Essa abordagem contextualizada não só ajudou na retenção de informações, como também desenvolveu habilidades críticas e reflexivas, capacitando os alunos a entenderem e interagirem com o mundo ao seu redor de maneira mais consciente e efetiva.

Dar-se aqui um feliz diálogo com a proposta do ousado Patrono da Educação Brasileira, Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997), a medida em que o mesmo defende que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 27). Assim, percebe-se que as oficinas pedagógicas se mostram como uma alternativa de construção de uma educação que não se propõe neutra ou indiferente aos atravessamentos sociais, mas contextualizada e por isso política, marcada pela ampliação da consciência de alunos que se tornam sujeitos críticos, interventivos e capazes de modificar a realidade.

Falando de turmas do curso de Psicologia, tal aspecto ganha ainda mais importância, visto a crescente presença de discursos generalistas e acrílicos acerca da saúde mental e da atuação do psicólogo sendo difundidos na

atualidade. É, portanto, o exercício da reflexão que permitirá que os futuros profissionais desenvolvam uma compreensão profunda e questionadora das teorias, práticas e pesquisas que vierem a encontrar. Além disso, essa habilidade é fundamental para analisar e avaliar a validade de diferentes abordagens e técnicas, considerando seus contextos históricos, culturais e éticos. Isso é particularmente importante em uma área onde as práticas estão constantemente evoluindo e onde a diversidade de perspectivas é valiosa para compreender a complexidade do sofrimento humano.

Ademais, estratégias como a oficina aqui exposta ajudam a identificar preconceitos, limitações e possíveis implicações éticas nas intervenções e teorias do campo psicológico de estudo, garantindo que os estudantes possam oferecer compreensões teóricas mais eficazes e posturas profissionais mais éticas e acolhedoras. Foi muito presente a desconstrução de pré-julgamentos e o esclarecimento da postura compreensiva e cuidadosa que o psicólogo precisa ter diante dos desafios daquele a quem escuta. No âmbito da Psicologia da Aprendizagem, os alunos puderam sensibilizar-se às diferentes realidades de ensino, compreendendo que cada contexto traz uma variedade de fatores socioeconômicos, culturais e individuais que influenciam como os alunos aprendem e se desenvolvem.

Muitas potencialidades foram evidenciadas com a utilização das oficinas pedagógicas como método avaliativo, e parte do processo de aprendizagem dos discentes. Muitos relataram que “*nem lembraram que estavam sendo avaliados*” e que “*pensar em algo prático fez aprender mais que uma prova objetiva*”. No entanto, também apareceram desafios durante a construção desse momento. Inicialmente, muitos alunos se assustaram com a proposta de avaliação, isso porque, habituados às metodologias tradicionais, julgaram a oficina como muito difícil ou promotora de muita exposição. O vínculo coletivo construído durante todo o semestre pode fissurar esse medo e fortalecê-los para o momento de compartilhamento.

Outro desafio que apareceu foi o juízo de que - mesmo assustadora, a oficina parecia “boba” e que nada agregaria na bagagem de conteúdos que alunos de graduação precisam construir. Esse aspecto elucidou para a docente as expectativas dos alunos em métodos de avaliação rígidos e de um ensino conteudista pautado na memorização, infelizmente, ainda difundido nos espaços formativos. Em meio a essas expectativas, amparei-me em Drummond (2003) para também me fortalecer como docente e defender

a importância do uso do lúdico em todos os momentos da vida: “brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo: se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los, sentados enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem”.

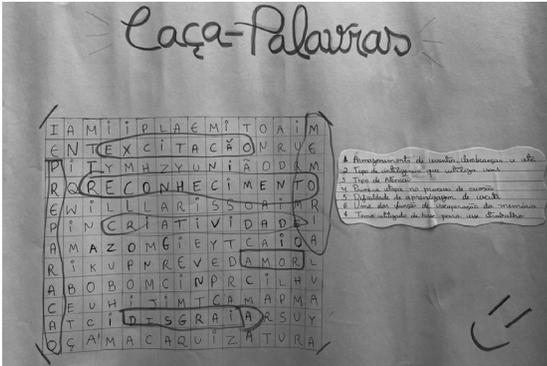
Dificuldades logísticas também marcaram esse momento. Por se tratarem de turmas grandes, tivemos pouco tempo para a apresentação de cada equipe, o que reduziu um pouco a partilha que poderia ter sido ainda mais agregadora. O que inicialmente pareceu bobo ou assustador, no momento da vivência mostrou-se leve, divertido, agregador e fonte de aprendizado advindo de uma experiência vivida. Essa leveza deu-se pela partilha das músicas e vídeos trazidos pelos alunos, bem como pelos jogos, exposições e trocas que fizeram o momento parecer mais uma comemoração pelo conhecimento adquirido pela turma do que uma avaliação de final de semestre.

Apesar das adversidades que se revelaram, as oficinas tiveram um caráter muito mais positivo que negativo como possibilidade avaliativa e de participação discente, caracterizando as mesmas como uma potente metodologia ativa. As Metodologias Ativas de Ensino Aprendizagem (MAEA) possibilitam, segundo Melo e Sant’ana (2012) a formação de profissionais a partir de um currículo integrado e flexível, que favoreça o comprometimento do aluno com sua formação e o suporte docente como facilitador do ensino. Além disso, tais práticas ampliam a visão dos estudantes ao promoverem um aprendizado que explore diferentes cenários, o que corrobora para a “interface entre o indivíduo e o social, e permitem um maior acesso sobre o modo de pensar, os desejos e interesses das pessoas, numa determinada cultura” (Lima, 2016, p. 424).

A fim de ilustrar as ideias aqui expostas, seguem algumas imagens de materiais produzidos nas oficinas:



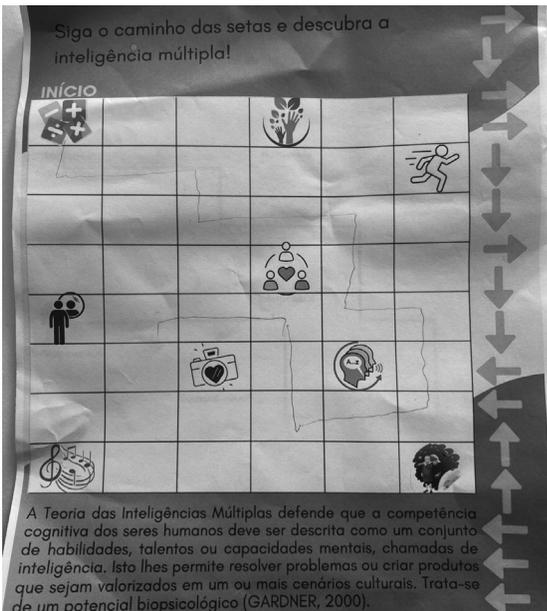
Figura 1 - Fanzini em alusão ao filme “Sociedade dos Poetas mortos”.



Fotografia 2 – Caça-conceitos



Fotografia 3 – Quem é esse autor?



Fotografia 4 – Procurando inteligências

Fonte: produzido pela autora

Nas imagens podemos ver trabalhos de colagens, produção de fantoches e jogos. Diante desses recursos foi possível relembrar aspectos voltados para as teorias psicológicas e psicogenéticas da aprendizagem, bem como conhecer teorias como a de Howard Gardner sobre Inteligências Múltiplas. Além disso, discutiram sobre categorias trabalhadas durante toda a disciplina e presentes no caça-palavras que trazia conceitos a serem localizados, exemplificando as potencialidades que já foram aqui debatidas acerca dessa metodologia ativa.

Considerações Finais

Um ensino dinâmico é crucial para a educação contemporânea, pois ele se adapta às necessidades e interesses dos estudantes, tornando o aprendizado mais envolvente e eficaz. Com o uso das metodologias ativas o processo de ensino vai além da simples transmissão de informações, promovendo o pensamento crítico e a criatividade. As oficinas pedagógicas oferecem uma abordagem que reconhece a diversidade de estilos de aprendizagem e oferece múltiplas formas de engajamento, o que pode aumentar a motivação e a participação dos alunos. Com isso, contribui para a formação de indivíduos mais reflexivos, adaptáveis, confiantes e preparados para a vida pessoal e profissional.

Clarificou-se, portanto, o potencial de tais oficinas na construção de uma aprendizagem significativa, pautada na sensibilização, empatia, autenticidade e protagonismo diante do próprio percurso de formação. Tal alternativa rompe com os modelos tradicionais de ensino a medida em que foca em uma metodologia prática e centrada no aluno, em contraste com o método passivo de transmissão de conhecimentos típicos das aulas expositivas. Desse modo, diferentes recursos tornam-se agregadores ao trabalho do professor, incluindo a arte, a ludicidade e as novas tecnologias.

Por fim, pretende-se com o presente trabalho inspirar outros profissionais docentes a experimentarem as novas possibilidades metodológicas existentes na atualidade. Bem como, abrir o debate para interesses futuros em pesquisas científicas acerca do tema, fortalecendo-o no contexto acadêmico.

Referências Bibliográfica

CARDOSO, J.; VALENTE, M. **Antigas ferramentas, novas práticas: mudanças nos espaços de aprendizagem para formação de professores.** In: TONELLI, J.; MATEUS, E. (org.). *Diálogos (Im)pertinentes entre formação de professores e aprendizagem de línguas.* São Paulo: Blutcher, 2017.

DA SILVA SOUSA, Isete. Estreitando caminhos para a aprendizagem: Carl Rogers e a teoria da Aprendizagem Centrada no Aluno. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 11, p. 1904-1915, 2021.

DRUMMOND, Carlos. **Brincar e aprender: a importância do lúdico para as crianças pequenas.** Porto Alegre, RS: Pátio; Grupo A Editora, 2003

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIMA, Valéria Vernaschi. Espiral construtivista: uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 21, p. 421-434, 2016.

MELO, B. C.; SANT'ANA, G. **A prática da Metodologia Ativa.** Com Ciências Saúde [Internet], v. 23, n. 4, p. 327-39, 2012.

MOITA, FMGSC; ANDRADE, FCB de. O saber de mão em mão: a oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública. **Reunião Anual da ANPED**, v. 29, p. 16, 2006.

MOREIRA, M. A. **Abandono da narrativa, ensino centrado no aluno e aprender a aprender criticamente.** Porto Alegre: Instituto de Física, UFRGS, 2010.

MOREIRA, Marco Antonio. **Teorias de aprendizagem.** 2. ed. São Paulo: E.P.U., 2019.

ROGERS, C. R. **Liberdade de aprender em nossa década.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

SILVA, M. Relatos de experiência: contribuições para a prática profissional. **Revista de Práticas Acadêmicas**, v. 10, n. 2, p. 120-130, 2020.

Capítulo 7

Supervisão em Logoterapia: Autotranscendência, Ética e Cuidado

Nícolás Kennedy de Lima Brandão

“...SUPERVISÃO É UMA “SUPERVISÃO”, UM OLHAR POR CIMA, MAIS ABRANGENTE DE UM PROCESSO...”

— *Stilita, 2021, p.1*

Introdução

A Supervisão em Logoterapia tem sido um assunto pouco discutido na literatura americana, sendo encontrado apenas um artigo que privilegia o tema em sua totalidade (Nassif et al., 2010). Ressalta-se aqui a importância do processo de Supervisão Clínica, numa forma geral, para o desenvolvimento e Treinamento dos Psicoterapeutas que procuram o máximo de ética e cuidado aplicados aos processos que fazem (Stilita, 2021). Procurou-se aqui evidenciar os aspectos possíveis da Supervisão em Logoterapia, ressaltando que os conceitos e técnicas que são utilizados para o Desenvolvimento de sua forma de Psicoterapia, também podem ser aplicados no ato de Supervisão, gerando um impacto direto no que diz respeito à amplitude de aplicação de uma intervenção Logoterapêutica (Nassif et al., 2010). Este estudo visa abordar o que é a Supervisão Logoterapêutica e quais os benefícios de passar pelo Processo de Supervisão podem ser sentidos. Aqui focaremos na Supervisão Clínica em Logoterapia, evidenciando seu caráter educativo e formativo.

A Supervisão da atividade Clínica ou apenas Supervisão Clínica, é um processo de acompanhamento educacional. E como todo processo de desenvolvimento, esta estará voltada para maximizar as possibilidades de intervenções com o maior sucesso possível, visto que cada caso é único e deve ser observado com cautela, e neste caso com uma visão ampliada, uma visão dupla ou grupal, uma Supervisão (Stilita, 2021).

Além disso, pode-se entender também o Processo de Supervisão Clínica ou Psicoterapêutica como um processo de cuidado, onde um profissional mais experiente vai auxiliar o menos experiente no seu ato de prestar cuidado – Seu trabalho como Psicoterapeuta e/ou Psicólogo Clínico (Nassif et al., 2010). É Papel do Supervisor Clínico, garantir que durante seu acompanhamento sejam passados todos os conhecimentos e possibilidades de atuação frente aos casos trazidos, para garantir a maior possibilidade de que o aluno consiga assimilar os conhecimentos e utilizá-los de forma ética e precisa em sua prática clínica, após os encontro de Supervisão e em sua prática clínica, quando julgar necessário (Barreto e Barletta, 2010). A motivação de criação deste Estudo se justifica pelo autor estar sendo Supervisor em Logoterapia e ver estes processos acontecendo sempre que abre o espaço de

Supervisão e consegue ver e também escutar, os relatos e os crescimentos de seus Supervisandos.

Aqui será estudado o Processo de Supervisão em Logoterapia como parte fundamental para a formação continuada do Logoterapeuta e para o desenvolvimento de suas habilidades, práticas e aplicações. Sendo assim, são considerados alguns objetivos. Como Objetivo Geral foi firmado a necessidade de: Explorar o que é a Supervisão em Logoterapia. Ainda foram definidos 3 Objetivos específicos: 1. Explicar o que é a Supervisão em Psicologia Clínica ou em Psicoterapias; 2. Abordar o uma possível contribuição da Análise Existencial de Viktor Frankl para a Educação - Logoeducação. 3. Mostrar as Possibilidades de aplicação de uma Supervisão em Logoterapia.

1. Super-Visão: Uma Possibilidade de Educ-ação

O pioneiro, Sigmund Freud, foi também o Primeiro, por volta de 1902, a reconhecer a necessidade de um trabalho de Supervisão clínica. Este modelo foi logo adotado por instituições de Formação (Educação) Psicanalíticas da Época e passou a ser de fundamental importância para quem desejasse ter o título de Psicanalista. Contudo, nesta implantação do trabalho do Supervisor, existia uma concepção de que ele também seria o Psicoterapeuta do Supervisando – concepção esta que nos dias atuais vemos que é ultrapassada, até mesmo não praticada e inadequada. Contudo, devemos lembrar que, além de Freud, Carl Rogers teve uma imensa importância no Processo de Supervisão, pois a ele são atribuídas as primeiras gravações de sessão, áudios e transcrições com caráter educativo e formativo para novos Psicoterapeutas (Stilita, 2021).

O Trabalho do Supervisor Clínico é de extrema importância na formação de novos profissionais. Esta importância se dá pelo fato de que além de desenvolver as habilidades, e ética, sendo crítico e analítico sobre os casos, o supervisando – aqui chamado assim para evitarmos usar o termo aluno ou estudante, onde estes se aplicam mais seguramente a ideia de um estudante estagiário de graduação em seu processo de supervisão e prática profissional – terá além disto, a possibilidade de estar adentrando o meio profissional em uma forma grupal de apoio e mútua ajuda e cuidado, abrangendo os colegas

de supervisão mas também a relação com o próprio supervisor, que além de ensinar também aprende (Távora, 2002).

Ainda assim, podemos pensar no modelo de Supervisão, de uma forma geral, como um molde de formação de novos Psicoterapeutas de forma Tradicional, e que já faz parte da história da Psicoterapia. O Objetivo de se existir uma Supervisão é, numa visão geral, fazer com que as demandas que estão sendo tratadas pelo supervisando tenham o máximo de possibilidades de análise, para que suas intervenções tenham eficácia amplificada ao máximo possível (Nassif et al., 2010).

Mesmo em visões mais recentes sobre o assunto, continua-se a expressão que a Supervisão em Psicoterapias é focada na melhoria constante do Supervisando em suas habilidades diversas, tanto de forma pessoal quanto profissional. E neste caso, o Supervisor é mostrado como uma figura extremamente importante, mas não só como alguém que conduzirá o processo, sendo também alguém que facilitará e disponibilizará a possibilidade do crescimento e questionamento crítico-analítico de conduta psicoterapêutica, acontecer. Sendo assim, o Supervisor é um facilitador e acompanhante do processo de educação formativa profissional do Psicoterapeuta, que em alguns momentos intervém para ampliar a percepção do Profissional sob sua Super-Visão (Stilita, 2021).

É importante salientar, que o processo realizado com profissionais nos últimos anos de graduação, representa um contato inicial da prática profissional e que, sob supervisão, terá seu acompanhamento e orientações para que o impacto inicial possa ser construtivo, mesmo diante das dificuldades. Além disto, o Processo de Supervisão se torna de suma importância quando pensamos nas modalidades de atendimento (Individual, Casal, Familiar, Grupal) e que podem ser treinadas no momento de atendimento e orientadas pela Supervisão, para desenvolver o cuidado necessário com o Paciente e o Processo (Távora, 2002).

Sendo assim, é de extrema importância que a Supervisão Psicoterapêutica seja também vista como um Ato de Cuidado, (Stilita, 2021). A supervisão foco deste estudo (Supervisão em Logoterapia), não é diferente, representando o Cuidado para com o Processo tanto do Supervisor para o Supervisando, quanto do Supervisando com Seus Pacientes (Nassif et al., 2010). Sobre o cuidado, a definição de Heidegger se torna muito útil, quando entendemos que o modo de ser do homem é por definição existencial cuidadoso. Aqui

abordar-se-á apenas 3 modos de cuidado para amplificar o impacto no tema e compreensão do tema. Cuidado pode ser em Modo de Ocupação ou de Preocupação, onde o primeiro representa uma versão de interesse e dedicação de tempo pelo objeto de cuidado (O ser a um ente). Já o segundo representa uma versão de relação existencial e doação de tempo voltada para um ser com a mesma estrutura ontológica que o doador de cuidado, mas pautada na possibilidade de relação fenomenal do próprio ser (O ser humano para outro ser humano ou a si mesmo). Sendo assim, pode-se aprofundar a Preocupação, em 3 modos de expressão: Indiferença, que fala sobre a atitude de baixo interesse pelo outro, a Substituição, que diz respeito ao assumir ações de responsabilidade do outro a fim de preservá-lo e dá-las de volta cumpridas, e a Anteposição, que é a postura de cuidado mais pura e que por meio de sua atitude de diferenciação, abertura e doação autêntica de tempo, coloca o outro em frente a sua possibilidade e responsabilidade de ser (Heidegger, 2015; de Sá, 2000). Podemos entender este último modo como algo totalmente condizente com os recursos noéticos desenvolvidos na Análise Existencial de Viktor Frankl e Aplicados na sua forma Psicoterapêutica, a Logoterapia, sendo também partilhados na possibilidade de Supervisão por meio do Diálogo Socrático (Ortiz, 2012) e outras ações de cuidado do Supervisor (Nassif et al., 2010).

Então, é importante uma postura cuidadosa no momento de adaptação prática inicial, pois este muitas vezes pode durar alguns encontros de Supervisão. Sendo assim, pode-se a adaptação do Supervisando, como um processo único e pessoal-profissional, que não tem tempo definido, mas tem possíveis etapas que podem esclarecer o processo, São Elas: Momento de Indiferenciação; Momento do Reconhecimento do Eu; Momento do Reconhecimento do Tu; Momento de Pré-inversão; Momento de Inversão de Papéis (Távora, 2002).

Mas além disto, devemos pensar nas competências que um Supervisor precisa ter para manejar quaisquer processos, como estes, advindos da sua Supervisão e seu Desenvolvimento Profissional. Algumas delas são: Capacidade Apoiar o Supervisando em suas escolhas e processos, Acolhimento de Demandas advindas da atividade profissional, precisão e empatia no momento de fazer críticas, Capacidade de prestar auxílio nas melhores formas de resolução ou condução de casos, além de ser um modelo de profissional,

com o qual os Supervisionandos possam se identificar, sempre mirando em valores éticos e profissionais da profissão (Stilita, 2021).

Pode-se pensar então que os momentos de Desenvolvimento do processo de estar como supervisionando, estão ligados a capacidade do Supervisor de forma técnica, profissional e ética, em sua condução. Sendo assim, o momento de **Indiferenciação** se caracteriza pelo estado inicial de entendimento em que o supervisionando se encontra, antes de iniciar algum processo Psicoterapêutico com um Paciente. Pensa-se aqui, nas necessidades que possam surgir e no conhecimento que talvez seja necessário. É característico desta fase o Supervisando não diferenciar a sua prática profissional da própria atuação no mundo, e que chegue com algumas angústias, ansiedades e medos que precisam de um contato de supervisão prévio, antes do contato com o Paciente. E aqui o grupo mostra-se extremamente importante quando se pensa no compartilhamento de questões pessoais que podem impactar o ponto profissional (Távora, 2002).

É exatamente nesta fase que podemos ver a necessidade do Supervisando de ser acolhido e de que a supervisão seja também um processo de atenção e cuidado (Stilita, 2021). Mas quando se chega ao momento de **Reconhecimento do Eu**, pode-se notar que existe uma atenção voltada para o si mesmo do Psicoterapeuta, onde em muitos momentos ele é confrontado, pelo impacto inicial do processo, com o início de sua atividade, e assim confunde coisas próprias com as que estão sendo trazidos dentro do processo (Távora, 2002).

É importante notar que o Supervisor, precisa deixar um espaço amplo de acolhimento, que propicie a autoavaliação dos Supervisionandos em suas questões diversas, mas ainda que este ambiente seja um ambiente desafiador para que o supervisando se sinta motivado no sentido de ampliar seu conhecimento sobre si mesmo e conseguir diferenciar-se do paciente (Stilita, 2021). O que de certa forma é buscado aqui é o movimento de escuta autêntica e empática na forma de diálogo (Eu-Tu), seja privilegiado, em detrimento da forma de Escuta e Diálogo Eu-Isso, onde existirá uma limitação no acolhimento e acolhimento do outro em seu momento (Buber, 2006).

Sobre o movimento de diferenciar-se do outro, deve-se notar que na Logoterapia, abordagem foco deste estudo, um recurso noético (Essencialmente Humano) que é, muitas vezes, possível de ser trabalhado

como foco, é a capacidade de entender a unicidade e irrepetibilidade do outro ser humano a sua frente, ou seja, existem duas pessoas, com vivências, experiências e questões únicas que as fazem estar ali, apresentando-se na forma que estão. Entender-se na diferenciação é o passo principal para entender o outro sem um crivo pré-estabelecido (Ootiz, 2012).

Porém, as possibilidades de momentos e vivências do Supervisando não cessam nestas possibilidades, e ainda existe o momento de **Reconhecimento do Tu**, e é quando o Supervisando se coloca para a escuta do outro de forma mais autêntica e direcionado, privilegiando a possibilidade de promoção de saúde mental do outro e agindo como agente promotor desta. É neste momento que o Supervisor precisa assumir a postura de incentivador e validador da experiência do supervisionando, para que esta possa ter motivos para continuar mesmo diante de possíveis necessidades de adequação. Esta atitude, pode proporcionar o aumento da autoanálise profissional e ajudar o supervisionando a melhorar por si só (Távora, 2002).

O Trabalho do Supervisor é, numa escala mais ampla, de atuar como profissional de acolhimento, ética e cuidado com o Supervisando, mas indiretamente também com os pacientes que os supervisionandos estão a atender (Stilita, 2021).

O Próximo Momento é o de **Pré-Inversão**, nele pode-se notar que existe uma possível inclinação do Supervisando em se colocar no lugar do Paciente e estando imerso também nas questões do Paciente, pode não saber lidar com o que ele mesmo experiência. Há aqui a possibilidade do Supervisando espelhar fielmente a postura e intervenções propostas pelo Supervisor, pela necessidade imaginada de conseguir replicar o modelo de sucesso que segue: O do Supervisor (Távora, 2002).

Apesar do Acolhimento e do Espaço oferecido pelo Supervisor ao Grupo e ao Supervisando, em menor escala, é necessário entender que o Processo de Supervisão lidará com a atividade profissional do Supervisando e não exclui a necessidade de Psicoterapia própria, onde esta irá privilegiar aspectos totais (ou em maior escala que a supervisão) da existência do Supervisando (Barreto e Barletta, 2010).

O último momento, de forma individual, no desenvolvimento do Supervisando é o de **Inversão de Papéis** (também chamado de “O Encontro”). Aqui nota-se o processo de efetivação da maturidade profissional do Supervisando, se diferenciando totalmente tanto do Paciente quanto do

Supervisor. A Supervisão não é mais vista como um, possível, instrumento de validação pessoal perante ao grupo, mas como um espaço de trocas e compartilhamento de experiências de vivências Psicoterápicas (Távora, 2002).

É neste momento, que o Supervisor deve colocar-se não como um Profissional com um pouco mais de experiência que o outro, mas sim que enxerga o supervisando em sua prática, como um outro profissional que irá construir com ele a melhor possibilidade de prestar cuidado de forma ética ao Paciente (Barreto e Barletta, 2010). ou seja, é necessária uma postura socrática de construção mútua e de descobrimento, apesar das experiências prévias (Ortiz, 2012). e ainda a postura de Eu-Tu para que a relação Supervisor-Supervisando seja saudável (Buber, 2006; Távora, 2002).

A Supervisão em grupo tem a possibilidade de ser mais efetiva do que a supervisão particular. Mas ao final o que se mostra mais importante é que existam valores semelhantes no grupo de Supervisão, o que muito provavelmente irá promover a unidade do grupo e a melhor adesão a interações (Nassif et al., 2010).

Pensando nisso, podemos entender o movimento final do grupo, ser o de exposição dos casos e o aguardar tanto pelo *Feedback* do Supervisão, quanto o dos colegas de Supervisão (Távora, 2002). Ou seja, o processo de Supervisão, dá-se, após os momentos iniciais, em: **Exposição de Casos** (Por parte do Supervisando), **Análise do Caso e Postura Profissional** (Por Parte do Supervisor, Supervisando e do Grupo), **Propostas de Intervenção** (Por Parte do Supervisor, Supervisando e do Grupo (Barreto e Barletta, 2010).

Apesar de ter-se aqui falado, bastante equilibradamente do processo Supervisão-Supervisando, devemos aprofundar mais sobre a ótica do Desenvolvimento do Supervisor. Existem 4 fases de desenvolvimento para ser pensada a atuação profissional do supervisor (descritas por Stoltenberg et al. em 1998), sendo as duas primeiras (1 e 2) claramente pontos de melhoria, e as duas últimas (3 e 4) com possibilidades de maximização de um estado já satisfatório. São Eles: (Stilita, 2021).

1. Altos níveis de ansiedade; usa seus supervisores mais recentes como modelo profissional. Com o intuito de controlar sua ansiedade, supervisores no nível 1 têm preferência pelo uso de estruturas mais formais durante a supervisão, como por exemplo feedbacks. **2. Níveis ainda**

elevados de confusão e conflito. Os níveis de motivação são flutuantes e prefere permanecer na área de conforto. Porém, com medo de cometer erros, exibe um foco exagerado no supervisionando. **3. Supervisor exibe motivação estável e consistente.** Já se sente à vontade nessa posição e usa exemplos da sua própria experiência para auxiliar o supervisionando. **4. Maior integração de sua identidade enquanto supervisor** (Stilita, 2021, p. 25).

Além desta possibilidade, existe a divisão em 3 estágios da teoria de Hess (1986), que descreve as atitudes do supervisor frente a sua atuação no processo. **1. Foco no Ensino:** com uma atitude mais passiva de recepção de informações para a análise, sendo sensível a identificação de seus pontos de melhoria e a opiniões dos supervisionandos. **2. Exploração:** Capaz de uma autoavaliação inicial e com maior domínio da literatura sob a qual está debruçado, dando-lhe confiança e foco em suas intervenções. **3. Confirmação de Identidade:** Nesta fase final podemos ver o Supervisor totalmente formado e em sua melhor performance (Sempre sendo atualizada) e com claros papéis que beneficiam o Supervisando e o Paciente ao final (Stilita, 2021).

Neste sentido, podemos entender o papel do Supervisor, como de extrema importância para o desenvolvimento profissional do Supervisando, mas também como um Processo Educacional de empoderamento e qualificação amplificados para a melhor qualidade em saúde mental (Barreto e Barletta, 2010).

Desta forma, o método socrático, já comentado anteriormente, mostra-se como uma forma de intervenção possível para o desenvolvimento da Supervisão, uma vez que coloca o Supervisando na Base do Questionamento e de entendimento de uma possível ação Psicoterapêutica, Contudo, por ter este carácter mais aberto e Subjetivo, pode se tornar insuficiente quando falamos de ações mais diretas e necessárias para a preservação a vida, onde este precisa ser contrabalanceado com outros métodos de Supervisão (Overholser, 1991; Nassif et al., 2010).

O diálogo Socrático, baseado no método socrático, é a técnica mais importante da Logoterapia. Esta que também tem o formato educativo elucidado para a construção de sentido (Ortiz, 2012). O mesmo acontece com sua utilização na Supervisão em Logoterapia, que se coloca como um processo de aprendizagem e de elucidação de sentido para promoção da qualidade em prática Logoterapêutica (Nassif et al., 2010).

2. Uma Logo-Educação: Quando a Educação é aberta o Sentido se manifesta.

E quando pensamos nesse modelo de Ensino e Aprendizagem, não podemos deixar de entender a Logoterapia como uma Educação para o Sentido. Esse movimento de entender a compreensão do outro, mas mesmo assim estimular a criação e intencionalidade do ser em se colocar para o mundo com suas ideias é um processo de Autotranscendência (Aquino, 2015).

A Autotranscendência é uma capacidade antropológica, algo unicamente humano, que diz respeito a nossa ação no mundo de irmos além de nós mesmos em nossos posicionamentos e atitudes, o ser Humano não seria autocentrado, mas sim iria buscar sentido, além de si mesmo (Ortiz, 2012).

Para lançarmos fundamentos essenciais de uma Logoeducação, devemos entender que o próprio criador, Viktor Frankl, advogava pela possibilidade do sentido da vida e dos valores serem a resposta para a atenção integral e ininterrupta a dignidade humana e o respeito ao ser. É importante também, salientarmos que diante da escola, incluir a questão do Sentido da Vida e Valores na educação pode-se tornar a chave para a mudança necessária em relação ao respeito ao outro, empatia e preservação da vida, já no ambiente educacional, que diante de tudo é um local de educação. Sendo assim, os valores e o sentido da vida, como ética da existência (Modo de condução de uma vida), são importantíssimos para que a Liberdade e a Responsabilidade, perante um dever-ser pessoal (Uma noção de quem se deve ser em última análise como humano com todos os valores humanos universais), possam se manifestar com sentido e promover a melhor utilidade do conceito de sentido da vida (Aquino, 2015).

E então, pode-se aqui também adicionar que o homem, em sua maneira geral, possui uma postura ativista – que corresponde ao chamado ativo de fazer sempre o seu melhor a cada momento – e também uma postura otimista – onde se entende que independente do que aconteça, nada poderá mudar o que já foi realizado ou conquistado. Torna-se assim a Ética do sentido da vida, uma movimentação em busca da melhor forma para agir não só pensando em si, mas nos outros e em consequência no mundo. Esta atitude e/

ou ação está pautada nos valores pessoais e universais de sentido, pois cada pessoa tem em si a noção do que é valorativo para si mesma (Pereira, 2013).

Mas isto pode se colocar em reflexão quando pensamos no papel de alguém que levará essa educação, onde aqui, este, será chamado de Logoeducador, sendo o profissional que assegurará que a educação não será apenas o processo de ensino e aprendizagem, mas que também estará ligada à identificação e busca de sentidos e valores na vida. Um Papel de cuidado com o outro como ética, que também se mostra como um papel autotranscendente no final da reflexão (Aquino, 2015).

A supervisão como um processo de aprendizagem, coloca o Supervisor no Local desta Educação (Stilita, 2021), mas acaba indo além disto, quando na postura de Supervisor não só a educação está em jogo, mas também a possibilidade da prática clínica e em última análise, a prestação de serviços psicoterapêuticos e promoção da saúde mental (Nassif et al., 2010).

O Logoeducador pode lançar mão do Diálogo Socrático para fazer a reflexão de valores e da ética a qual o educando está inclinado a seguir e onde ele ressoa o seu dever-ser. Eu posso? Eu Devo? E eu quero? São algumas das possibilidades de intervenção com Diálogo Socrático que privilegiam a avaliação de valores (Aquino, 2015).

Podemos identificar a produção de Logoterapia voltada para questões educacionais, tem focado em temas como o Estresse acadêmico, Transtornos Mentais, Comunicações efetivas entre Pais e Filhos Autistas, Formação e Identidade do Aluno, entre Diversos Outros (Navarro e López, 2023).

Mas quando se pensa na Logoeducação, pensa-se num processo de Cuidado e Ética promovidos por uma postura Autotranscendente. Totalmente voltada para a busca de sentido e realização de valores, por meio da aprendizagem, utilizando-se de vários métodos, como o mais utilizado, o Diálogo Socrático e dinâmicas de aproximação com coisas que podem representar valores. Numa Logoeducação promove-se a tensão entre o ser (o que se é agora) e o Dever-ser (o que se deseja ser num futuro), e o desafio de atuação responsável no momento, para essa capacidade de dar respostas frente ao que a vida apresenta, seja, mesmo diante das mais variadas possibilidades de agrado e desagrado, sempre ativada e exercida. Onde se pode pensar que o homem é humano quando se faz o que está alinhado a seus valores e com a transcendência de si mesmo (Aquino, 2015).

Contudo, é importante lembrar que apesar da metodologia ativa proposta aqui como Logoeducação, podem-se encontrar alguns desafios. A ineficiência do Sistema Educação atual se coloca como um fator de alto risco para o desenvolvimento de atitudes regredidas (em relação a idade que se tem) frente a necessidade de posicionamento mais maduro e responsável que se espera dos jovens e jovens adultos atualmente. Mas ainda, pode-se notar a mercantilização e tecnificação das instituições de ensino, que apenas preparam o estudante para o mercado de trabalho. Como Proposta a Análise Existencial de Viktor Frankl, aplicada à Educação, - Ou como aqui fica nomeada de: Logoeducação – tem a proposta de contrastar os problemas com o encontro de Sentido e realização de Valores (Pinheiro et al., 2017).

O Logoeeducador pode utilizar certos caminhos para a facilitar este encontro de sentido e realização de valores, os preceitos ficam claros quando os colocamos como uma atitude de exemplo autotranscendente de pessoa, que irá impactar seus educandos: São Eles: Entender e praticar a cultura de crenças de que o ser humano é um ser tridimensional, nele estão as dimensões: Física, Psíquica e Noética (Espiritual); A educação deve colocar o estudante no local de contribuinte para uma sociedade com sentido e pautada em valores universais; Trabalhar com os questionamentos de “Por quê?” e “Para Quê?”, pois uma vez descobertos os Porquês, deve-se auxiliar o estudante a encontrar o seu Para quê; Educar para a Resiliência, fazendo com que o Estudante entenda que mesmo diante dos desafios da vida, esta pode ser vivida da melhor forma possível; Apresentar não só conteúdos formais, mas sim também, conteúdos existenciais, pois assim o aluno, poderá, talvez, ser impactado pelo modelo do Logoeeducador; e por último, fazer do diálogo um instrumento para a abertura e identificação de valores por parte do próprio estudante. Aplicando-se estas atitudes o Logoeeducador pode fomentar o processo existencial do aluno e conseqüentemente tornando-o um Logoeeducando (Aquino, 2015).

Estas Atitudes transformam o Professor dos Dias atuais em um Incentivador Existencial, que proporciona a seus educandos algo além do conteúdo e os coloca no lugar de responsáveis pela sua educação e crescimento educacional, pessoal e existencial (Pinheiro et al., 2017). E O Supervisor em Logoterapia, mas também em outras abordagens, pode ser visto assumindo, muitas vezes, este papel de Professor (Nassif et al., 2010).

Porém, pensar numa realidade de docência com sentido, encontra seu maior, se não também pior, desafio a ser ultrapassado. A desvalorização Profissional dos Docentes, que perpassam tanto questões de Visibilidade e Respeito da Categoria pela Sociedade, quanto salários não compatíveis com a quantidade de responsabilidade e trabalho que estes profissionais tem. Como então ignorar estes fatores rumo a uma educação diferente da que temos hoje, se as consequências disto são: multi-turnos assumidos, trabalhos paralelos; perda de foco e massificação de conteúdos? (Monteiro et al., 2022).

É claro que se deve entender o processo de educar, também como um processo de alcance de novos níveis de consciência existencial, principalmente pelo esforço que é necessário se fazer para que o próprio desenvolvimento aconteça. Na Análise Existencial de Viktor Frankl, o equilíbrio não seria a resposta para o desenvolvimento, mas sim a tensão. Nos dias atuais os jovens são poupados das tensões necessárias para o seu crescimento e conseqüentemente seu desenvolvimento e atitudes existenciais podem ficar prejudicados em sua expressão. O que se propõe aqui a ser explanado é uma educação que tenciona, que pergunta qual a sua responsabilidade frente a você mesmo e também frente ao mundo e aos outros? A Possibilidade é gerar tensão, tensão entre uma pessoa a realizar um sentido e um sentido a ser realizado, a esta podemos chamar de Noodinâmica (Aquino, 2015).

3. Logo-Visão: A Supervisão em Logoterapia

Quanto entende-se que a Supervisão em Logoterapia é também um processo de aprendizagem e que está totalmente pautado no sentido e na realização de valores (Nassif et al., 2010), pode-se justificar o progresso de pensamento até aqui. Mas como é que funciona a Supervisão em Logoterapia?

Começar-se-á pela noção básica de que o Diálogo Socrático, Principal Técnica da Logoterapia, pode ser utilizado como forma de Intervenção do Supervisor em Logoterapia. Isto porque a técnica se coloca de forma precisa quando tenciona (noodinâmica) o Supervisando a encontrar o sentido de sua dúvida ou intervenção (Ortiz, 2012). O Processo funciona de diversas formas, mas a questão é aprofundar o que já se sabe, para promover a revisão

do conteúdo apresentado, fazendo isso de forma autodistanciante – afastando-se um pouco da própria experiência e por intermédio do Supervisor – com Perguntas que fazem refletir a estrutura de uma possível intervenção frente a indefinição da ação atual (Fabry, 1990; Ortiz, 2012).

Podemos entender também o papel do Supervisor em Logoterapia, como um Profissional do Acolhimento e Orientação, que foca no desenvolvimento de curto e longo prazo do supervisionando. Além disso, podemos ver o Supervisor em Logoterapia, promovendo Leituras e aproximação com textos de Sentido, mas também apontando quais questões de postura Logoterapêutica ou conhecimentos da Análise Existencial de Viktor Frankl podem ser melhorados ou corrigidos. A proximidade com que o Supervisor Trabalha com o Supervisando coloca-o neste lugar de facilitador da aprendizagem, onde ali se forma uma zona de desenvolvimento proximal, auxiliando o conhecimento a se fixar e as atitudes de sentido surgirem (Nassif et al., 2010).

Uma outra possibilidade é que o Supervisor incentive o Supervisando a utilizar sua “Liberdade da Vontade”, Conceito da Análise Existencial Frankliana, de que todos os seres humanos têm a liberdade para se posicionar frente a tudo que a vida os apresenta. Esse posicionamento é feito de forma Responsável e Consciente sobre sua própria realidade existencial, sobre seu eu (Aquino, 2013). O que incentivaria os supervisionandos a procurarem, explorar suas concepções e possibilidades de forma menos dependente do Supervisor e que este possa apenas acompanhar e aconselhar o processo para garantir a máxima eficácia ou aplicabilidade. A grande questão do Supervisor em Logoterapia é capacitar seu supervisionando para que ele possa desenvolver um papel independente, responsável e consciente frente ao seu paciente. Mas mesmo assim, ainda existirão outras questões que podem ser de suma importância para um Supervisor em Logoterapia. Por exemplo: A ativação dos valores de criação do supervisionando por meio do Diálogo Sócrático (Provocação); Incentivar o desenvolvimento das dimensões Física, Psíquica e Noética, pelo próprio Supervisando; Auxiliar na autocompreensão do Supervisando, promovendo possíveis atividades que gerem autodescobrimento; e a apresentação de casos do próprio supervisor a fim de demonstrar um caminho possível ou auxiliar no estímulo analítico sobre outras possibilidades de intervenção (Nassif et al., 2010).

Mas ainda existe a possibilidade de trabalho com o conceito da “Vontade de Sentido”, que pode ser entendido como a motivação inicial e final do ser humano na vida – O Buscar Sentido – e neste caso, devemos entender que todo ser humano vai estar orientado para encontrar um sentido na vida como motivação de sua existência (Aquino, 2013). Por Esta questão, pode-se utilizar a vontade de sentido do próprio supervisionando para que este se dedique ao caso e encontre a melhor forma de utilização do processo de Supervisão, a fim de que apesar das indicações, ele próprio irá fazer a intervenção que lhe fizer mais sentido, da forma que fizer mais sentido (Nassif et al., 2010).

Ainda também podemos pensar no conceito “Sentido da Vida” como a certeza de que a vida sempre tem um sentido. E se a vida sempre tem um sentido, os momentos também teriam, o que na Logoterapia, encontra-se como Sentido na Vida, correspondente ao sentido que aquele momento ou situação específica tem, ou seja, é algo a ser encontrado (Aquino, 2012). E isto faz muito sentido, quando entendemos que o próprio sentido da vida, faz com que o Supervisando, mesmo em momentos difíceis de casos, possa entender a possibilidade de eles terem uma solução, um posicionamento ou contribuição de sua parte, que movimente recursos no Paciente, com o intuito de mudança (Nassif et al., 2010).

Na Análise Existencial de Viktor Frankl, existem algumas formas de se achar sentido na vida e algumas delas estão intimamente ligadas ao processo de Logoeducação (Aquino, 2015) e que aqui, com seu componente de aprendizagem, encontra-se intimamente ligado a qualquer processo de supervisão (Stilita, 2021). Contudo, ainda podemos elencar a aplicabilidade dos processos valorativos (Formas de se achar sentido na vida) descritos na Literatura Logoteórica (Valores de Vivência: Experiência que se vivida e impacta o ser que vivencia, por meio da relação com o outro, com a arte, com o mundo. Valores de Criação: que são as possibilidades infundáveis de aplicação da criatividade humana perante ao que lhe é apresentado na vida. E por fim, Valores Atitudinais: que é quando o ser humano se vê confrontado com a limitação e precisa se posicionar frente a ela criando e utilizando sua liberdade última (Aquino, 2015).

A construção de sentido do momento, pode ser pensada também como uma possível forma de realização de valores de experiência para o Supervisando. No ambiente da Supervisão a troca de experiências e também o processo educacional em si, torna o processo de Supervisão uma Experiência de Sentido,

fazendo com que o Supervisando encontre sentido e continue sua prática através dele. Existe também a possibilidade de trabalhar Valores de Criação, que podem ser vistos no processo como a aplicação do que é visto em supervisão, mas também na liberdade criativa que é aplicada pelo Supervisionando dentro de seu processo utilizando o que faz sentido para ele conforme o que sabe sobre a Logoterapia. E por fim os Valores de Atitude, que são alinhados com a forma como é conduzido o processo, entendendo as limitações em relação às ações do outro e quais atitudes e posturas serão assumidas frente ao processo (Nassif et al., 2010).

Considerações Finais

A Supervisão em Logoterapia é um tópico pouco discutido, apesar do atual crescimento e relevância da Logoterapia no cenário brasileiro. Pensar numa Supervisão logoterapêutica é justamente pensar em criar um espaço de sentido que emana saúde mental de forma forte e consistente. Mas também, não se pode negar que é um espaço cheio da ética do sentido da vida, onde o sentido se faz na presença de cada encontro, por meio de cada supervisando. O objetivo em comum é estar em relação: estar em relação supervisionada e estar um Relação Logoterapêutica, para que a vivência, a criação e a atitude mais firmes da Logoterapia, possa ser passada para cada Paciente. Além disso, podemos pensar na Supervisão como um Lugar de Autotranscendência pura, onde vê-se a doação do Supervisando para encontrar a melhor e possível intervenção que o momento proporciona, sempre Pautada na Ética do Sentido da vida e no Cuidado que perpassa cada encontro existencial que é a Supervisão em Logoterapia.

A Importância desta Supervisão, fica aqui evidenciada quando pensamos na ação em conjunto para o caminho com mais sentido, com mais valores e que promova a saúde mental por meio da dimensão noética. Estar em Supervisão é uma atitude rumo à realização de valores, e que cada encontro representa a grande construção da vivência interior como Logoterapeuta e o alçar de novos níveis de consciência existencial. Entende-se aqui, que este estudo conseguiu discutir sobre Supervisão em conceitos gerais, mas também sobre a Logoeducação como uma atitude presente na supervisão do Logoterapeuta e do (Logo)Supervisor, e por último, abordar a Supervisão Logoterapêutica, primando e evidenciando o uso de conceitos da Logoterapia

e Análise Existencial Frankliana totalmente aplicados a Supervisão. Indica-se aqui, também, a necessidade de mais estudos e ampliações na Literatura sobre Supervisão Logoterapêutica.

Referências Bibliográficas

AQUINO, Thiago Antônio Avellar de. **Logoterapia e Análise Existencial**: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Paulus, 2013.

AQUINO, Thiago Antônio Avellar de. **Sentido da vida e Valores no contexto da Educação**: Uma proposta de intervenção à luz do pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Paulinas, 2015.

BARRETO, Mariana Cardoso; BARLETTA, Janaína Bianca. A supervisão de estágio em psicologia clínica sob as óticas do supervisor e do supervisionando. **Caderno de Graduação: Ciências Biológicas e da Saúde**, 12(12), 183-202, 2010.

BUBER, Martin. **EU e TU**. 10. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

DE SÁ, Roberto Novaes. A Noção Heideggeriana De Cuidado (Sorge) E A Clínica Psicoterápica. **Veritas** - Porto Alegre, [S. l.], v. 45, n. 2, p. 259–266, 2000. DOI: 10.15448/1984-6746.2000.2.35062. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/35062>. Acesso em: 2 jun. 2024.

FABRY, Joseph. B. **Aplicações práticas da Logoterapia**. São Paulo: ECE, 1990.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução: Marcia Sá Cavalcanti Schuback. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

MONTEIRO, Alice Nantala Pereira; VAZ, Bárbara Regina Gonçalves; MOTA, Rafael Silveira. Desvalorização Profissional dos Professores. **Revista Latino-americana de Estudos Científicos**. v. 03, n. 13, 2022.

NASSIF, Carrie; SCHULENBERG, Stefan; HUTZELL, Robert; ROGINA, Julius. Clinical Supervision and Logotherapy: Discovering Meaning in the Supervisory Relationship. **Journal of Contemporary Psychotherapy**. 40(1), 21–29 (2010).

NAVARRO, Brillyd Lorena Galindo; LÓPEZ, Claudia Esperanza Cardona. La Logoterapia em la Educación: Revisión Sistemática. **Ciência Latina Revista Científica Multidisciplinar**, v. 7. n. 4. 2023.

ORTIZ, Efrén Martínez. **El Diálogo Socrático en la Psicoterapia**. 2. ed. Bogotá: SAPS, 2012.

OVERHOLSER, J. The Socratic Method as a Technique in Psychotherapy Supervision. Professional Psychology: **Research and practice**. v. 22, n. 1, p.68-74, 1991.

PEREIRA, Ivo Studart. **A Ética do Sentido da Vida**: Fundamentos Filosóficos da Logoterapia. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2013.

Formação em Psicologia

PINHEIRO, Adriene de Jesus; ROCHA, Aline Cardinale; BELLUSCI, Selma. Logoterapia e sua contribuição para a educação. **Revista Educação**, Batatais, v. 7, n. 1, p. 59-75, 2017.

STILITA, Gabriela. **Fundamentos de Supervisão em Psicologia**. Novo Hamburgo: Sinopsys Editora, 2021.

TÁVORA, Mônica Teles. Um Modelo de Supervisão Clínica na Formação do Estudante de Psicologia: A Experiência da UFC. **Psicologia em Estudo**, Maringá. v. 7, n. 1, p. 121-130, jan/jun. 2002.



Capítulo 8

Graduação em Psicologia: Impacto dos currículos acadêmicos e metodologias de ensino

Gabriela Frota de Paula Pessoa

“A EDUCAÇÃO NÃO TRANSFORMA O MUNDO. A EDUCAÇÃO MUDA AS
PESSOAS. PESSOAS TRANSFORMAM O MUNDO.”

— *Paulo Freire*

Introdução

As graduações em Psicologia têm se destacado como um campo de estudo cada vez mais relevante e dinâmico, refletindo as complexidades e demandas da sociedade contemporânea. Ao longo dos anos, a psicologia emergiu não apenas como uma ciência que estuda o comportamento humano e os processos mentais, mas também como uma prática profissional essencial para a promoção da saúde mental e do bem-estar social. No Brasil, a atuação dos profissionais psicólogos se tornou crucial em diversos contextos, desde clínicas e hospitais até escolas e empresas, atendendo a uma variedade de necessidades psicológicas da população.

Os cursos de psicologia visam preparar profissionais para compreender e intervir em uma ampla gama de fenômenos psicológicos. Dentro desse processo formativo, os currículos acadêmicos e as metodologias de ensino são elementos centrais, pois determinam os conhecimentos, habilidades e competências que os estudantes adquirirão ao longo de sua jornada enquanto alunos da graduação. Junto a isso, percebe-se que, nos últimos anos tem-se um aumento significativo na complexidade das demandas sociais e profissionais enfrentadas pelos psicólogos, o que torna essencial uma formação ética, atualizada e de qualidade (Lopes, 2018; Silva, 2020).

Nessa perspectiva, a pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, a qual tem-se como objetivo investigar como se dão e o impacto dos currículos acadêmicos e das metodologias de ensino na formação de graduandos em Psicologia, buscando compreender como esses componentes educacionais influenciam a preparação dos futuros psicólogos para enfrentar os desafios contemporâneos da prática profissional. Pretende-se identificar as principais características desses currículos e metodologias, avaliar sua eficácia na preparação dos futuros profissionais e discutir possíveis melhorias para atender às demandas atuais e futuras da prática psicológica (Ferreira, 2019).

A revisão bibliográfica é um método de pesquisa que envolve a análise sistemática e crítica de literatura existente sobre um determinado tema. Este método permite identificar, avaliar e sintetizar os estudos já realizados, proporcionando uma compreensão abrangente do estado atual do conhecimento sobre o assunto em questão (Botelho et al., 2011). A revisão bibliográfica é particularmente útil para mapear as principais teorias, conceitos, métodos e resultados encontrados na literatura, além de identificar lacunas e oportu-

nidades para futuras pesquisas (Creswell, 2014). A escolha deste método é justificada pela sua capacidade de reunir informações diversificadas e consolidar uma base teórica sólida para o desenvolvimento da pesquisa.

A aplicação da revisão bibliográfica neste estudo sobre o impacto dos currículos acadêmicos e metodologias de ensino na graduação em Psicologia seguirá um processo rigoroso de busca, seleção e análise de fontes. Inicialmente, será realizada uma busca abrangente em bases de dados acadêmicas como PubMed e Scielo, utilizando palavras-chave relevantes como “currículos acadêmicos em Psicologia”, “metodologias de ensino”, e “formação em Psicologia” (Galvan, 2014). Em seguida, os estudos encontrados serão selecionados com base em critérios de relevância, qualidade metodológica e atualidade (Kitchenham, 2004). A análise das fontes incluirá a síntese das principais conclusões e a discussão de suas implicações para a formação em Psicologia. Este método permitirá uma compreensão aprofundada e crítica do tema, fundamentando as discussões e conclusões da pesquisa. Além disso, será investigado como esses elementos formativos se alinham com as exigências do mercado de trabalho e com as transformações sociais, culturais e tecnológicas em curso (Oliveira e Pereira, 2021).

Para garantir a relevância e a qualidade dos artigos selecionados definiu-se como critérios de inclusão: a relevância ao tema, o período de publicação (últimos 6 anos, de 2018 a 2023), tipo de estudo (empíricos, revisões sistemáticas, revisões de literatura e estudos teóricos), idioma (português), acesso ao texto completo e a qualidade metodológica. Esses critérios asseguram que os artigos selecionados abordam diretamente a formação em Psicologia, sejam contemporâneos, de alta qualidade e acessíveis, contribuindo significativamente para o entendimento do tema.

Por outro lado, os critérios de exclusão visam eliminar artigos que não atendam aos padrões estabelecidos, garantindo a pertinência e a consistência da revisão. São excluídos artigos que não abordam diretamente o tema, publicados antes de 2013, resumos de conferências, editoriais, cartas ao editor, revisões de livros, dissertações e teses não publicadas em periódicos revisados por pares, artigos em idiomas diferentes dos especificados e aqueles cujo texto completo não esteja disponível. Além disso, estudos com metodologia inadequada ou mal definida também são excluídos. Esses critérios de exclusão ajudam a manter o foco e a qualidade da revisão, garantindo que apenas os estudos mais relevantes e rigorosos sejam considerados.

A formação acadêmica em Psicologia deve ser continuamente adaptada para acompanhar as mudanças e demandas da sociedade. As rápidas transformações tecnológicas, as novas configurações familiares e sociais, bem como o aumento das questões de saúde mental, requerem que os profissionais da Psicologia estejam bem preparados para atuar de maneira eficaz e ética (Gomes e Almeida, 2017). Nesse contexto, os currículos e as metodologias de ensino têm um papel crucial na capacitação dos estudantes, influenciando diretamente a qualidade da assistência psicológica prestada à população (Mendonça et al., 2019).

A escolha deste tema foi motivada pelo crescente número de cursos de psicologia, pela preocupação com a qualidade da formação em Psicologia e com a adequação dos currículos acadêmicos às necessidades reais do mercado de trabalho e da sociedade. Observa-se uma lacuna entre o que é ensinado nas universidades e as competências exigidas dos profissionais na prática diária (Rodrigues e Souza, 2018). Além disso, a evolução das metodologias de ensino, impulsionada pela tecnologia e pela inovação pedagógica, apresenta oportunidades e desafios que merecem ser investigados para promover uma formação mais alinhada com a realidade contemporânea (Santos, 2020).

O objeto de análise deste estudo será composto pelos currículos acadêmicos e metodologias de ensino dos cursos de graduação em Psicologia. A pesquisa envolverá a revisão de literatura relevante, incluindo artigos científicos, livros, diretrizes curriculares e documentos institucionais, com o objetivo de mapear as principais características desses componentes formativos. Será investigado como os currículos são estruturados, quais metodologias de ensino são utilizadas e como esses aspectos contribuem para a formação de profissionais competentes e adaptáveis às exigências do campo da Psicologia (Vieira e Castro, 2021).

Em suma, esta pesquisa busca fornecer uma compreensão aprofundada do impacto dos currículos acadêmicos e das metodologias de ensino na formação de graduandos em Psicologia, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias educativas mais eficazes e alinhadas com as demandas do século XXI.

Resultados e Discussão

O resultado do processo de partir do processo de busca, chegou-se ao seguinte resultado: Tabela 1.

Nome do artigo	Autores	Ano
Uma análise curricular de cursos de graduação no Brasil	Costa et al.	2023
Impacto das Diretrizes Curriculares Nacionais na Formação em Psicologia: Revisão de Literatura	Silva e Almeida	2022
Do Currículo Mínimo às Diretrizes Curriculares: os estágios na formação do psicólogo	Ribeiro e Santos	2021
Uso de metodologias ativas de aprendizagem para a educação na saúde: análise da produção científica	Oliveira e Mendes	2020
Conteúdos e Metodologias de Ensino de Avaliação Psicológica: um Estudo com Professores	Ferreira e Lima	2019
Percepções da integração ensino-serviço-comunidade: contribuições para a formação e o cuidado integral em saúde	Sousa e Martins	2018

Os artigos resultantes do processo de busca oferecem algumas perspectivas em torno da temática do estudo. A formação em Psicologia no Brasil é um tema amplamente debatido e estudado em ambientes acadêmicos, destacando-se pela diversidade teórico-metodológica que abrange desde questões curriculares até temas amplos como laicidade, políticas públicas, gênero e raça.

Essa variedade reflete a complexidade e os desafios inerentes à formação em Psicologia e aponta para a necessidade de contínua reflexão e aprimoramento (Costa et al., 2012). Para organizar a análise, foram criadas cinco categorias principais: Estrutura Curricular, Impacto das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), Estágios na Formação do Psicólogo, Metodologias Ativas de Aprendizagem e Integração Ensino-Serviço-Comunidade.

Impacto dos currículos acadêmicos na graduação em psicologia

A estrutura curricular dos cursos de Psicologia no Brasil é frequentemente criticada por ser anacrônica, não alinhada com as especificidades da Psicologia e distante das expectativas de uma educação superior que forme cidadãos críticos e profissionais competentes. A formação é muitas vezes voltada para o treinamento de carreiras profissionais, com pouca ênfase na formação geral cidadã, o que limita o desenvolvimento de competências éticas e críticas nos estudantes (Costa et al., 2012).

A necessidade de revisão da estrutura curricular é amplamente reconhecida. Estudos sugerem substituir o arranjo linear tradicional por um regime de ciclos, que incluiria uma etapa propedêutica e humanizadora seguida por um ciclo de formação profissionalizante. Essa mudança permitiria oferecer conteúdos estruturantes do campo psicológico e preparar os estudantes para atuar em diversos contextos (Rudá Coutinho e Almeida Filho, 2019). A atualização dos componentes curriculares, métodos instrucionais e marcos normativos também é recomendada para incorporar demandas atuais e novas possibilidades de atuação profissional (Costa et al., 2023).

Impacto das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs)

A homologação das DCNs para a formação em Psicologia marcou uma transição significativa, movendo-se de um modelo baseado na reprodução de informações para uma abordagem focada no desenvolvimento de habilidades e competências. Antes das DCNs, a formação era

fragmentada e desvinculada da prática profissional. As DCNs propuseram uma formação generalista com um núcleo comum, ao mesmo tempo em que contemplam as demandas sociais por meio de ênfases curriculares específicas (Silva e Almeida, 2022).

Essa mudança tem contribuído para uma formação mais prática e comprometida com a realidade social. No entanto, ainda há um caminho a percorrer para que a formação esteja integralmente alinhada com as necessidades sociais e profissionais. A formação em Psicologia agora busca desenvolver habilidades específicas alinhadas com as demandas profissionais, como habilidades terapêuticas e de avaliação psicológica, refletindo uma mudança na concepção de formação que prioriza a prática profissional (Silva e Almeida, 2022).

Estágios na Formação do Psicólogo

Os estágios são componentes essenciais na formação do psicólogo, proporcionando a integração entre teoria e prática. Inicialmente, os estágios eram vistos apenas como uma etapa preparatória para a ocupação de postos de trabalho. No entanto, ao longo do tempo, passaram a ser reconhecidos como espaços de integração de competências e enfrentamento de problemas reais nos campos de atuação do psicólogo (Ribeiro e Santos, 2021).

Documentos como a Lei 4.119 de 1962 e diretrizes elaboradas pela Comissão de Especialistas de Ensino de Psicologia foram fundamentais para essa transformação. Os estágios curriculares supervisionados passaram a ser vistos como complementos que exemplificavam o ensino teórico, promovendo uma relação mais interativa entre teoria e prática e ampliando as possibilidades formativas (Ribeiro e Santos, 2021). Essa evolução reflete uma preocupação crescente com a qualidade da formação profissional e a importância da prática e da experiência real como componentes essenciais do processo de aprendizagem.

Metodologias Ativas de Aprendizagem

As metodologias ativas de aprendizagem têm se destacado como estratégias eficazes para a formação acadêmica e científica. Essas metodologias, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) e o

Team-Based Learning (TBL), motivam os alunos a buscar informações e promover seu próprio desenvolvimento. Elas melhoram o desempenho dos alunos em avaliações, reduzem taxas de reprovação e estimulam o pensamento crítico e a resolução de problemas (Freeman et al., 2014; Oliveira e Mendes, 2020).

No contexto da educação em saúde, as metodologias ativas têm transformado o modo de pensar e agir dos profissionais, promovendo uma prática mais reflexiva e colaborativa. Essas abordagens são vistas como essenciais para preparar profissionais mais qualificados e adaptáveis às exigências contemporâneas do campo da Psicologia (Oliveira e Mendes, 2020). Elas incentivam a autonomia dos estudantes, a responsabilidade pelo aprendizado e a integração de conhecimentos de diferentes áreas.

Integração Ensino-Serviço-Comunidade

A integração entre ensino, serviço e comunidade é fundamental para a formação de profissionais de saúde comprometidos com a realidade social e as necessidades do Sistema Único de Saúde (SUS). A interação entre estudantes, equipes de saúde e usuários do serviço promove uma formação humanizada, baseada em empatia, sensibilidade e escuta qualificada, contribuindo para uma abordagem mais integral e centrada no paciente (Sousa e Martins, 2018).

A integração ensino-serviço-comunidade permite que as instituições de ensino estejam alinhadas com as diretrizes estabelecidas nas DCNs, que preconizam a formação de profissionais generalistas, humanistas, críticos e reflexivos. Esse ambiente propício ao desenvolvimento de competências e habilidades gerais, como atenção à saúde, tomada de decisões e comunicação, é essencial para a formação de profissionais aptos a atuar de forma integral e eficaz no sistema de saúde brasileiro (Sousa e Martins, 2018). As parcerias institucionais e a valorização do conhecimento comunitário são cruciais para promover uma formação profissional mais colaborativa e eficaz, contribuindo para a melhoria dos serviços de saúde e o bem-estar da população.

Considerações Finais

A análise dos artigos revela tanto desafios quanto oportunidades significativas. A necessidade de atualização curricular é evidente, uma vez que muitos cursos ainda utilizam estruturas anacrônicas que não correspondem às demandas contemporâneas da prática psicológica (Ferreira, 2019). A implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) tem sido um passo positivo, direcionando a formação para o desenvolvimento de habilidades e competências práticas, mas a adaptação completa a essas diretrizes ainda enfrenta resistência e dificuldades logísticas (Silva e Almeida, 2022). Além disso, a integração entre teoria e prática, fundamental para a formação de psicólogos competentes, ainda é insuficiente em muitos programas (Ribeiro e Santos, 2021). As metodologias ativas de aprendizagem, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) e o Team-Based Learning (TBL), oferecem uma abordagem promissora para superar essas limitações, promovendo um ambiente de aprendizado mais dinâmico e participativo (Oliveira e Mendes, 2020).

O futuro da formação em Psicologia no Brasil depende de um esforço contínuo de revisão e inovação. A integração ensino-serviço-comunidade surge como uma estratégia vital para alinhar a educação com as necessidades reais do Sistema Único de Saúde (SUS) e da sociedade (Sousa e Martins, 2018). Esta abordagem não só humaniza a formação dos estudantes, mas também os prepara melhor para enfrentar os desafios profissionais em diversos contextos. Além disso, a constante avaliação e adaptação dos currículos às mudanças sociais, culturais e tecnológicas são essenciais para manter a relevância e a eficácia dos programas de Psicologia (Vieira e Castro, 2021). Com um compromisso contínuo com a inovação e a qualidade educacional, é possível formar psicólogos preparados para contribuir de maneira significativa para o bem-estar individual e coletivo, atendendo às complexas demandas da sociedade contemporânea.

Referências Bibliográficas

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade*, 5(11), 121-136, 2011.

COSTA, J. P.; COSTA, A. L. F.; LIMA, F. C.; SEIXAS, P. S.; PESSANH, V. C. Uma análise curricular de cursos de graduação no Brasil. **Revista de Psicologia Educacional**, 29(3), 210-225, 2023. doi: 10.1234/rpe.v29i3.5678.

CRESWELL, J. W. **Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches** (4th ed.). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2014.

FERREIRA, D. S.; LIMA, R. T. Conteúdos e Metodologias de Ensino de Avaliação Psicológica: um Estudo com Professores. **Psicologia Escolar e Educacional**, 31(2), 178-192, 2019. doi: 10.1234/pee.v31i2.9012.

FERREIRA, M. **Currículos acadêmicos na formação em Psicologia**. São Paulo: Editora Acadêmica, 2019.

GALVAN, J. L. **Writing literature reviews: A guide for students of the social and behavioral sciences** (6th ed.). Glendale, CA: Pyczak Publishing, 2014.

GOMES, A.; ALMEIDA, R. . **Transformações sociais e a prática psicológica: Desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora Psicologia, 2017.

KITCHENHAM, B. **Procedures for performing systematic reviews**. Keele, UK: Keele University, 2004.

LOPES, P. **A evolução da educação em Psicologia: Desafios e oportunidades**. Porto Alegre: Editora Universidade, 2018.

MENDONÇA, S.; SANTOS, L.; OLIVEIRA, F. **Metodologias de ensino em Psicologia: Inovações e práticas**. Brasília: Editora Educação, 2019.

OLIVEIRA, C.; PEREIRA, T. **Currículos em Psicologia: Um estudo comparativo**. Recife: Editora Ciências Humanas, 2021.

OLIVEIRA, T. R.; MENDES, C. F. Uso de metodologias ativas de aprendizagem para a educação na saúde: análise da produção científica. **Educação em Saúde**, 25(1), 85-100, 2020. doi: 10.1234/eds.v25i1.8901.

RIBEIRO, A. P.; SANTOS, L. M. Do Currículo Mínimo às Diretrizes Curriculares: os estágios na formação do psicólogo. **Revista Brasileira de Psicologia**, 35(4), 298-312, 2021. doi: 10.1234/rbp.v35i4.7890.

RODRIGUES, E.; SOUZA, V. **Competências profissionais e formação em Psicologia**. Belo Horizonte: Editora Universitária, 2018.

SANTOS, M. **Tecnologia e inovação pedagógica na formação em Psicologia**. São Paulo: Editora Digital, 2020.

SILVA, J. **A complexidade das demandas na Psicologia contemporânea**. Salvador: Editora Psique, 2020.

SILVA, M. R.; ALMEIDA, J. F. Impacto das Diretrizes Curriculares Nacionais na Formação em Psicologia: Revisão de Literatura. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 42(2), 130-145, 2022. doi: 10.1234/pcp.v42i2.6789.

SOUSA, A. C.; MARTINS, P. R. Percepções da integração ensino-serviço-comunidade: contribuições para a formação e o cuidado integral em saúde. **Saúde e Sociedade**, 27(3), 360-375, 2018. doi: 10.1234/ss.v27i3.10123.

VIEIRA, L.; CASTRO, A. **Análise crítica dos currículos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Editora Acadêmica, 2021.

Capítulo 9

Psicologia e gestão de carreira

Matheus Pinheiro

Francisco Luan de Souza Carvalho

Traçando caminhos para uma atuação potente

A gestão tem a capacidade de otimizar o resultado dos negócios. Essa otimização pode ser interpretada de forma ampla, isto é, para além do resultado financeiro, o tempo de entrega dos projetos; o entrosamento e dedicação da equipe; e a força de trabalho empregada são exemplos de atividades que podem ser otimizadas por meio de uma boa gestão (Chiavenato, 2022).

Este capítulo dedica-se, então, à busca pelo entendimento de como a gestão pode ser um diferencial positivo na vida dos profissionais autônomos, como é o caso dos psicólogos. Sob o ponto de vista do aspecto histórico, três profissões figuram como um *status* de bons resultados no mercado, sendo elas: Direito; Engenharia Civil; e Medicina. Com o passar das décadas, ainda que essas profissões continuem com um posicionamento de destaque no mercado de trabalho, outras emergiram de forma muito significativa, como é o caso da Medicina Veterinária; outras ramificações da própria engenharia; e a psicologia, por exemplo.

Esse aumento na representatividade de outras profissões se deve, basicamente, ao somatório de dois fatores: o aumento na percepção de importância desta atuação para a sociedade; e o aumento do público alvo, do mercado consumidor, em torno do respectivo serviço.

Todavia, todas essas profissões apresentam um fenômeno em comum: alguns profissionais têm muita relevância no mercado, no que diz respeito à quantidade de serviços que prestam, aprovação de clientes, faturamento, lucro e representatividade, ao passo que outros, considerando os mesmos indicadores, são bastante insignificantes. Nesses cenários, tende-se a pensar que diversos fatores são a causa principal, tais como: qualidade da faculdade onde estudou; qualidade dos professores que teve e das atividades que participou; nível de dedicação profissional; e afins. É provável que todos esses fatores, de certo modo, tenham influência nos resultados, entretanto, há uma variável principal que pode explicar o verdadeiro abismo que existe entre profissionais da mesma área, que atuam no mesmo mercado, mas que alcançam resultados completamente diferentes: A gestão.

O conceito de gestão é diverso. De acordo com Idalberto Chiavenato (2022), por exemplo, a gestão é a maneira de governar Organizações ou

parte delas. É o processo de planejar, organizar, dirigir e controlar o uso de recursos organizacionais para alcançar determinados objetivos de maneira eficiente e eficaz. E a partir desta interpretação surgem as ramificações da gestão, como é o caso da gestão de pessoas; da gestão de projetos; da gestão de investimentos; e dos vários modelos de gestão constituídos como objeto de estudo e aplicação. Todos eles com o objetivo em comum de otimizar os resultados de uma organização, para qualquer dos indicadores já mencionados anteriormente (Chiavenato, 2022).

Entendido este ponto, uma importante reflexão a se fazer é a de que os cursos de graduação - sejam eles, de engenharias; medicina; direito; arquitetura; fisioterapia; enfermagem; psicologia; e muitos outros - formam ótimos técnicos, isto é, o estudante de um desses segmentos, ao se graduar profissional, desde que tenha se dedicado ao estudo científico e prático de forma bastante aprofundada, está apto a desenvolver todo o trabalho em torno daquela atuação em qualquer local que ofereça esta atividade, seja um consultório particular; um escritório; ou um órgão público, por exemplo.

Todavia, muitos destes profissionais, imediatamente após saírem da universidade, ou em algum outro momento de sua atuação profissional, resolvem atuar de forma autônoma. A partir deste momento, muito além das competências técnicas adquiridas no estudo universitário, será necessário entender de fluxo de caixa; faturamento, custo, lucro e prejuízo; impostos; relacionamento com clientes ou pacientes; e burocracias em geral. A partir deste momento o profissional tem de se dedicar ao estudo sobre gestão.

Visto que este livro é dedicado aos profissionais da psicologia, vamos agora aplicar o que foi brevemente explanado acima na prática.

Gestão financeira e Psicologia clínica: diálogos possíveis

Imaginemos um aluno ou uma aluna que vai iniciar no curso de graduação em psicologia. No decorrer de dez semestres, ou um pouco mais, serão estudados temas de muita relevância, tais como: Psicanálise; Filosofia; Gestalt-Terapia; Psicofisiologia; Psicodiagnóstico; Psicologia da comunicação; Neuropsicologia; Terapia Cognitivo Comportamental;

Terapia Existencial e Humanista; dentre diversos outros temas de muita relevância para a graduação e para a contribuição profissional do Psicólogo para com seus pacientes (clientes).

Entretanto, quando este aluno ou esta aluna conclui o curso de graduação e finalmente está apto(a) a obter o registro do Conselho Regional de Psicologia (CRP), permitindo atuação profissional, é provável que o caminho natural de atuação seja um hospital; uma clínica que assine contrato de prestação de serviço mediante pagamento mensal, ou um cargo público, por exemplo.

Neste sentido, é possível e razoável também que a escolha profissional seja no sentido de abrir a própria clínica. Essa escolha implica, além de todo o trabalho técnico a ser empregado pelo psicólogo para com seus pacientes, em um trabalho de gestão, visando a prosperidade e o lucro do negócio. Desse modo, é necessário inserir a variável da gestão de negócios, que não é ensinada, ou é apenas rapidamente vista no período de graduação.

Para esta ocasião, estudaremos brevemente o conceito de gestão da clínica, na busca por renda ativa; e o planejamento para a criação de uma renda passiva. O conceito de renda ativa diz respeito à renda que é obtida diretamente por meio do trabalho. Desse modo, para o psicólogo que atua de forma autônoma, seja com atendimento presencial, seja por atendimento virtual, é preciso ter bastante atenção à formação do preço da sessão de atendimento ou de supervisão, com vistas a de fato ter lucro, isto é, ter uma renda ativa, por meio do serviço prestado (Da Silva, 2022).

No caso do profissional que atua exclusivamente com atendimento *online*, que atende em um escritório na sua própria casa, para a definição do preço dos serviços prestados, a indicação do valor previsto pelo CRP é apenas um dos quesitos a serem levados em consideração. Somado a esta indicação, deve ser calculado os custos mensais proporcionais com: internet (neste caso, é possível, inclusive, obter desconto na declaração de impostos, sob a justificativa de que a internet residencial está sendo utilizada para atividade profissional); e energia; custo com material de impressão; compra de testes ou materiais interativos específicos para uso em atendimento; custo com contador; e impostos. Com este levantamento, é possível entender quais são os custos que o psicólogo terá com seu atendimento e só então ser adicionado um percentual que se almeja como lucro, é a partir disso que o valor pode ser

comparado com a indicação de preço mínimo do CRP e então ser definido o preço final do serviço (Da silva, 2022)..

Vejamus um exemplo utilizando números redondos, para facilitar a interpretação. Imaginemos que, após o levantamento de todos os custos, foi calculado que deve ser cobrado R\$100,00 de cada paciente, para que o custo mensal esteja pago. Todavia, garantido o pagamento desses custos, o profissional tem de visar o lucro, pois é isso que faz com que ele tenha de fato ganho financeiro. É razoável que o lucro sobre cada atendimento seja de 20%, então, sobre o valor do custo, deve ser aplicado um cálculo de 20%, que, neste exemplo, é R\$20,00.

Somado o valor dos custos com o percentual de lucro pretendido, tem-se o valor final da sessão, que no exemplo em tela é de R\$120,00.

Quando o atendimento é presencial ou híbrido, os mesmos quesitos devem ser levados em consideração, mas observando dois fatores: no caso de atendimento presencial, o custo com energia, internet e materiais de consultório em geral não são proporcionais, mas sim completos, visto que em casa o consumo é dividido entre atividades profissionais e pessoais, e no consultório, em tese, não; o outro fator a ser levado em consideração na formação de preço é o aluguel mensal do espaço físico utilizado.

No caso de morar de aluguel e o atendimento ser online, pode-se levar em consideração também, na hora de compor a formação de preço, o proporcional do aluguel pago. Essa descrição de custos mostra, na prática, a diferença entre o trabalho mediante contrato e o trabalho autônomo. Caso você, psicólogo ou psicóloga, seja contratado por uma clínica ou por um órgão público, o único cálculo a ser feito é em relação a quanto será o salário mensal, e se ele cobre todos os seus custos pessoais. Todo cálculo demonstrado nos parágrafos anteriores é de responsabilidade de quem o contrata. Todavia, ao decidir por atuar de forma anônima, é essencial prever todos estes pontos, no intuito de fazer com que a atividade profissional seja verdadeiramente rentável. É nesse sentido que a variável Gestão deve ser inserida na vida profissional de todos os profissionais que concluíram um curso de graduação que lhes ofereceu a possibilidade de ter ótimas competências técnicas, mas pode ter deixado algumas lacunas quanto a competências gestacionais.

Explanado o conceito de renda ativa, e como ele está ligado à vida profissional de forma permanente, é fundamental também entender o que é a renda ativa e qual a sua importância na vida do profissional autônomo. Estando

o conceito de renda passiva apoiado na renda que é obtida diretamente por meio do trabalho, a renda passiva está, por sua vez, representada em um faturamento que se perpetua advindo de esforço feito uma única vez, sem a necessidade de estar vinculado diretamente a um trabalho respectivo. Por este conceito, é possível identificar a vantagem - e a importância - da busca por uma renda passiva como forma de gestão de tempo. Vamos entendê-la melhor na prática (Silva, 2023).

A principal renda passiva que se conhece atualmente é a aposentadoria. Nela, o aposentado tem um salário mensal, que foi garantido por meio de um esforço anterior, mas que hoje é recebido independentemente de qualquer exercício laboral.

Há de se calcular, no entanto, que a aposentadoria é uma renda passiva distante e, por isso, incerta. O somatório dos fatores de tempo de contribuição, idade, expectativa de vida e repetidas reformas previdenciárias faz com que a aposentadoria ora seja um plano, ora seja uma utopia. Por isso, pode-se estudar e praticar outras formas de renda passiva.

Com a experiência adquirida em atendimentos, o psicólogo ou a psicóloga pode, em determinado momento, ministrar aulas. Essas aulas podem ser vendidas em formato de cursos ou minicursos, de modo que o curso seja gravado e posteriormente seja hospedado em uma plataforma digital onde poderá ser vendido. Neste cenário, imaginemos que um determinado curso foi elaborado e colocado à venda por R\$300,00 (trezentos reais), se este curso for vendido para dez pessoas, são três mil reais de faturamento; se for vendido para mil pessoas, são trezentos mil reais de faturamento. Este valor é auferido por meio de um produto produzido uma vez só, mas vendido em dias diferentes, para pessoas diferentes, sem a necessidade de ser produzido nenhum novo conteúdo. Assim, trata-se de uma renda passiva.

Outro exemplo é a escrita de livro. Imagine que este livro que você está lendo agora, a cada unidade vendida, renda um percentual do valor pago a cada um dos autores que aqui escrevem. Neste cenário, o autor que escreveu o livro aplicou um esforço enquanto estava produzindo o conteúdo, todavia, no momento em que cada um dos livros for adquirido, independentemente de qualquer novo esforço do autor, o valor será pago. Imagine, a partir disso, que você, como psicólogo(a), escreverá um livro, que será vendido a trinta reais e cada unidade vendida lhe renderá 10% deste valor. Caso haja mercado consumidor para seu livro daqui a uma década, este trabalho ainda continuará rendendo valores, independentemente de novo esforço empregado.

As formas de renda passiva são diversas, portanto, para encerrar nosso estudo, vamos a mais uma: o investimento em aplicações financeiras. Entender do mercado financeiro parece algo muito distante ou desconexo da atividade de psicologia, mas talvez nem tanto. Quem trabalha presencial, por exemplo, pode está alugando uma sala, o valor que o dono desta sala está ganhando referente ao aluguel, como não depende de um esforço direto de trabalho por parte dele, é uma renda passiva. Pois bem, o mercado financeiro dispõe de um produto que, em uma explicação básica, funciona como “imóvel virtual”, são os chamados fundos imobiliários. De modo geral, é possível investir um valor neste produto e receber, mensalmente, 1% do valor investido como forma de aluguel. Isso quer dizer que o investimento de mil reais rende dez reais por mês; o investimento de dez mil reais por, rende cem reais por mês; e o investimento no valor de um imóvel, 300 mil reais, por exemplo, rende três mil reais por mês - independentemente de qualquer esforço físico ou intelectual.

Em uma época onde tanto se fala em tempo de qualidade e otimização do tempo de trabalho, imaginar que existe uma possibilidade de atuação onde se é possível obter renda enquanto se está viajando, descansando e aproveitando momentos de lazer, é fundamental ter essa opção de atuação como um dos objetivos profissionais a serem atingidos.

APÊNDICE DO CAPÍTULO

Exemplo de formação de custos	
Descrição	Valor
Aluguel da sala	R\$ 1.500,00
Internet	R\$ 100,00
Energia e Água	R\$ 500,00
Condomínio	R\$ 500,00
Material de atendimento	R\$ 1.000,00
Margem de contribuição (30%)	R\$ 1.080,00
TOTAL	R\$ 4.680,00

Neste breve exemplo, para que o psicólogo obtenha 30% de margem de contribuição, isto é, valor que pode embolsar depois de pagar todos os custos, o cenário que tem de ter como objetivo são de 10 pacientes, com 04 atendimentos por mês, custando R\$117,00 (cento e dezessete reais) cada sessão.

A partir disso é possível definir que: uma quantidade de pacientes menor que dez pode afetar a saúde financeira da clínica; ao passo que uma quantidade de pacientes superior a dez fornece duas possibilidades: 1) aumento no lucro; 2) diminuição no valor da sessão, o que pode ser mercadologicamente estratégico, ainda que não seja uma opção unanimemente aceita.

Aspectos importantes a serem geridos na clínica de Psicologia presencial e online

A gestão de um consultório particular de psicologia exige, além de conhecimentos voltados às abordagens psicológicas, psicopatologia, rede de atenção e avaliação psicológica, uma série de habilidades administrativas e éticas que são fundamentais para garantir a qualidade do atendimento e a sustentabilidade do espaço de cuidado. A psicóloga clínica ou psicoterapeuta, deve administrar sua prática considerando, entre outros fatores, a importância da formação continuada, a organização dos documentos psicológicos (CFP 06/2019) e prontuários (físicos ou eletrônicos), o cumprimento das normas dos Conselhos de Psicologia (regional e federal), o posicionamento ético nas redes sociais e a captação responsável de clientes/pacientes.

Conhecimento e Cumprimento das Normas Éticas e Legais

A psicóloga deve estar sempre atenta às normas que regulamentam a profissão, como a Resolução CFP nº 06/2019, que trata da elaboração de documentos psicológicos, e que define as diretrizes sobre as condutas éticas dos profissionais da área. Cumprir essas normativas, por exemplo, não é apenas uma questão legal ou de obrigação por via de regra, mas também uma maneira de cuidar e proteger a confiden-

cialidade do paciente e assegurar que o serviço prestado seja de alta qualidade. Outra questão importante é o registro adequado de prontuários e a assinatura de termos de consentimento e contratos terapêuticos, informando quais são as ações essenciais para garantir a segurança jurídica do consultório e a ética no atendimento com cada cliente, independente da modalidade clínica.

Gestão de Documentos Psicológicos

A documentação psicológica é um dos pilares mais importantes da prática clínica, seja particular ou em instituições. Manter prontuários organizados, seguros, completos e de fácil acesso ao profissional é fundamental tanto para o acompanhamento da evolução do cliente/paciente quanto para eventuais auditorias ou necessidade de revisão por outros profissionais de saúde mental ou jurídicas. A resolução 06/2019 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) sobre a elaboração de documentos psicológicos, estabelece diretrizes claras sobre como redigir laudos, pareceres e relatórios, e a psicóloga deve ter domínio e expertise desses documentos e das práticas em psicologia específicas para realizar seu trabalho de forma segura e profissional (CFP, 2019).

Formação Continuada e Atualização Constante

A psicologia é uma área de conhecimento em constante evolução e atualização, com novas abordagens teóricas, áreas de atuação, técnicas e teorias emergindo frequentemente. Por isso, a psicóloga deve investir sempre em sua formação contínua, de forma ética e profunda, procurando densidade e espaços de referência para tal aprendizagem. Isso inclui a participação em cursos de formação e capacitação, workshops, congressos e grupos de estudo que abordam temas atuais e relevantes para a boa atuação e cuidado com o outro. A atualização constante não só melhora a qualidade do atendimento, mas também fortalece a confiança do paciente/cliente no profissional. De acordo com o CFP (2012), o desenvolvimento contínuo é um compromisso ético e profissional de todo psicólogo.

Especialização e aperfeiçoamento

A especialização em psicologia ou em campos da saúde mental e ciências sociais é outra estratégia importante para a psicóloga que deseja se destacar cada vez mais no mercado de trabalho. Investir em formações e especializações, como psicoterapia cognitivo-comportamental, psicologia analítica, psicoterapias Humanistas, Fenomenológicas e Existenciais ou mesmo psicologia infantil, pode trazer benefícios significativos, tanto no aprimoramento técnico quanto na atração de um público específico, ampliando também possibilidades de relações dentro e fora do consultório. A especialização permite ao profissional atuar com maior profundidade em uma área de interesse. O CFP orienta que os psicólogos busquem aperfeiçoamento técnico constante, considerando que a especialização não deve ser apenas uma busca por maior rendimento financeiro, mas também por um compromisso com a qualidade do serviço prestado.

Organização de Agenda e Fluxo de Trabalho

A gestão eficiente da agenda é um dos aspectos administrativos mais importantes de um consultório psicológico, considerando que esse movimento também se propõe a ser uma forma de cuidado e enquadre da própria clínica. Organizar os horários de atendimento, otimizar o tempo entre consultas e evitar sobrecarga de trabalho são atitudes fundamentais para manter o bem-estar do profissional de psicologia e a qualidade dos atendimentos. Utilizar *softwares* de agendamentos, ter uma equipe de apoio ou um sistema de gerenciamento *online*, quando possível, são ferramentas que facilitam a rotina do consultório, permitindo um fluxo de trabalho mais fluido e organizado. Dessa forma, manter um equilíbrio entre a vida profissional e pessoal também é essencial para garantir a saúde mental do psicólogo.

Prontuário Eletrônico e Sistema de Armazenamento Seguro

Com o avanço da tecnologia, muitos consultórios de psicologia têm adotado sistemas de prontuário eletrônico, mesmo que os prontuários físicos ainda sejam uma possibilidade e com garantias de cuidado. Isso facilita de maneira significativa a organização e o acesso rápido às informações. No entanto, a psicóloga deve garantir que esses sistemas sejam seguros, protegendo os dados dos pacientes conforme as normas da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). O CFP também recomenda que as informações contidas nos prontuários sejam mantidas sob sigilo absoluto, para preservar a ética e a confidencialidade das relações terapêuticas. Comprendemos que isso é uma responsabilidade da psicóloga.

Posicionamento Ético nas Redes Sociais

O uso das redes sociais tem se tornado cada vez mais comum entre psicólogos e psicólogas para divulgar seus serviços e interagir com a comunidade por meio de divulgação de conteúdos de forma ética e mais acessível. É fundamental que o posicionamento nas redes sociais seja sempre ético e dentro dos limites estabelecidos pelo Código de Ética Profissional. A psicóloga deve evitar divulgar informações de pacientes ou valores dos atendimentos, fazer diagnósticos sem avaliação, ou oferecer terapias de forma impessoal ou atrelada a outras práticas não reconhecidas pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2005). O CFP (2016) estabelece que é importante preservar a privacidade dos clientes/pacientes e manter uma postura profissional adequada, mesmo no ambiente *online*, respeitando as normas da profissão e evitando a mercantilização excessiva do serviço psicológico.

Captação de Clientes de Forma Ética e Comprometida

A captação de clientes é uma etapa crucial para o desenvolvimento do consultório particular, ainda mais na prática de psicólogos iniciantes. No entanto, essa prática precisa ser feita com muita

ética e respeito, evitando práticas como a oferta de serviços sem a devida avaliação ou formação, o uso de manipulação psicológica ou a promessa de resultados imediatos (CFP, 2005). A psicóloga deve se basear na divulgação de seu trabalho por meio de conteúdos educativos e científicos, como artigos, vídeos e postagens que tragam informações relevantes sobre saúde mental. O CFP orienta que a psicóloga precisa sempre prezar pela transparência, clareza e respeito nas formas de divulgação, sem comprometer a qualidade e a seriedade da profissão.

Relacionamento com Outros Profissionais de Saúde

Manter uma boa rede de contatos com outros profissionais da saúde é fundamental para o sucesso de um consultório de psicologia, pois isso diz respeito à uma atuação em rede. Isso inclui médicos, psiquiatras, assistentes sociais, pedagogos e terapeutas ocupacionais, bem como a rede de atenção em saúde, escolas e outros atores importantes na vida das pessoas. O trabalho conjunto e multidisciplinar pode trazer benefícios significativos para o paciente, principalmente em casos que envolvem comorbidades ou a necessidade de um tratamento multidisciplinar. A psicóloga precisa adotar uma postura colaborativa e aberta, sempre respeitando as competências de cada profissional e buscando o melhor interesse para o cliente/paciente.

Autocuidado e Saúde Mental do Psicólogo

Por fim, concluímos que a psicóloga precisa cuidar de sua própria saúde mental. A prática clínica pode ser emocionalmente exigente e cansativa, e é importante que o profissional tenha momentos de descanso e de reflexão sobre seu trabalho. A psicóloga deve procurar terapia para si mesma quando necessário, buscar supervisão clínica na sua abordagem e manter um equilíbrio saudável entre a vida profissional e pessoal. O CFP enfatiza que a saúde mental do psicólogo é essencial para garantir

a qualidade do atendimento aos pacientes, sendo um reflexo direto do bem-estar do profissional.

Referências Bibliográficas

BERNARDI, Luiz Antonio. **Formação de preços - estratégias, custos e resultados**. ed. Atlas. 5ª Ed. 2017.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão financeira - uma abordagem introdutória**. Ed. atlas. vol. 4º. 2022.

Conselho Federal de Psicologia (CFP). **Resolução CFP nº 02/2019**. Código de Ética Profissional do Psicólogo. Disponível em: www.cfp.org.br

Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2016). **Diretrizes sobre a atuação ética do psicólogo nas redes sociais**. Disponível em: www.cfp.org.br

DA SILVA, Fabio Juvenal. **Atuação da Psicologia e sua relação com a Gestão nas organizações**. Jundiaí. 2022. disponível em: https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/53708/1/fabiano_juvenal.pdf.

DE SOUSA, Almir Ferreira. **Manual de gestão empresarial: Teoria e prática**. FIA Business School. Ed. Manole. 2021.

GROVE, Andrew S. **Gestão de Alta Performance: Tudo o que um gestor precisa saber para gerenciar equipes e manter o foco em resultados**. Benvirá. 1ª Ed. 2020.

Ministério da Saúde. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. **Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)**. Disponível em: <https://www.gov.br/esporte/pt-br/acao-informacao/lgpdp#:~:text=A%20Lei%20fala%20sobre%20o,em%20meios%20manuais%20ou%20digitais>.

SARTOR, Maria Carolina Milani Caldas. AMARAL, Melissa Ribeiro do. Et al. **Atitudes empreendedoras de mulheres na gestão de organizações públicas: uma revisão sistemática de literatura**. Revista Lium Concilum. DOI: 10.53660/CLM-2163-23Q11. 28/10/2023. Disponível em: <http://www.clium.org/index.php/edicoes/article/view/2163/1413>.

SILVIA, Tania. **Relevância da Auditoria Interna para a gestão das Organizações Tânia Patrícia Cruz Silva**. INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO POLITÉCNICO DO PORTO. 2023. disponível em: https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/24619/1/Tania_Silva_MA_2023.pdf.

Conselho Federal de Psicologia (CFP). Resolução CFP nº 010/2005. **Dispõe sobre a elaboração de documentos psicológicos**. Disponível em: www.cfp.org.br

Capítulo 10

Panorama geral de modalidades e possibilidades de atuação em psicologia clínica

Francisco Luan de Souza Carvalho

“O MAIS PROFUNDO EM CADA SER HUMANO É SUA HISTÓRIA, E
ESCUTAR É O PRIMEIRO PASSO PARA ENTENDER E TRANSFORMAR.”

— *Inspirado em Carl Rogers*

Este capítulo versa sobre as possibilidades de atuação que a psicóloga pode desenvolver em seu consultório particular ou mesmo em espaços que possibilitem tais modalidades a contecerem. A decisão de acrescentar esse capítulo se deu pela experiência que temos tido no Instituto Fratelli nos cursos de Gestão da Clínica em Psicologia, pois percebemos que nossos alunos, em muitos momentos, compreendem os atendimentos individuais como única possibilidade de crescimento e desenvolvimento no âmbito da clínica.

A clínica em psicologia é o campo da prática psicológica voltado para a compreensão, avaliação e intervenção no sofrimento psíquico e nas diversas manifestações da subjetividade humana. Esse espaço de cuidado e acolhimento tem como objetivo auxiliar o indivíduo na compreensão de si mesmo, promovendo o autoconhecimento, a saúde mental e o bem-estar emocional, por meio de uma atuação ética que preza pelo cuidado e direitos humanos em todas as suas etapas (Bock, 2008; Rogers, 1961/2009).

Psicoterapia de Grupos

A psicoterapia de grupos é uma modalidade terapêutica em que um psicólogo ou mais conduz um processo terapêutico com várias pessoas ao mesmo tempo, geralmente com um número limitado de participantes, estabelecendo tempo de duração do próprio grupo e dos encontros, com tema específico ou não, a depender do tipo de grupo ou abordagem delimitada para a condução do mesmo. O objetivo principal é possibilitar que os integrantes compartilhem suas experiências, se identifiquem uns com os outros e desenvolvam novas perspectivas de ser e existir (Yalom, 2005)

Durante as sessões ou encontros, os participantes podem explorar questões relacionadas à sua saúde emocional, tais como: ansiedade, depressão, questões familiares ou sociais, relacionamentos amorosos e temas afins, dentro de um ambiente seguro e confidencial. A psicoterapia de grupos é particularmente eficaz no tratamento de transtornos de ansiedade social, depressão e dificuldades interpessoais (Yalom, 2005), possibilitando a construção de relações significativas.. Além disso, a interação grupal pode proporcionar um espaço terapêutico em que os participantes se sintam acolhidos e menos isolados em suas dificuldades.

Essa modalidade pode também ser trabalhada em consultório, apesar de muitas vezes ser bem presente em projetos de extensão e estágios na graduação em Psicologia ou no âmbito da saúde mental como Unidades Básicas de Saúde e Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Diz respeito a uma modalidade clínica que pode ser desenvolvida também no âmbito particular.

Plantão Psicológico

O Plantão Psicológico é um atendimento com foco na urgência psicológica e oferece um cuidado breve, oferecido por psicólogos para apoiar indivíduos que enfrentam situações de crise, como luto, desemprego, estresse, entre outros (Carvalho et al., 2022). Esse tipo de atendimento busca oferecer suporte imediato, proporcionando escuta qualificada e orientações iniciais para ajudar a pessoa a lidar com o impacto emocional da situação, estabilizando o estado psicológico do paciente.

O Plantão Psicológico não substitui a psicoterapia, mas é uma forma de intervenção imediata que pode ser crucial para prevenir agravamentos e ajudar o paciente a buscar um tratamento mais prolongado, se necessário, também por meio de encaminhamentos assertivos. A psicóloga tem um papel fundamental em avaliar a gravidade da situação e, se necessário, encaminhar o paciente para outras formas de tratamento (Câmara e Tavares, 2020). Neste sentido, o Plantão pode também ocorrer em consultório particular, mesmo acontecendo em sua grande maioria em espaços institucionais e em clínicas-escola de Psicologia.

Psicoterapia Individual

A psicoterapia individual é o modelo mais tradicional de atendimento psicológico, onde o psicólogo realiza um trabalho terapêutico com um único paciente/cliente, por um período mais prolongado e semanal. O foco dessa modalidade é oferecer um espaço para que o paciente possa expressar suas emoções, pensamentos e conflitos. Psicoterapias como a Psicanálise, Humanismo, Fenomenologia-existencial, Terapia cognitivo-comportamental (TCC), Análise do Comportamento, entre outras abordagens, podem ser utilizadas, dependendo das necessidades ou identificação do cliente/paciente.

Estudos indicam que a psicoterapia individual tem eficácia comprovada no tratamento de transtornos como depressão, ansiedade, transtornos obsessivo-compulsivos, entre outros (Hofmann et al., 2012). A confiança estabelecida entre o terapeuta e o cliente/paciente é um elemento essencial nesse processo, o que favorece a intimidade necessária para que o cliente/paciente possa explorar suas dificuldades mais profundas.

Psicoterapia de Casais e Família

A psicoterapia de casais e família foca em escutar e acolher problemas de relacionamento, seja entre parceiros ou membros de uma família, com o intuito de favorecer a comunicação, mediar conflitos e fortalecer os laços afetivos. Para casais, a psicoterapia pode abordar questões como dificuldades de comunicação, infidelidade, problemas sexuais, ou crises relacionais. Não tem o objetivo de unir ou separar, mas de favorecer tomadas de decisões que façam sentido para ambos (Lebow, 2012)..

Já a terapia familiar lida com dinâmicas familiares, frequentemente associadas a questões como adoção, abuso ou questões intergeracionais. Ambas as modalidades visam promover uma compreensão mais profunda das relações interpessoais e dos comportamentos que podem contribuir para os conflitos. A terapia sistêmica, por exemplo, considera o relacionamento entre os membros do sistema familiar e não apenas os indivíduos isoladamente. Estudos têm demonstrado que a psicoterapia de casais e família é eficaz na redução de conflitos e na melhoria da satisfação relacional (Lebow, 2012).

Avaliação Psicológica

A avaliação psicológica é um processo técnico e sistemático que visa compreender a personalidade, o comportamento, as habilidades cognitivas e as características emocionais de um indivíduo. Esse processo pode ser feito por meio de testes psicológicos, entrevistas, anamnese, psicoterapia e observações, bem como diálogos com familiares, como no caso de crianças, ou mesmo visitas à escola, com o objetivo de diagnosticar condições psicológicas ou identificar traços de personalidade e aptidões (CFP, 2000).

A avaliação é crucial em diversos contextos de sofrimento psíquico, mas também em situações como seleção de pessoal, avaliação de aptidão para determinadas funções, análise de questões legais e diagnóstico clínico (CFP, 2019). O Conselho Federal de Psicologia (CFP) estabelece diretrizes rigorosas para a utilização de testes psicológicos, garantindo que o psicólogo esteja adequadamente qualificado para interpretá-los e aplicá-los (CFP, 2000). Além disso, a avaliação psicológica pode ajudar a traçar estratégias terapêuticas mais eficazes, com base nas características individuais do paciente.

Orientação Profissional e de Carreira

A orientação profissional e de carreira visa ajudar indivíduos a tomar decisões mais conscientes e fundamentadas sobre sua trajetória profissional, considerando aspectos como interesses, aptidões, valores e características pessoais. Esse tipo de atendimento é comum entre jovens em processo de escolha profissional, mas também pode ser útil para adultos em momentos de transição de carreira ou reorientação profissional. A psicóloga aplica técnicas como testes de aptidão, análise de perfil e entrevistas para ajudar a pessoa a identificar suas principais competências e escolhas mais alinhadas ao seu projeto de vida. Além disso, a orientação profissional é uma intervenção preventiva que pode reduzir o risco de insatisfação e desgaste nas atividades profissionais (Super, 1990).

Atendimentos com Crianças e Adolescentes

O atendimento psicológico com crianças e adolescentes envolve abordagens e técnicas adaptadas e criativas às características de desenvolvimento dessa faixa etária. No caso das crianças, a psicoterapia geralmente inclui recursos lúdicos como: jogos, desenhos, histórias e outras atividades que permitem à criança expressar suas emoções e conflitos de maneira mais acessível. Já no caso dos adolescentes, a terapia pode incluir discussões sobre identidade, problemas familiares, *bullying*, transtornos alimentares, depressão e ansiedade. O papel da psicóloga é não apenas oferecer um espaço de escuta, mas também interagir de forma lúdica e empática, proporcionando segurança emocional. A abordagem cognitivo-comportamental, por exemplo, tem se mostrado eficaz no tratamento

de transtornos emocionais em crianças e adolescentes, como ansiedade e depressão (Higa et al., 2021).

Supervisão Clínica

A supervisão clínica é uma prática fundamental na formação e no desenvolvimento contínuo e formação de psicólogos em sua atuação profissional. Esse processo envolve a orientação e o acompanhamento de um psicólogo em formação ou em início de carreira por um profissional mais experiente, com o objetivo de promover o aprimoramento técnico e ético do supervisionando.

A supervisão clínica visa fornecer suporte e orientação ao psicólogo, ajudando-o a refletir sobre suas intervenções, avaliar a condução das terapias, identificar dificuldades e promover o crescimento profissional e ético. Ela pode ser realizada tanto em contexto acadêmico e particular, quanto como parte de programas de pós-graduação ou treinamento e quanto no ambiente de trabalho, onde o psicólogo clínico recebe *feedback* sobre casos específicos que está atendendo. Estudos demonstram que a supervisão clínica é eficaz para o aprimoramento das habilidades técnicas e para a prevenção do desgaste emocional, o que favorece a qualidade do atendimento ao paciente (Falender e Shafranske, 2017). Além disso, a supervisão proporciona um espaço seguro de compreensão para o psicólogo explorar seus sentimentos e emoções em relação ao trabalho, evitando a sobrecarga emocional e o burnout.

Clínica Ampliada

A clínica ampliada é um modelo de intervenção que vai além da prática clínica tradicional, adotando uma abordagem mais holística e integradora do cuidado à saúde mental. Esse modelo propõe que o trabalho do psicólogo, ou de outros profissionais de saúde, seja realizado em rede, com uma visão mais ampla das condições de vida do paciente, incluindo fatores sociais, culturais e econômicos que podem impactar sua saúde mental.

A clínica ampliada busca integrar diferentes profissionais e serviços de saúde, promovendo um trabalho colaborativo entre psicólogos, médicos, assistentes sociais e outros especialistas. Essa abordagem também é importante para lidar com questões complexas, como transtornos mentais graves,

onde a interação com outros serviços de saúde e o apoio de diferentes redes de cuidado tornam-se essenciais. A implementação da clínica ampliada reflete uma mudança paradigmática na psicologia, que visa integrar o cuidado psicológico ao contexto social mais amplo, garantindo que o paciente receba um atendimento que considere suas múltiplas necessidades (Cecílio et al., 2006). A clínica ampliada é uma estratégia que não apenas aborda o indivíduo, mas também considera a influência do ambiente e das políticas públicas na saúde mental.

Um breve relato de experiência sobre minha atuação em Psicoterapia

Desde o início da graduação, a clínica sempre me chamou a atenção. Sinto que é um espaço onde consigo crescer todos os dias e desenvolver atitudes que me ajudaram a amadurecer como pessoa a cada encontro com o outro em meio à sua dor. Aprendi a valorizar os encontros, dentro e fora do Setting terapêutico.

Tive a oportunidade de ter excelentes professores que me ensinaram o caminho da psicoterapia e como atuar de forma ética, comprometida e responsável. Ingressei muito cedo no Plantão Psicológico, uma modalidade clínica que me encantou e me fez perceber a importância da escuta e do cuidado com zelo e responsabilidade. Frente a isso, resolvi abrir meu próprio consultório, em parceria com minha sócia Karianne Costa, intitulada Clínica Fratelli, um espaço de cuidado e escuta em psicoterapia particular e plantão psicológico *online* e gratuito à população que precisa de um suporte na urgência.

Nesse processo e nos últimos anos, já atendemos juntos à nossa equipe mais de 5 mil pessoas. Seguindo na mesma perspectiva, resolvi também me especializar e realizar pesquisas no âmbito da clínica e em contextos de crise e urgência psicológica, tanto nas especializações quanto no mestrado e doutorado, realizando em paralelo os meus atendimentos de psicoterapia e supervisão clínica de psicoterapia individual, com casais e plantão psicológico.

Um outro passo importante, foi a decisão de cursar uma formação intensa com a maior referência na minha abordagem - Humanismo-Fenomenológico -, Virgínia Moreira, que junto ao seu grupo de psicoterapeutas Humanistas-Fenomenológicos, desenvolveram essa abordagem tão importante no campo

das psicologias Humanistas e Fenomenológicas. Tal formação se trata de um processo de encontros teóricos e vivenciais, durante um período de dois anos, onde estudamos Carl Rogers, Merleau-Ponty, Psicopatologia Fenomenológica, estudos de casos por meio de supervisão clínica de atendimentos individuais e de grupos e momentos de trocas importantes nos encontros vivenciais. Nos reunimos em seu consultório semanalmente e uma vez ao mês, a fim de desenvolvermos cada vez mais nossa postura e atitudes clínicas.

Sou bastante realizado em minha prática clínica e desejo continuar desenvolvendo espaços de escuta e ensino a respeito dessa possibilidade de atuação tão importante e que dialoga de forma significativa com a saúde mental.

Referências Bibliográficas

BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. (Orgs.). **Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2008.

CÂMARA, S. M.; TAVARES, G. Plantão psicológico: Abordagem e atuação do psicólogo em situações de crise. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivo-Comportamentais**, 6(1), 29-35, 2020.

CECILIO, L. C. O.; FARIA, M. D. M.; LIMA, L. A. M. Clínica Ampliada e a Atenção Integral à Saúde: Avanços e Desafios. **Revista de Saúde Pública**, 40(2), 209-215, 2006.

Conselho Federal de Psicologia (CFP). **Resolução CFP nº 9/2000 - Normas e diretrizes para a utilização de testes psicológicos**, 2000. Disponível em: www.cfp.org.br

FALENDER, C. A.; SHAFRANSK, E. P. **Clinical Supervision: A Competency-Based Approach**. American Psychological Association, 2017.

HIGA, L. M.; SILVA, G. F.; FERNANDES, L. C. A eficácia da Terapia Cognitivo-Comportamental no tratamento de ansiedade em crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivo-Comportamentais**, 8(2), 49-57, 2021.

HOFMANM, S. G.; ASNAANI, A.; VONK, I. J., SAWYER, A. T.; FANG, A. The Efficacy of Cognitive Behavioral Therapy: A Review of Meta-analyses. **Cognitive Therapy and Research**, 36(5), 427-440, 2012..

LEBOW, J. L. **Handbook of Clinical Family Therapy**. Wiley-Blackwell, 2012.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa: Uma perspectiva da psicoterapia centrada no cliente**. São Paulo: Martins Fontes, 1961.

SUPER, D. E. A Life-Span, Life-Space Approach to Career Development. **Career Development Quarterly**, 38(2), 161-173, 1990.

YALOM, I. D. **The Theory and Practice of Group Psychotherapy**. Basic Books, 2005.



Capítulo 11

Residência em Psicologia: Um Caminho de Formação para Residentes e Preceptores

Ana Caroline Leite de Aguiar

Carolina Luiza Silva Medina

Introdução

A residência multiprofissional em Saúde é um programa que existe no Brasil desde a década de 2000, englobando diversos profissionais de Saúde que buscam nela uma forma de se especializar na área, contendo partes teóricas e práticas durante a formação. Atualmente, por meio da Lei nº 11.129 de 2005, os programas de residência possuem respaldo legal, garantindo a jornada de trabalho de 5760 horas (divididas em parte teórica e prática), valor da bolsa e, após a conclusão, o título de pós graduação *lato sensu* na área da Saúde.

Tem-se então, na residência multiprofissional, uma forma de facilitar a inserção de novos profissionais da Psicologia da Saúde e da Psicologia Hospitalar no campo de trabalho, especializando-os na temática específica referente ao programa de residência escolhido e suprimindo desafios. Dentro da Psicologia, contamos com diversas áreas de atuação como: Saúde Mental Coletiva, Saúde da Família e Comunidade, Intensivismo, Cancerologia, Urgência e Emergência, Transplantes, Atenção à Saúde da Criança, Mulher, Adulto e/ou Idoso, Gestão e outras.

Os programas de residência têm contribuído notoriamente, ainda, para a interiorização da educação permanente em Saúde, por meio da qualificação de profissionais, e da própria profissão, ampliando o acesso da população ao cuidado psicológico (Escola de Saúde Pública do Ceará,, 2013, 2014). Por exemplo, a Residência Multiprofissional da Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP-CE) disponibiliza vagas de educação em serviço para psicólogo em mais de 20 municípios do interior cearense (Apoio às residências de saúde, 2023). Isso representa um incentivo à carreira na saúde pública e ao fortalecimento do Sistema Único de Saúde, com foco nas mais variadas necessidades e realidades locais e regionais.

É importante destacar, ainda, que a elaboração, construção e operacionalização da residência devem contar com outros profissionais junto aos residentes, como os coordenadores pedagógicos, tutores, supervisores e preceptores (ESP-CE, 2013). Esses últimos costumam ser profissionais do serviço onde o residente atuará após aprovação via seleção para programas específicos. A preceptorial constitui função docente e tem o objetivo de facilitar a especialização em serviço por meio de acompanhamento constante do(s) residente(s), realização de intervenções e estudos conjuntos, discussão de casos, reuniões,

supervisões, etc (ESP-CE, 2013). Assim, costuma ser exigência dos programas que deve haver um preceptor do mesmo núcleo profissional que o residente no campo onde este atuará, e isso representa uma oportunidade para que os profissionais do SUS estejam em constante atualização de saberes, trocas de experiências e trabalho em equipe, embora seja imprescindível que haja uma formação em docência e incentivos à atuação dos preceptores, que disponibilizarão espaços na sua rotina, geralmente, sobrecarregada, para acompanhamento docente dos residentes.

O capítulo a seguir surge da compreensão de que, quanto mais se fala sobre determinado tema, mais conhecimento é difundido e mais diálogos surgem acerca do assunto. Ademais, sabe-se que a Psicologia é uma profissão que pode ser muito solitária e, ainda, tem se inserido aos poucos em novos campos de atuação.

A residência multiprofissional: contribuições e desafios do programa

Novos estudos vêm surgindo em relação aos programas de residência multiprofissional ofertadas no Brasil - estudos estes que apontam contribuições, desafios e benefícios do programa de residência para os profissionais que buscam nela uma forma de se especializar na prática, para as instituições que recebem a presença desses profissionais e para os pacientes/usuários beneficiados por eles.

Artico et al. (2020) apontam as contribuições do programa para o desenvolvimento profissional dos residentes, destacando o espaço como facilitador do aprendizado e desenvolvimento da confiança do profissional em relação a sua atuação, principalmente, por trazer oportunidades que a graduação não oferece. Por outro lado, os autores assinalam a frustração e a insatisfação de alguns residentes em relação à expectativa criada ao entrarem no programa e a realidade ofertada por este; nesse aspecto, é possível citar a defasagem entre estudos teóricos propostos pela teoria do programa e o que, de fato, é disponibilizado para os residentes.

Ferreira et al., (2019), também, trazem nuances de programas de residência multiprofissional que vão ao encontro dos achados de Artico et al., (2020). Além dos aspectos supracitados, pode-se dizer sobre a ausência de estudos

específicos de cada área da atuação como um desafio a ser enfrentado para o bom funcionamento do programa, bem como a desorganização em relação aos espaços formativos profissionais (Artico et al., 2020). Outro ponto importante é que, em alguns lugares, o residente é visto como mão de obra barata (Ferreira et al., 2019) e como um profissional que pode ser escalado para assumir as competências do profissional contratado pela instituição.

Apesar dos desafios, é preciso reconhecer os benefícios e possibilidades que a residência traz como campo de formação e atuação. Lins (2014) mostra que os residentes e preceptores reconhecem na residência multiprofissional um caminho para a busca do atendimento integral ao paciente/usuário do serviço, além do desenvolvimento de ações multiprofissionais, em busca do atendimento interdisciplinar. A autora, ainda, apresenta dados acerca de a residência ser vista como uma possibilidade de integração entre ensino e aprendizagem, que interfere diretamente na prática clínica do profissional.

A seguir, as presentes autoras compartilham de suas experiências como residente e preceptora de programas de residência.

A residência enquanto campo de formação: experiência de uma residente em Saúde

A Psicologia pode ser muito solitária, especialmente, ao se pensar nos preceitos da clínica, difundidos durante a criação e consolidação dessa profissão. Apesar disso, existem diversas maneiras de nos colocarmos em pares - sejam eles comuns ou não. A partir disso, temos a residência como campo de inserção de trabalho e, também, como campo de trocas - de conhecimento, de afeto e de relações.

Ao se trabalhar em uma equipe multiprofissional, busca-se atuar de forma transdisciplinar, ou seja, atuar com interação entre as diferentes disciplinas e saberes, visando a um trabalho integral de todos os atores envolvidos na equipe (Iribarry, 2003). Nessa perspectiva, a residência multiprofissional em Saúde possibilita uma atuação em conjunto, objetivando o cuidado integral e respeitando as especificidades de cada categoria profissional. Durante dois anos, o residente convive com diversos profissionais em cenários distintos, conhecendo práticas e realidades específicas de cada ambiente. Em minha

realidade, pude conviver com profissionais da Psicologia e outras áreas de Saúde (Enfermagem, Medicina, Serviço Social, Fisioterapia, Nutrição, Odontologia, Farmácia) e conhecer na prática como outros saberes contribuem com a atuação da Psicologia da Saúde.

Além disso, a residência possibilita que o conhecimento psicológico seja difundido na área da Saúde, ampliando e fortalecendo a prática como ciência e profissão, e traz, além do campo de atuação, espaço formativo, com supervisões de caso, aulas teóricas, estudos de caso, momentos de aprendizagem ativa e estágio optativo - que pode ser realizado em diversificadas unidades de Saúde.

Realizei minha residência na Santa Casa de Belo Horizonte - Minas Gerais, um hospital de alta complexidade, 100% SUS, com mais de 1200 leitos, divididos em diversas especialidades e diferentes níveis de cuidado. Especializei-me em Intensivismo Adulto e passei por especialidades médicas, como: Neurologia, Cardiologia, Doenças Respiratórias (principalmente, COVID-19), Oncologia, Transplantes, Cirurgias Gerais, entre outras. Apesar da separação por especialidade, em todas elas, o trabalho da Psicologia era solicitado, pensando-se no cuidado integral, levando-se em consideração os aspectos **biopsicossocioespirituais**.

Durante um mês, pude realizar meu estágio optativo em Brasília, na Fiocruz, especificamente, no programa de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas. Diferentemente do meu campo de origem, atuei durante um mês em componentes da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e de Unidades Socioeducativas, conhecendo na prática como se dá o trabalho do psicólogo em outros campos da Saúde para além do hospital.

Além da diversidade dos campos de atuação do psicólogo na área da Saúde, pude conhecer variadas formas e modelos de funcionamento da residência multiprofissional. Durante o estágio optativo, participei de supervisões institucionais nos serviços de Saúde Mental, aulas teóricas, reuniões e mentorias de núcleos (separados por categorias profissionais e campos de atuação), bem como participar de processos formativos de atuação em casos específicos, como a abordagem para cuidado ao usuário em crise. Assim, ao longo da especialização, vivenciei a oportunidade e o privilégio de participar de cursos, palestras e formações teóricas e práticas, que foram fundamentais para a construção da psicóloga que sou hoje, o que vai ao encontro dos meus desejos profissionais.

Porém é praticamente impossível pensar e citar apenas benefícios da residência. Sabemos que os programas, ainda, precisam de adaptações de acordo com cada realidade. É visível que muitos residentes podem adoecer durante o período da especialização devido às condições trabalhistas: extensa carga horária e inserção intensiva no campo de atuação - afinal, são 60 horas semanais; nem sempre, o campo de atuação fornece condições favoráveis para o residente - tanto em relação ao suporte de preceptoria quanto a lugares específicos para estudos, descanso e/ou trocas entre os pares; baixo conhecimento da instituição executora e seus funcionários sobre o programa de residência e o papel dos residentes, que, muitas vezes, são vistos como mão de obra barata para a gestão; acúmulo de funções e pouco tempo para estudos - além do fornecido dentro das 60 horas semanais.

Relato preceptoria

A preceptoria teve, historicamente, forte associação com a formação médica, em função de ter iniciado com a regulamentação das residências médicas em 1977 (Brasil, 1977) e, só em 2005, com o advento das residências multiprofissionais em Saúde, ter surgido em outros contextos profissionais. É mister, então, diante desse hiato temporal, uma solidificação da identidade de preceptor de Psicologia.

Há 11 anos, tenho a oportunidade de trabalhar nesse fortalecimento através do exercício docente da preceptoria de Psicologia pela Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP-CE). Para esse feito, as formações sistemáticas oferecidas aos preceptores pela ESP-CE ajudaram bastante, especialmente, nos primeiros anos do programa de residência multiprofissional da instituição, inaugurado em 2013. Foi imprescindível o entendimento dos papéis de educadora, mediadora e facilitadora, elaborados diariamente, através de discussões em espaços formais, elaborados pela ESP-CE, e informais, por meio da vivência conjunta, com os residentes de Psicologia, dos desafios dos serviços e realidades de atuação. Ainda, nesse sentido, foram indispensáveis à compreensão do município de Horizonte-CE (onde atuo como preceptora de Psicologia da ESP-CE) acerca do papel da preceptoria e ações de estímulo a essa função.

A preceptoria, no programa referido, divide-se entre campo e núcleo. Enquanto os últimos objetivam ativar processos formativos para qualificar as intervenções e produções da categoria profissional, demarcando, consoante

Campos (2000), uma identidade desta, os primeiros buscam interrelacionar os saberes e práticas de cada profissão, que, de acordo com o mesmo autor, apoiam-se para responder às demandas no campo/ênfase de atuação. Assim, destaco que a integração entre o preceptor de núcleo e o preceptor de campo é fundamental para uma boa condução docente da residência.

Como preceptora do componente comunitário do programa de residência multiprofissional, tive, ainda, a chance de experienciar, em momentos diferentes, a preceptoria de Psicologia nas ênfases de Saúde da Família e Comunidade e Saúde Mental Coletiva, o que denota uma ampliação de horizontes para além dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), meu local de trabalho de origem, e descortinou a ratificação a importância do trabalho em rede. Atenção Primária e Atenção Secundária têm desafios homéricos, e, para que caminhem juntas de fato, é necessário que ambas conheçam a realidade do “outro lado”. Diante disso, considero marcante em minha trajetória profissional a etapa em que pude viver um pouco o cotidiano da Psicologia nas Unidades Básicas de Saúde (UBS). Em âmbito coletivo e prático, a partir da preceptora e residentes, isso representou, na época, uma efetivação de ações de matriciamento entre CAPS e UBS, estratégia do SUS em que a Atenção Especializada vai à Atenção Básica para dar suporte em saúde mental, seja através de formações, estudos de casos, atendimentos compartilhados, etc, considerando-se a premissa de que os usuários não são de cuidado exclusivo de nenhum equipamento de saúde, mas do território, de uma rede (Chiaverini, 2011).

Outro espaço potente da relação entre preceptor e residente são as chamadas rodas de núcleo, momentos de encontros semanais entre ambos em que se oportunizam estudos teóricos e de caso, trocas sobre o cotidiano de trabalho, elaboração e avaliação de intervenções, etc. Assim, compreendo que as rodas têm uma dimensão científica, outra afetiva e outra política, assim como a atuação do profissional de Saúde, o que encontra o pensamento de Amarante (2016). Ao longo de 11 anos, inúmeras vezes, foram nas rodas que emergiram trabalhos para apresentações em eventos científicos, triagem de evidências para um melhor cuidado com os usuários, lágrimas de cansaço, mas, também, de satisfação, sorrisos necessários, colo, reflexões sobre o papel político da Psicologia, especialmente, nas políticas públicas, pois a atuação no SUS escancara a influência dessa dimensão na saúde mental das pessoas.

Embora ainda haja muita desvalorização e falta de entendimento do papel do preceptor e muitas fragilidades nos programas de residência multiprofissional, ser docente em serviço, além de fortalecer o SUS e os profissionais, fortalece a Política de Educação Permanente em Saúde (Brasil, 2004), que evidencia a importância de uma educação, de fato, contextualizada com os cenários de prática, com demandas que dele emergem. Nesse caso, ganham o preceptor, o residente, o serviço e o usuário atendido. É esse olhar preponderante de conquistas que carrego após ajustar o retrovisor para a estrada desses anos de preceptoria.

Residência e Psicologia: atravessamentos e transversalidades

Como apontado anteriormente, a residência mostra-se como um campo de formação e prática. Ao se falar especificamente da Psicologia, pode-se perceber algumas características próprias, como o fortalecimento da profissão enquanto ciência, bem como um espaço para conhecer novas possibilidades de atuação, ou fomentar tais vontades preexistentes. Queiroz, Dimenstein e Dantas (2021), em seu trabalho em relação às interferências do programa de residência em Saúde na trajetória de profissionais docentes de Psicologia, apontam que “Para os(as) entrevistados(as), a RMS (residência multiprofissional em Saúde) foi um ‘divisor de águas’, uma vez que provocou mudanças no modo de pensar a saúde, a psicologia, os processos de ensino e aprendizagem, enfim, a vida” (Queiroz et al., 2021, p. 1426).

Aliado a isso, as autoras, ainda, trazem o caráter disruptivo da formação no campo de residência (seja no âmbito do residente ou do preceptor), pois é um lugar com potencial e espaço para discussões e problematizações referentes à prática profissional no campo da Saúde, levando-se em consideração a saúde integral, a diversidade de atores envolvidos no processo e as possibilidades existentes no trabalho.

Oliveira (2009) complementa com contribuições dos programas de residência no campo da Saúde, em que ela “se apresenta não apenas como uma iniciativa de formação técnica, mas como um importante movimento político e de ordenação social para a garantia da consolidação do SUS” (Oliveira, 2009, p. 76). Sobre esse aspecto, é necessário dizer que a Psicologia

deve ser vista também como um espaço de luta política, pois não há como dissociá-la de questões sociais.

Benevides (2005) pontua que é necessário reconhecer as interfaces entre essa ciência e o SUS, reverberando que a Psicologia, dentro do campo da Saúde Pública, deve considerar os princípios da inseparabilidade; da autonomia e co-responsabilidade; e da transversalidade.

Além disso, a atuação nos programas de residência, tanto dos residentes quanto de preceptores, pressupõe o trabalho em equipe com profissionais diferentes, o que é um potencial enriquecedor da trajetória do psicólogo, pela troca de saberes e compreensões, e do entendimento da saúde, em toda a sua complexidade.

Por isso, independentemente do campo em que o residente vá atuar após a especialização, esses aprendizados e essa forma de olhar para a saúde e cuidar do ser humano serão diferenciais importantes para uma boa prática profissional: seguem com os residentes; permanecem com os preceptores.

Considerações Finais

Os programas de residência multiprofissional vêm, ao longo dos anos, sofrendo alterações e adaptações de acordo com a realidade do país e das demandas de saúde. Nesse sentido, é reconhecido e relevante o esforço para uma formação profissional que mira a produção do cuidado integral, com interação entre saberes para a solução de desafios cotidianos nos variados cenários do Sistema Único de Saúde.

Trata-se do pilar da formação do profissional de Saúde em estreita ligação com o SUS, para efetivar uma compreensão ampliada de saúde, dos processos de trabalho e da atuação do psicólogo nessa esfera, pontos fundamentais para que o sistema brasileiro funcione a contento.

E, em se tratando da residência, essa formação envolve residentes e preceptores. Faz-se imprescindível que, nela, sejam desenvolvidas e fortalecidas competências científicas, afetivas e políticas, para que se qualifiquem a atenção, a gestão e o controle social do SUS, visando à promoção, proteção e recuperação da saúde, com alicerce na colaboração interprofissional, na integralidade e na intersetorialidade.

Na Psicologia, a residência consolida-se como importante via conducente à qualificação da profissão e à ampliação do acesso das pessoas a essa ciência

e prática embora esse caminho tenha que ser, diuturnamente, construído pelos residentes e preceptores, e mantido em termos de conquista junto a outros profissionais de Saúde, haja vista as fragilidades, ainda, enfrentadas dos programas de residências multiprofissionais.

Referências Bibliográficas

APOIO ÀS RESIDÊNCIAS DE SAÚDE (ARES). **Manual do Participante**. PSU/RESMULTI/CE 2023. Disponível em: https://www.resmedceara.ufc.br/ares/wp-content/uploads/2022/09/Edital_Completo_-n_04_2022_PSU-RESMULTI-15.09.2022-1.pdf. Acesso em: 23 mai. 2024.

AMARANTE, P. **Loucos pela vida**: a trajetória da Reforma Psiquiátrica no Brasil. 6. reimpr. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2016.

ARTICO, G. A; et al. **Percepções de residentes em urgência e emergência sobre sua formação: desafios para a aprendizagem**. *Ciência, Cuidado E Saúde*, v. 19, 2020.

BENEVIDES, R. (2005). A psicologia e o sistema único de saúde: quais interfaces? *Psicologia & Sociedade*, 17(2), 21–25.

BRASIL. **Decreto nº 80.281, de 5 de setembro de 1977**. Regulamenta a Residência Médica, cria a Comissão Nacional de Residência Médica e dá outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 6 set. 1977. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=535-decreto-80281-05091977&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 23 mai. 2024.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (PNEPS)**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/livros-publicacoes/2978-politica-nacional-de-educacao-permanente-em-saude-o-que-se-tem-produzido-para-o-seu-fortalecimento>. Acesso em: 22 mai. 2024.

CAMPOS, G. W. de S. Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 219-230, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n2/7093.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2024.

CHIAVERINI, D.H. (Org.). **Guia prático de matriciamento em saúde mental**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, Centro de Estudo e Pesquisa em Saúde Coletiva, 2011.

ESCOLA DE SAÚDE PÚBLICA DO CEARÁ (ESP-CE). **Regimento da Residência Integrada em Saúde – RISESP/CE**. Fortaleza, CE, 2013. Disponível em: http://cedes.esp.ce.gov.br/ead/file.php/113/GUIA_RIS/REGIMENTO/REGIMENTO_RMSFC_VERSAO_29_ABRIL.pdf. Acesso em: 24 ago. 2023.

FERREIRA, A. P.; BORDIN, D.; CABRAL, L. P. A.; GRDEN, C. R. B.; ZANESCO, C.; & FADEL, C.B. **Percepção de residentes sobre a residência multiprofissional em saúde: um aporte para o fomento da qualidade do ensino superior** / Resident inspections by multiprofessional health experience: a service for the development of quality in higher education. *Brazilian Journal of Development*, 5(11), 23144–23155, 2019.

IRIBARRY, N.. **Aproximações sobre a transdisciplinaridade: algumas linhas históricas, fundamentos e princípios aplicados ao trabalho de equipe**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 16, n. 3, p. 483–490, 2003.

OLIVEIRA, C.F. **A residência multiprofissional em saúde como possibilidade de formação de profissionais para o Sistema Único de Saúde** (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Porto Alegre, RS, Brasil, 2009.

QUEIROZ, A, H, A, B; DIMENSTEIN, M; DANTAS, C. **Interferências das Residências Multiprofissionais em Saúde na Trajetória Docente de Psicólogos**. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, [S. l.], v. 21, n. 4, p. 1416–1438, 2021.

Capítulo 12

A Pós e o após: reflexões sobre a experiência da pós-graduação no Brasil

Jaiana Cristina Cândido Morais

“O CORRER DA VIDA EMBRULHA TUDO,
A VIDA É ASSIM: ESQUENTA E ESFRIA,
APERTA E DAÍ AFROUXA, SOSSEGA E DEPOIS DESINQUIETA.
O QUE ELA QUER DA GENTE É CORAGEM.
O QUE DEUS QUER É VER A GENTE
APRENDENDO A SER CAPAZ
DE FICAR ALEGRE A MAIS,
NO MEIO DA ALEGRIA,
E INDA MAIS ALEGRE
AINDA NO MEIO DA TRISTEZA!
À VIDA INVENTA!
A GENTE PRINCIPIA AS COISAS,
NO NÃO SABER POR QUE,
E DESDE AÍ PERDE O PODER DE CONTINUAÇÃO
PORQUE A VIDA É MUTIRÃO DE TODOS,
POR TODOS REMEXIDA E TEMPERADA.
O MAIS IMPORTANTE E BONITO, DO MUNDO, É ISTO:
QUE AS PESSOAS NÃO ESTÃO SEMPRE IGUAIS,
AINDA NÃO FORAM TERMINADAS,
MAS QUE ELAS VÃO SEMPRE MUDANDO.
AFINAM OU DESAFINAM. VERDADE MAIOR.
VIVER É MUITO PERIGOSO; E NÃO É NÃO.
NEM SEI EXPLICAR ESTAS COISAS.
UM SENTIR É O DO SENTENTE, MAS OUTRO É DO SENTIDOR.”

— *Guimarães Rosa*

Introdução

Todo mundo em algum momento da vida já quis ser “doutor”. Seja pela medicina, advocacia, pós-graduação ou sonhos sonhados desde o nascimento por pais e familiares. Ser “doutor” pode significar muitas coisas, dependendo de como você interpreta essa palavra. Pode significar respeito, conhecimento, poder, liderança, entre outras. Todas elas apontam para um caminho a ser percorrido, e escolhas a serem feitas e vividas.

Para um adulto jovem recém-formado, ser “doutor” também pode significar muitas coisas. Pode ser seguir os passos de familiares, de professores e grandes mestres da graduação, continuar sendo estudante por mais um tempo, ser reconhecido como referência em algum assunto dentro da academia e socialmente, entre tantos outros atravessamentos. Mas ser “doutor” implica escolher um caminho e fazer escolhas nele.

Esse caminho, que começa a ser percorrido após ter o diploma de graduação em mãos, também abarca uma vida adulta, suas responsabilidades, cobranças, medos, inícios e finais. Tem aqueles adultos que concluem o curso mais jovens, ainda morando com os pais, dispendo de ajuda financeira e apoio para continuar “apenas” estudando em um mestrado ou especialização. Mas também existem aqueles que já não são tão jovens assim, possuem filhos, companheiros, uma casa alugada ou própria, trabalhos autônomos ou por carteira assinada. Por fim, e em sua grande maioria, estão aqueles que vivem na interseção das duas experiências, ou seja, ainda são mais jovens, mas estão casando, noivos, ainda namorando ou solteiros, mudando da casa dos pais para a própria casa para morar sozinhos, com amigos ou com companheiros, e o principal, entrando ou tentando entrar no mercado de trabalho, aprendendo a administrar o próprio dinheiro e a própria vida, que vai ganhar muitas nuances novas a partir de agora.

Concluir uma graduação e iniciar de forma imediata uma pós-graduação, pode ser o melhor caminho para alguns desses adultos. Por outro lado, para outros tantos, pode representar um grande desafio, que só é descoberto, em geral, quando se já está dentro dos programas e laboratórios que compõem os cursos de pós-graduações das grandes universidades públicas e privadas. O presente capítulo busca tecer discussões sobre essa experiência, trazendo um panorama geral sobre a pós-graduação no Brasil, e os aspectos envolvidos na escolha de iniciá-la logo após a conclusão do curso de graduação sendo um

adulto jovem que ingressa concomitantemente no mercado de trabalho. Será dado ênfase na pós-graduação *stricto sensu* em Psicologia (cursos de mestrado e doutorado, acadêmicos e profissionais).

Breve Histórico da Pós-Graduação, e da Pós-Graduação em Psicologia no Brasil

A história da Pós-Graduação no Brasil é marcada por processos sociais diversos, e está vinculada às mudanças históricas e culturais da sociedade brasileira e da educação em geral (Queiroz, 2023). Embora tenha sido prevista no Estatuto das Universidades Brasileiras desde 1930, foi instituída e institucionalizada no Brasil apenas a partir de 1951, após a criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – em 1964, instituições fundamentais para o desenvolvimento da pós-graduação no país, e responsáveis até hoje pela sua organização. Através do parecer nº 977/65 do Conselho Federal de Educação (CFE), em 1970, a pós-graduação foi começando a ser consolidada com a formalização dos cursos *stricto sensu* (mestrado e doutorado) (Charles *et al.*, 2022; Queiroz, 2023; Prado; Freitas, 2022).

Nas décadas seguintes, foi possível observar uma expansão e considerável aumento de programas *stricto sensu* de mestrados e doutorados, acadêmicos e profissionais, de discentes matriculados e de titulações de mestres e doutores. Em 1987, havia 861 cursos de mestrado e 385 de doutorado, todos acadêmicos (Branco e Cirino, 2022). Nos anos 1990, há a consolidação da pós-graduação na sociedade brasileira, e a partir de 1995 novos caminhos começam a ser traçados mais nitidamente, com a reestruturação da CAPES, que se tornou responsável pelo monitoramento, credenciamento e avaliação dos cursos de mestrado e doutorado em nível nacional, com autonomia financeira e administrativa (Charles *et al.*, 2022; Queiroz, 2023). Esse cenário levou a avanços e passos importantes, como a política de cotas, instituída nos anos 2000, e a Plataforma Sucupira, que modernizou e ampliou a informatização dos processos ligados a pós desde 2014 (Queiroz, 2023).

Como resultado, os números dos programas continuaram a aumentar. Em 2021, haviam 3.692 mestrados acadêmicos, 867 mestrados profissionais,

2.444 doutorados acadêmicos e 58 doutorados profissionais, o que representa aumentos significativos: entre 1987 e 2021, de 76,5% nos mestrados acadêmicos e 84,2% nos doutorados acadêmicos; entre 2018 e 2021, de 14,5% em relação aos mestrados profissionais, e de 98,2% no que concerne aos doutorados profissionais (Branco e Cirino, 2022).

A pós-graduação em Psicologia seguiu o mesmo ritmo, e também cresceu nas últimas décadas. Atualmente, a área conta com 66 doutorados, 86 mestrados acadêmicos e 15 mestrados profissionais, totalizando 167 cursos, distribuídos em 101 programas de pós-graduação ao redor do país. A maioria dos programas encontram-se em instituições públicas (72%), e quase da metade na região sudeste (46,5%), que abarca 43 ao todo, ao contrário da região norte, que possui apenas 5 programas. Tal fato aponta para uma desigualdade geográfica na distribuição dos cursos, o que conseqüentemente também pode indicar uma disparidade no repasse de recursos, verbas e incentivos para esses estados (Brasil, 2024; Charles et al., 2022). Os programas de mestrado e doutorado em Psicologia, em geral, são de médio porte, com uma posição de destaque no campo das Ciências Humanas, em decorrência das suas características interdisciplinares. Os egressos desses cursos se inserem no mercado de trabalho acadêmico de ensino superior e em diversos setores de atuação profissional fora da academia (Branco; Cirino, 2022).

Os caminhos e as escolhas do após que levam a pós e suas repercussões

Concluir um curso de graduação aponta para muitas expectativas, sejam elas da própria pessoa que almeja colocar tudo que aprendeu em prática, como também de núcleos familiares e sociais, que aguardam ansiosamente o sucesso daquele recém-formado. No entanto, ao sair dos muros da academia, os graduados encontram outros muros. Um deles é o mercado de trabalho, que carrega consigo cobranças, exigências, padrões a serem seguidos, metas a serem alcançadas, e uma concepção de trabalho que o exalta como centro na vida do sujeito, como a única forma possível e digna de ganhar a vida e sobreviver. Além disso, o mundo do trabalho é competitivo, fato que leva os profissionais a aprimorarem suas competências e qualificações

a todo momento, praticamente de forma obrigatória, tornando insuficiente conhecimentos e títulos que se tinha até então (Charles et al., 2022).

Com o objetivo de atender a todas as demandas impostas por esse mecanismo social e inserir-se nesse novo mundo que se apresenta para além das salas de aula, milhares de adultos jovens recém egressos de universidades, que precisam e/ou querem um emprego, ao concluir o curso de graduação e não terem ainda outros títulos e qualificações, aceitam condições de trabalho precárias, injustas e desonestas. Nesse contexto, a Pós-Graduação surge como possibilidade, seja ela *lato sensu* ou *stricto sensu*, a depender dos objetivos de cada um¹, aumentando as chances de entrada e sucesso no mercado de trabalho, como também de melhora nas condições trabalhistas daqueles que já estão inseridos nele.

Para aqueles que desejam se inserir no mercado acadêmico, a pós-graduação *stricto sensu* promete formar mestres e doutores capazes de lidar com novos problemas científicos com autonomia intelectual, contribuindo para progressos em várias áreas da sociedade, como a tecnológica e a socioeconômica. Promessa que brilha os olhos daqueles que se sentem limitados pelas oportunidades ofertadas de empregos formais e desvalorizados (Charles et al., 2022), e estabelecem como grande meta serem aprovados em um concurso público. Nesse cenário, é dado um foco significativo à construção da carreira profissional, na qual as pessoas almejam estabilidade financeira a longo prazo, que supram suas necessidades.

Ao relacionar o mundo do trabalho com a pós-graduação, é possível lançar luz para as mudanças políticas e sociais da sociedade contemporânea a qual essa relação está inserida. Percebe-se uma vinculação mais direta entre a produção acadêmica e o mercado, que objetiva aumentar a produtividade e quantificação da produção intelectual (Queiroz, 2023). Essa conjuntura se dá em meio a um cenário de transição, uma vez que no século XXI não se vive

¹ Em geral, a pós-graduação *stricto sensu*, que comporta os cursos de mestrado, doutorado e pós-doutorado – acadêmicos e profissionais, tem como objetivo qualificar o profissional para a docência e pesquisa, influenciando em seleções de concurso para cargos no ensino superior, em universidades públicas e privadas. Já a pós-graduação *lato sensu*, que abarca cursos de especialização e MBA, objetiva qualificar o profissional para as mais diversas áreas de atuação do mercado, tendo também relevância em concursos para cargos diversos.

mais em uma sociedade regida pela disciplina, mas sim pelo desempenho, na qual é valorizado o crescimento, o incentivo, a positividade e as informações em excesso. Os sujeitos são empresários de si mesmos, e responsáveis pela própria carreira e evolução profissional (Charles et al., 2022; Han, 2015).

O produtivismo da sociedade de desempenho é visto nas universidades e espaços do trabalho intelectual. Chegou a partir de uma pressão externa social, do Estado e de suas instituições que são ligadas a área da pesquisa científica, e passou a ser uma pressão interna em grande parte dos pesquisadores que compõem os programas de pós-graduação. Atualmente, a concessão de bolsas e auxílios, o financiamento de pesquisas, as notas em rankings, o prestígio junto aos pares e a participação em eventos acadêmicos nacionais e internacionais estão condicionados à quantidade e à qualidade das publicações dos pesquisadores e programas. Essas vias de cobrança, impulsionadas por esse produtivismo acadêmico, gera nos alunos e professores sintomas ansiosos e depressivos, sobrecarga de trabalho, competitividade entre pares, inseguranças, isolamento, desequilíbrio entre outras áreas da vida, e até transtornos mais graves, como a Síndrome de Burnout (Glatz *et al.*, 2022; Queiroz, 2023).

A importância de se olhar para a saúde mental dentro da pós-graduação veio ganhando força nos últimos anos. O número de casos de depressão entre pós-graduandos cresceu, chegando a uma média de um terço dos estudantes (Queiroz, 2023), que chegou há 319.973 no ano de 2023, entre os níveis de mestrado (137.782), doutorado (129.772), mestrado profissional (50.290) e doutorado profissional (2.129) dos programas de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. Nos cursos da área de avaliação da Psicologia também se encontra um número expressivo, em 2023 somavam-se 10.016 matriculados – mestrado (3.810), doutorado (3.209) e mestrado profissional (585) (Brasil, 2023).

Em meio aos aspectos institucionais que as universidades e programas podem impor aos discentes e docentes – grades curriculares, cargas horárias, produção de artigos, assédio moral, também estão envolvidos no âmbito da saúde mental aspectos individuais, subjetivos, coletivos e socioculturais. História pessoal, gênero, raça, sexualidade, posição político-ideológica, classe social, investimento público na educação e fornecimento de bolsas estudantis, entre outros fatores devem ser considerados ao se pensar o sofrimento psíquico e emocional dentro dos cursos de pós-graduação (Glatz *et al.*, 2022; Pinzon *et al.*, 2020).

No caso dos discentes, soma-se a esse cenário a dificuldade de conciliar as demandas da universidade com o trabalho remunerado, seja ele em regime de CLT ou não, o que gera sentimentos de incapacidade e frustração, maiores dificuldades em dar continuidade aos estudos e cumprir prazos de entrega, potencializa a procrastinação, e pode prejudicar a conclusão do curso. Esse sofrimento pode desencadear também o absenteísmo e o uso e/ou abuso de álcool e de substâncias entorpecentes nos estudantes (Glatz et al., 2022).

Galdino (2015) aponta em seu estudo que os pós-graduandos que conciliavam estudo com trabalho apresentavam uma menor percepção de qualidade de vida, e um maior nível de Burnout. Em contraponto, observou que o bom relacionamento com os docentes e a satisfação com o tema/objeto de pesquisa favoreciam a percepção sobre a qualidade de vida. Corroborando esses achados, Caldas (2018), em pesquisa feita com 200 pós-graduandos dos cursos *stricto sensu* da Universidade de São Paulo, apresenta dados alarmantes. Os resultados da pesquisa revelaram que mais da metade da amostra analisada apresentaram algum tipo de sintoma de ansiedade, depressão e/ou estresse, sendo 10% em estado grave. O transtorno depressivo e de ansiedade, a crise de pânico, os distúrbios do sono e o comportamento suicida são consideravelmente maiores na população universitária e em especial, entre estudantes de pós-graduação, quando comparados à população geral (Costa; Nebel, 2018).

Ao se debruçar sobre a literatura que estuda a saúde mental na pós-graduação, é possível observar uma universalidade de sintomas, sentimentos, fatores estressores e experiências, que pouco a pouco potencializam e desencadeiam o sofrimento psíquico, afetando progressivamente a saúde mental desses estudantes. Evidencia-se também uma ambivalência entre a insegurança e o desânimo, e o entusiasmo e a satisfação. Dualidade que demonstra o quão complexo e plural é o ambiente da pós-graduação, capaz de despertar potencialidades e inquietações, promover sonhos e desejos, mas também medos e angústias, proporcionar o fazer ciência ou desencadear o sofrimento (Glatz et al., 2022).

Diante do que foi apresentado até aqui, se questionar se o caminho a ser seguido após estar com o diploma em mãos é o da pós-graduação apenas, ou o do mercado de trabalho apenas, ou ambos em conjunto, é indispensável. Entender as escolhas que precisam ser feitas nesse caminho, e todas as pedras que podem aparecer sob os pés é igualmente importante. Junto a essas reflexões, pode surgir uma das que mais gera angústia em estudantes

recém-formados: esse é o momento certo? Será que deveria trabalhar primeiro, ganhar experiência na minha prática profissional, e me estabelecer financeiramente, para depois retornar para a universidade? Será que após sair, e passar um período afastado, conseguirei voltar no mesmo ritmo e disposição? Será que conseguirei oportunidades sem um título de pós-graduação?

Haverá muitas pessoas para responder a cada uma dessas perguntas, baseadas em suas próprias experiências e caminhos. Segui-las pode não dar certo, uma vez que cada caminho é único, e o que é melhor para esse alguém, pode não funcionar para você, as condições sociais dessa pessoa podem não ser as mesmas que as suas.

Por isso é tão importante que nesse momento, algumas outras perguntas sejam feitas, e que as respostas sejam dadas somente por você. Qual o sentido disso na sua história e carreira? É algo que você realmente quer e almeja? Quais os seus objetivos com esse título? Você se sente preparado para enfrentar todo esse caminho? Como estão as outras áreas da sua vida? Nos seus planos para os próximos anos, cabe estar em uma pós-graduação? Os aspectos sociais, políticos e coletivos vão interferir no seu processo e/ou impedir que você conclua o curso? Como você percebe seu padrão de funcionamento em meio a cobranças, prazos, relações verticais e de hierarquia? Chegando nas respostas dessas perguntas, e de tantas outras que podem surgir, quem sabe você entenda se é o momento certo para você. Ou talvez não. Essa certeza, ou arrependimento, só apareça na metade do processo. De fato, o “momento certo” não existe. Mas estar minimamente preparado e consciente da escolha que está sendo feita, pode ajudar nesse caminho.

Considerações Finais

O presente capítulo buscou tecer discussões sobre a experiência de iniciar uma pós-graduação logo após a conclusão do curso de graduação, sendo um adulto jovem que ingressa concomitantemente no mercado de trabalho, e as repercussões que essa escolha pode desencadear na saúde mental. A partir de um breve panorama histórico do desenvolvimento da pós-graduação no Brasil, foi possível perceber o crescente aumento dos cursos *stricto sensu* (mestrados e doutorados, acadêmicos e profissionais) nas últimas décadas, assim como do número de estudantes matriculados nos programas das universidades públicas e privadas.

Junto a esse cenário, também cresceu o número de casos de sofrimento emocional desses pós-graduandos, principalmente daqueles que estão ao mesmo tempo no mercado de trabalho e dentro das universidades. A associação de altas demandas no contexto de trabalho e acadêmico, pressão por produtividade, entre outros fatores acaba por esgotar os recursos dos estudantes. Isto pode gerar conflitos, impactar o sucesso no trabalho, e estar relacionado com a manifestação de doenças e diversas consequências negativas como o estresse, transtornos psicológicos e aumento dos níveis de sofrimento emocional.

Nesse sentido, as ações de promoção e prevenção de saúde mental no âmbito da pós-graduação têm sido uma necessidade emergente. Repensar as relações estabelecidas nesse contexto, os aspectos socioculturais que influenciam as práticas de discentes e docentes, assim como as políticas públicas de inclusão e permanência desses estudantes, pode auxiliar no desenvolvimento de estratégias viáveis para solucionar essa problemática com tantas frentes.

Referências Bibliográficas

BRANCO, P. C. C.; CIRINO, S. D. O mestrado profissional em Psicologia no Brasil. Revista GUAL, Florianópolis, v.15, n.3, p. 21-40, 2022. <https://doi.org/10.5007/1983-4535.2022.e85655>.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. GEOCAPES – **Sistema de Informações Georreferenciadas**. Brasília-DF: MEC, 2023. Disponível em: <https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Plataforma Sucupira**. Brasília-DF: MEC, 2024. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br>.

CALDAS, C. C. **Prazer e sofrimento**: um estudo de caso com pós-graduandos no curso de Mestrado Acadêmico em Administração na cidade Belo Horizonte – MG. 2018. 115 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Unihorizontes, Belo Horizonte, 2018.

CHARLES, L. F. J.; GIANORDOLI-NASCIMENTO, I. F.; QUEIROZ, T. P.; MIKAEL-SILVA, T.; CIRINO, S. D. Trajetórias profissionais de egressos de um curso de Doutorado em Psicologia. Revista Brasileira de Pós-graduação (RBPG), Brasília, v. 18, n. 39, p. 1-30, 2022.

COSTA, Everton Garcia da; NEBEL, Letícia. O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. **Polis**, Santiago, v. 17, n. 50, p. 207-227, 2018.

GALDINO, M. J. Q. **Síndrome de Burnout e qualidade de vida entre estudantes de pós-graduação stricto sensu em enfermagem**. 2015. 183 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

GLATZ, E. T. M. de M.; YAEGASHI, S. F. R.; FRANÇA, F. F.; SOUZA, S.; FONSECA, A. A. R.; RABASSI, L. K. B. C. A saúde mental e o sofrimento psíquico de pós-graduandos: uma revisão de literatura em teses e dissertações. *Revista Educar Mais*, v. 6, p. 255–273, 2022. <https://doi.org/10.15536/reducarmais.6.2022.2719>.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

PINZON, J. H. et al. Barreiras à Carreira e Saúde Mental de Estudantes de Pós-graduação. *Rev. bras. orientac. prof*, Campinas, v.21, n.2, p.189-201, 2020. <https://doi.org/10.26707/1984-7270/2020v21n206>.

PRADO, A. S.; FREITAS, J. L. O sistema de pós-graduação brasileiro e a saúde mental dos estudantes: que fragilidades a pandemia da covid-19 revele? *REVASF*, Petrolina, v. 12, n. 28, p. 1-36, 2022.

QUEIROZ, A. F. de. Breve histórico da Pós-Graduação no Brasil: Implicações para uma lógica de produtividade. *Rev. C&Trópico*, v. 47, n. 2, p. 37-52, 2023. [https://doi.org/10.33148/CETROPv47n2\(2023\)art3](https://doi.org/10.33148/CETROPv47n2(2023)art3).



Capítulo 13

O mercado de trabalho para psicólogas(os) na área da saúde: nuances e particularidades

Lívia Nádia Albuquerque dos Santos

“SAÚDE É UM CONCEITO RELATIVO,
MAS, NESTE MUNDO, O QUE É ABSOLUTO?
TUDO É MUDANÇA. ISSO É ESTAR VIVO:
VER COMO É ÚNICO CADA MINUTO.”

— *Paulo Roxo Barja*

Introdução

A inserção do profissional de psicologia no contexto da saúde é recente e sempre foi permeado de desafios, tendo em vista o modelo biomédico vigente na época, bem como a formação acadêmica que perpassava os psicólogos atuantes, e as escassas maneiras de inserção no campo. A verdade é que a psicologia não estava pronta para essa entrada, uma vez que o seu olhar sobre o ser humano era oriundo de um fazer clínico, que valorizava o ajuste aos padrões normativos da sociedade (Scarcelli; Junqueira, 2011).

No entanto, com a ampliação do conceito de saúde, o entendimento da influência de outros fatores no processo de adoecimento e a reinvenção dos moldes da assistência ao usuário do sistema, tornaram o fazer psicológico valorizado nesse sentido. Com essa nova compreensão, o sujeito seria visto e cuidado em todas as dimensões que o ampara, sendo então um ser biopsico-socioespíritual. Assim, o psicólogo exerce papel fundamental na integralidade da assistência e no respeito às particularidades de cada um, até mesmo aquelas que desafiam a capacidade dele de se manter em um funcionamento social normativo e excludente.

Hodiernamente, foram garantidas novas formas de acessar os serviços de saúde, especialmente em vista dos programas de Residência Multiprofissional, as novas chances de concursos e seleções públicas, além da ampliação das contratações por parte de serviços particulares. Tal assunto se faz imprescindível de discussão, afinal, os desejos dos profissionais recém-formados se voltam para essa área, mas, por muitas vezes, não tem o entendimento adequado de como podem efetivar essa atuação.

Durante a minha trajetória, sempre me questionam sobre como pode ter um cargo em uma instituição de saúde e como direcionar a sua formação acadêmica para isso. Com isso, o presente trabalho objetiva discorrer sobre as possibilidades de entrada no mercado de trabalho no campo da saúde. Para isso, será utilizado um relato de experiência a fim de garantir que esse caminho também possa ser traçado para os leitores, de acordo com seus projetos e suas necessidades pessoais.

Como se deu a entrada da Psicologia na Saúde?

Durante um período considerável, a aplicação da psicologia na área da saúde estava limitada a consultas em clínicas privadas, atendendo predominantemente a pessoas de classes sociais mais favorecidas. Além disso, a atuação da psicologia se restringia em grande parte a atividades hospitalares e ambulatoriais relacionadas à saúde mental, alinhadas principalmente aos paradigmas da psiquiatria, que focavam essencialmente na internação e no uso de medicações como tratamento principal (Raso, 2022).

Com a mudança na concepção de saúde, esta não se estabelece apenas com ausência de doenças, entendendo o fenômeno de “possuir saúde” algo muito mais complexo e ampliado. Assim, a saúde integral passou a ser vista como um equilíbrio entre os aspectos mentais, emocionais, sociais e espirituais e, a partir disso, nesse novo modelo, leva-se em consideração a interação entre biologia, psicologia e fatores sociais no processo de adoecimento e recuperação (Sgnorini et al., 2021).

É nesse meio que a Psicologia da Saúde toma forma e surge como uma especialidade da disciplina Psicologia, em que os atuantes podem se capacitar e se especializar para exercer as funções exigidas. Desde a criação dos primeiros departamentos de Psicologia da Saúde nas décadas de 1970 e 1980, tem adquirido cada vez mais importância e recebido um maior número de profissionais dedicados a ela (Sanchez, 2022).

É perceptível, desde então, que a psicologia tem conquistado o seu lugar na equipe multidisciplinar, com um reconhecimento no bem-estar geral dos indivíduos, não apenas para o tratamento ou ajustamento de transtornos, mas também para a promoção de uma vida mais funcional. Ademais, tal constatação se fortalece com iniciativas recentes do Sistema Único de Saúde (SUS) de ampliar a cobertura de serviços psicológicos no processo saúde-doença, o que contribui para o aumento da demanda e das oportunidades para os psicólogos. Outro acontecimento que voltou os olhares à saúde mental foi a pandemia de COVID-19 e acelerou a demanda por esses profissionais.

Em todos os serviços de saúde, os focos na atuação do psicólogo podem ser muito diferentes, tais como a prevenção de doenças, o gerenciamento de doenças crônicas, a melhoria da adesão ao tratamento médico e o suporte emocional para pacientes e familiares com condições graves. Isso pode ser

realizado em unidades básicas de saúde (UBS), nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), em clínicas ambulatoriais e policlínicas, e em hospitais e serviços especializados. Percebe-se, então, que diante de tantas demandas, a presença do psicólogo é fundamental e cada vez mais consolidada em nosso país, com potencial para ser padrão nas instituições vigentes.

O que fazer para alcançar oportunidades na área?

Sabe-se que durante a graduação, muitas oportunidades de estágios e extensões são direcionadas ao aluno como forma de favorecer a sua entrada nos serviços externos à faculdade a fim de aprimorar suas habilidades como profissional, acessibilizar o contato com atuantes na área, mas também fortalecer o sistema de saúde com mais pessoas dispostas a trabalhar e a exercer uma assistência de qualidade.

Essas oportunidades trazem aprendizados de grande valia, uma vez que possibilita ao aluno o contato com as atividades profissionais de forma precoce e oferta diversas formas de provar o gostinho do que é estar no mercado. Além disso, em algumas instituições, inclusive, realizam com instituições públicas, onde a inserção é mais burocrática.

Os estágios curriculares que toda grade curricular possui faz parte de uma dessas propostas, mas há também os casos onde o próprio aluno busca um estágio fora da sua grade, objetivando ampliar o seu aprendizado. Esses, então seriam os estágios extracurriculares. Porém, ainda há aqueles que se dizem “extensionistas”, que realizam projetos de extensão, visando à integração das necessidades da comunidade que estão para além dos muros da universidade.

Algumas pessoas, inclusive, entram nessa área a partir de trabalhos voluntários relacionados à organizações não-governamentais (ONG 's). Seja atuando com palhaçoterapia, seja atuando com recursos lúdicos, ou até mesmo com musicoterapia. A verdade é que ter alguma experiência é um diferencial importante, especialmente quando se pensa em uma vaga de emprego a longo prazo.

Esse caminho na graduação pode oferecer um primeiro passo no percurso dentro da rede de saúde, que após a colação de grau, pode ser consolidada de outras formas que vou explicar mais adiante. É válido salientar que esses

possíveis trajetórias vão ser influenciados pela região que mora cada leitor, afinal, as ações dentro do campo da saúde perpassam pelas decisões tomadas por cada gestor. Pode-se citar: Residência Multiprofissional, seleções públicas, concursos públicos, cargos de confiança vinculados à prefeitura e contratações no âmbito particular

Na esfera pública, um caminho provável é a Residência Multiprofissional, que é uma pós-graduação que une o ensino à assistência e oferece ao residente 2 (dois) anos de atuação no SUS recebendo uma bolsa de incentivo. Poderia dizer que minha fala é enviesada, mas essa forma aqui é uma das formas mais prósperas na saúde, visto que a residência abre muitas portas profissionais. Costuma-se dizer que é uma espécie de “vitrine”, em que proporciona *networking* e abre alas para você conhecer diferentes instituições.

Por outro lado, têm-se as seleções públicas que abrem a cada 2 (dois) anos para vagas de caráter temporário com a finalidade de suprir as necessidades dos órgãos públicos. Além disso, os concursos públicos, em que os candidatos aprovados são chamados a compor o serviço de forma vitalícia, ou seja, assumem um vínculo empregatício permanente. Por fim, há cargos comissionados, cuja natureza é a confiança e o comprometimento pessoal entre o ocupante do cargo e a administração superior.

Na esfera privada, as contratações convencionais existem e crescem a cada ano quando se trata do cenário hospitalar, o que mostra um reconhecimento maior do profissional dentro dele, em virtude da ampliação do olhar sobre as ações em saúde. O psicólogo vem adquirindo gradualmente seu espaço de trabalho como parte da equipe multiprofissional que deve ocupar a instituição.

Quais as nuances e as particularidades da área da saúde?

O campo da saúde é vasto e desafiador, muitas são os setores e as especialidades que o psicólogo pode estar, mas para isso, é preciso ter um certo entendimento sobre a especificidade, tais como cancerologia, cardiologia, nefrologia, neurologia, entre outras que fazem parte da gama de alternativas dentro da especialidade “Psicologia da Saúde”.

Em virtude de uma prática que é heterogênea, também há nela uma diversificação de abordagens e técnicas. Sabe-se das abordagens psicológicas

comuns, mas para além delas, também compreende uma esfera de técnicas adaptáveis à saúde, cujo objetivo traduz demandas focais com objetivos limitados relacionados à vivência do processo saúde-doença.

Não menos importante, atuar nas circunstâncias do âmbito da saúde é saber que terá que lidar, em muitas das vezes, com aspectos éticos e legais, especialmente em casos de decisões que envolvam a vida do sujeito. Surgem assim, os dilemas da Bioética¹ que atravessam o fazer de todos os profissionais atuantes, ponderando sobre os princípios básicos de Beneficência, Não-Maleficência, Justiça e Autonomia. Sendo elas, respectivamente: a obrigação de fazer o bem; o respeito pela integridade do ser humano evitando danos e malefícios; distribuição equitativa de encargos e benefícios na área do bem-estar vital; e observar os valores e opções pessoais de cada indivíduo em tal decisões básicas (Sánchez, 2009).

Essas nuances nos levam a um cotidiano diferente de todos os outros, tendo em vista que requer dos profissionais a sua especialização e capacitação no tema, mas também fortalecem a adaptabilidade no que tange às necessidades individuais de cada indivíduo que será atendido por nós, respeitando-o em todas as suas dimensões, focando prioritariamente no que ele pensa que é relevante para a sua própria vida.

Quais as habilidades são mais relevantes?

Como já falado anteriormente, o psicólogo da saúde não exercerá de modo satisfatório suas atividades se apenas houver a transposição das características do fazer clínico para o serviço de saúde. Isso se relaciona com o fato de que a realidade dos territórios trazem particularidades e o trabalho com a saúde coletiva tem especificidades. É preciso respeitar a fluidez, a rotatividade, a volatilidade do cenário. Pacientes, usuários, pessoas que vêm e vão, às vezes sem dar tempo de cruzarmos os olhares com eles. Os marcadores sociais presentes dentro de cada região nos relembram de uma práxis que é também política.

1 A Bioética é reconhecimento de obrigações éticas, não apenas com relação ao ser humano, mas para com todos os seres vivos (GOLDIM, 2006)

Conhecer o serviço que você atua e conhecer as variáveis que intervêm nas suas atividades de forma direta ou indireta, independente de ser uma unidade básica de Saúde, um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), um hospital. Conseqüentemente, é valioso que haja flexibilidade para lidar com as mudanças repentinas que podem aparecer no seu dia. Isso porque se tratando de serviços de saúde, diversos eventos podem aparecer para alterar o planejamento de atividades.

A habilidade de trabalhar em equipe é fundamental, já que outras áreas profissionais da área da saúde sempre estarão presentes e, principalmente, pelo fato de que o paciente necessita de uma atenção integral (Teixeira, 2022). Ser assertivo em suas pontuações, conseguir transmitir suas ponderações, saber diferenciar o que é uma demanda psicológica e o que escapa dela, e especialmente, saber verbalizar essa diferença para os seus companheiros de trabalho a fim de evitar quaisquer transposições de atitudes que não sejam de sua responsabilidade.

Ter raciocínio rápido e ser criativo nas intervenções fará diferença quando estivermos falando de casos de natureza aguda que necessita de uma resolução rápida sem deixar a desejar na percepção detalhada que diz respeito ao sujeito que está sendo cuidado. A atuação do psicólogo da saúde é para além da empatia, uma atuação compassiva, que articula as queixas presentes com a resolutividade em menor ou maior grau.

Quais os desafios da psicologia na saúde?

Embora haja avanço da psicologia como campo de conhecimento e prática dentro da saúde, ainda há resistência e pouca receptividade em algumas áreas da saúde, especialmente em instituições que seguem modelos biomédicos convencionais. Em muitos contextos, a psicologia é vista de forma coadjuvante aos trabalhos da medicina e da psiquiatria.

Há limitações quanto ao número reduzido de psicólogos para lidar com muitas demandas, repercutindo na conciliação do acompanhamento às visitas multiprofissionais, a discussão de casos e os atendimentos psicológicos (individuais e grupais). Porém, percebe-se que o chefe de equipe também pode ter uma certa resistência em ofertar um espaço de trabalho para a psicologia (Tonetto; Gomes, 2007).

Observa-se a supervalorização de uma decisão farmacológica em detrimento de uma proposta que enfatiza um cuidado integral e multidimensional, no qual o fármaco aparece como a última alternativa a ser pensada. É comum observar no dia a dia os usuários, primeiramente, iniciarem os cuidados com a automedicação, antes de entender como se deu o aparecimento daqueles sintomas e quais mensagens ele está comunicando. Isso está relacionado à busca exacerbada por bem-estar, felicidade e ausência de sofrimento que são ideologias pregadas na contemporaneidade (Acselrad e Tavares, 2022).

De fato, em algumas equipes de saúde, a formação psicológica é subestimada ou pouco compreendida, isto é, não há o total entendimento do que é o fazer psicológico e que a escuta é uma ferramenta de cuidado imprescindível para o usuário daquele serviço.

Na contramão disso, estamos em um processo de consolidação da prática, então, embora não haja profissionais em número suficiente nas unidades de saúde, nota-se um aumento gradual das contratações por parte dos gestores, além da abertura frequente de processos seletivos públicos em que o âmbito federativo se compromete a liderar as equipes dos órgãos necessitados, tais como hospitais universitários.

No contexto da saúde pública e de instituições com alta demanda, muitos psicólogos acabam lidando com uma carga de trabalho excessiva, o que pode resultar em esgotamento profissional e distanciamento de um cuidado que seja verdadeiramente implicado e afetivo. Isso impacta nas relações criadas, visto que são pessoas que podem começar a agir de forma mecanizada e pouco vinculada ao usuário, deixando-o de fora do processo.

No entanto, é fundamental que o paciente seja considerado como cidadãos de direito, que possuem potencialidades e criticidade sobre sua saúde. Para isso, urge a atualização da mentalidade na produção de ações que surjam de trabalhadores e gestores sensíveis ao debate ético-político e técnico (Soares; Macedo, 2020).

Considerações Finais

A luz do que foi exposto, nota-se veemente a consolidação da prática psicológica nos contextos de saúde e hospitalar, com consequências importantes sobre o mercado de trabalho que a cada ano cresce

mais e mais. Traçar um percurso desde a graduação pode trazer benefícios importantes para alcançar uma vaga em um futuro próximo, uma vez que você consegue direcionar o seu ponto de chegada e fortalecer a rota em direção a ele.

Desde os estágios iniciais na graduação até a pós-graduação e inserção no mercado de trabalho, as oportunidades para os profissionais da área têm aumentado, com destaque para programas de residência, concursos públicos e contratações no setor privado.

Apesar dos avanços, a Psicologia ainda enfrenta desafios, especialmente no que diz respeito ao reconhecimento pleno de seu papel na equipe multiprofissional de saúde e à adaptação dos modelos tradicionais de atendimento. Aos poucos, o psicólogo da saúde tem encontrado seu lugar e isso vem sendo desenvolvido pouco a pouco, até mesmo com a criação de programas que facilitem essa inserção. No entanto, ainda faz-se necessário políticas públicas que implementem o fazer psicológico como uma obrigatoriedade, ao entender a complexidade que é cuidar do ser humano.

Espera-se, com esse estudo, que os interesses pela área cresçam e impulsionem futuras gerações de psicólogos da saúde que contribuam com um modelo de cuidado mais integral, respeitoso e ético. Outrossim, busca-se o fomento à pesquisa científica para que se intensifique o debate construtivo, resultando em um impacto positivo em todos os envolvidos.

Referências Bibliográficas

ACSELRAD, Marcio; TAVARES, Davi Barros. A medicalização do sofrimento psíquico na cultura do hiperconsumo. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 34, p. e5825, 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) nos serviços hospitalares do SUS. Brasília, 2019, p. 1-121.

GOLDIM, José Roberto. Bioética: origens e complexidade. *Revista HCPA*. Porto Alegre. Vol. 26, n. 2,(2006), p. 86-92, 2006.

RASO, Aline Ataíde del; RIBEIRO, Raquel de Sousa. *Psicologia hospitalar e da saúde: Teoria e Prática à Luz da Gestalt-Terapia*. 1. ed. Curitiba: Juruá, 2022.

SÁNCHEZ, Pio Iván Gómez. Principios básicos de bioética. *Revista peruana de ginecología y obstetricia*, v. 55, n. 4, p. 1-12, 2009.

SANCHEZ, Marisa Marantes. *Psicologia da saúde: a prática de terapia cognitivo-comportamental em hospital geral*. Porto Alegre: Synopsys, 2022.

Formação em Psicologia

SCARCELLI, Ianni Regia; JUNQUEIRA, Virgínia. O SUS como desafio para a formação em Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 31, p. 340-357, 2011.

SIGNORINI, Taise; FERRETTI, Fátima; SILVA, Maria Elisabeth Kleba da. Práticas em psicologia na saúde pública: Aproximando cenários e contextos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 41, n. spe2, p. e194293, 2021.

SOARES, Francisco Bruno Paz; MACEDO, João Paulo Sales. Intersecções entre psicologia da saúde e saúde coletiva: uma revisão integrativa. *Revista Psicologia e Saúde*, v. 12, n. 1, p. 33-47, 2020.

TEIXEIRA, Paulo Tadeu Ferreira. A psicologia da saúde e hospitalar: reflexões sobre a inserção profissional no hospital um estudo integrativo *Health and hospital psychology: reflections on professional insertion in the hospital an integrative study*. *Brazilian Journal of Development*, v. 8, n. 2, p. 8601-8615, 2022.

TONETTO, Aline M.; GOMES, William B.. Competências e habilidades necessárias à prática psicológica hospitalar. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro , v. 59, n. 1, p. 38-50, jun. 2007.



Sobre os autores

Ana Caroline Leite de Aguiar

Sou Ana Caroline, mais conhecida como Carol e, também, atendo por: - entusiasta do SUS (atuo na Saúde Pública há 16 anos, principalmente, em Caps Geral e AD e como preceptora de Residência Multiprofissional, além da especialização em Saúde Mental); - praticante de uma Psicologia Baseada em Evidências (PBE) tanto no SUS quanto na clínica privada (com formação na temática, especialização em Terapia Cognitivo-Comportamental e em Psicopatologia); - amante da integração entre Saúde e Educação (atuei e atuo em ambos os campos e participo de vários projetos em que ambos dialogam, o que culminou no mestrado em Ensino na Saúde); - apostadora na ciência como forma de melhorar o mundo (estou doutoranda em Psicologia, estudando sobre Transdiagnóstico).

Bruna Myrla Ribeiro Freire

Sou graduada em psicologia pela Universidade Federal do Ceará e psicoterapeuta. Especialista em Saúde Mental e em Docência no Ensino Superior. Professora Universitária e no Instituto Fratelli; Mergulho nas salas de aula desde o início da vida, sendo filha de professora sinto que há na educação um esperar de transformação. Neste livro compartilho uma breve experiência de como tem sido ocupar o lugar de facilitadora da formação de novas psicólogas.

Carolina Luiza Silva Medina

Sou psicóloga clínica (CRP 04/51272), formada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC), especialista em Psicologia da Saúde pela modalidade de residência multiprofissional, realizada no Hospital Santa Casa de Belo Horizonte - Minas Gerais; pós graduada em Gestão, Avaliação e Planejamento no Campo de Atenção Psicossocial (2022-2024) e pós graduanda em Psicologia na Atenção Psicossocial: elementos para o trabalho na RAPS (2024-2025), ambas pelo CENAT; e cursos livres de formação pelo Instituto Fratelli, principalmente voltados para a área da

saúde. Meu campo de interesse e de pesquisa perpassam a psicologia da saúde e hospitalar, tendo relevância temáticas como Saúde Mental, Sistema Único de Saúde, Tanatologia, Cuidados Paliativos, Psicopatologia, Reforma Psiquiátrica e Luta Antimanicomial, bem como o cuidado integral e em liberdade. Atualmente trabalho na rede de saúde mental do Sistema Único de Saúde, com atendimentos clínicos, e também como docente no Instituto Fratelli, tendo como base teórica a psicologia humanista.

Edson Stapassola

Sou Psicólogo (CRP 12/23252) e busco proporcionar por meio do meu trabalho, um espaço de escuta, acolhimento e potência! Desejo por meio do meu trabalho possibilitar um olhar empático sobre si mesmo, ao mesmo tempo que o sujeito seja capaz de acolher a sua própria história, se colocando como ativo no próprio discurso, para que assim FLORESCER em potencialidade e em condições de orgulhar-se de si mesmo! Assim permitindo que todos, todas e todes possam contar as suas próprias histórias, de forma livre, espontânea e sensível. Sou formado pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ), Especialista em Psicanálise e Relações de Gênero: Ética Clínica e Política e meus estudos desenrolam-se em torno de Psicanálise, Relações de Gênero e Clínica Dissidente.

Gabriela Frota de Paula Pessoa

Sou mestranda bolsista FUNCAP em Psicologia pela Universidade de Fortaleza, onde integro o Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica (APHETO). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará, sou especialista em Psicologia Hospitalar, com formação em Psicopatologia, Intervenções em Saúde Mental e Plantão Psicológico, além de Gestalt-Terapia com crianças e adolescentes. Atuo como psicóloga clínica e faço parte do corpo docente do Instituto Fratelli.

Gleydilene Ferreira Duarte Fernandes

Sou Psicóloga e Pedagoga. Especialista em Docência do Ensino Superior e em Geopolítica e História. Sou Extensionista do PROADERE/UFC. Possuo Formações em: Psicologia Escolar, Terapia Cognitivo Comportamental e Avaliação Psicológica e Neuropsicologia, todas pelo Instituto Fratelli. Atuei

como monitora e estagiária do Instituto Fratelli e tenho experiência com a Psicologia Escolar e Social.

Iara Assunção de Sousa

Sou Pedagoga e graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Sou Técnica em Segurança do Trabalho pelo CEPEP. Posuo formação em Psicologia Organizacional e do Trabalho, Recrutamento e Seleção e Analista de Recursos Humanos, todas pelo Instituto Fratelli. Atuei como monitora e estagiária do Instituto Fratelli. Atualmente sou bolsista PIBIC/CNPq na UECE, compondo o Grupo Integra Saberes sobre Trabalho, Organizações e Gestão (GIS), e estou envolvida no projeto de pesquisa intitulado “As Construções da Identidade e dos Coletivos de Trabalho dos Servidores Públicos no Teletrabalho: Perspectivas de Análise da Psicodinâmica do Trabalho”.

Jaiana Cristina Cândido Moraes

Sou Psicóloga e Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR); Pós-graduanda em Gerontologia (UNIFOR); Professora do Instituto Fratelli e Gestalt-terapeuta. Atuo na clínica individual e grupal com adolescentes, adultos e idosos. Tenho experiência também no atendimento a pessoas com dor crônica, e em situações de crise (plantão psicológico).

Lívia Nádia Albuquerque dos Santos

Sou fundadora do Instituto No Mundo Psi. Psicóloga (CRP:11/17914) pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestranda em Psicologia (UNIFOR). Atua num centro oncológico em Fortaleza. Preceptora de Residência, supervisora e docente universitária. Possui especialização em modalidade de residência em Cancerologia pela Escola de Saúde Pública do Ceará. Especialista em Psicologia Hospitalar. Membro da Diretoria da Sociedade Brasileira de Psico-oncologia (Sede CE). Atuou nos três níveis de atenção à saúde. Possui formação em Psicologia Hospitalar, Psico-oncologia, Cuidados Paliativos, Plantão Psicológico, Psicoterapia Breve Focal e Tanatologia. Possui capítulos de livros escritos sobre Plantão Psicológico. Auxilia alunos de todo o Brasil a se inserir no contexto hospitalar através de supervisões, consultorias e mentorias.

Mariane Costa Lucas

Como a frequência cardíaca que tem seus altos e baixos, assim é toda a vida... Assim foi meu percurso profissional, seguindo com momentos desafiadores e empolgantes, mas todos me possibilitaram o crescimento. Nessa caminhada até aqui sou psicóloga CRP 11/19043, com experiências no contexto clínico, escolar, social e no campo da saúde. Atualmente sou psicóloga clínica de crianças, adolescentes e adultos. Psicóloga pelo Sistema Único de Saúde (SUS) de um município da região metropolitana de Fortaleza-CE, trabalhando com o público de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e professora do Instituto Fratelli. Sendo Especialista em Desenvolvimento Infantil, com Especialização em andamento em Transtorno do Espectro Autista e formações ligadas ao contexto escolar e clínico. Esse é um esboço da minha caminhada e que honra partilhar um pouco dos meus passos com você.

Matheus Pinheiro Rodrigues

Sou bacharel em administração pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), entendi, no decorrer do curso, que as empresas têm dois recursos fundamentais: os humanos e os financeiros. Com este entendimento, concluí a pós-graduação em gestão de pessoas e MBA Executivo em gestão de investimentos. Para entender um pouco melhor sobre a revolução do trabalho remoto e como essa revolução impacta as pessoas e as finanças das corporações, o curso “Remote Work Revolution for Everyone”, fornecido pela escola HarvardX, foi fundamental. Por tudo isso, hoje busco, por meio da profissão de consultor organizacional, facilitar a ponte que une os recursos humanos aos recursos financeiros, com o objetivo de gerar uma relação mútua de desenvolvimento.

Nícolas Kennedy de Lima Brandão

Sou Psicólogo e Logoterapeuta. Especialista e com vasta experiência na Logoterapia e Análise Existencial Frankliana, tanto como Psicoterapeuta quanto como Supervisor de Logoterapia Clínica. Também atuo como Supervisor de atendimentos em Psicologia Hospitalar vivenciando e auxiliando na dor e sofrimento das pessoas internas e seus acompanhantes. Também sou Professor Universitário e auxílio a próxima geração de Psicólogos

Pernambucanos a alcançarem seus sonhos com Ética, Responsabilidade e Posicionamento Estratégico. Minha ampla experiência no ramo da Psicologia me permite olhar para além do meramente visível para que eu consiga auxiliar outras pessoas em suas buscas de Sentido.

Rebeca Silva Saraiva

Sou psicóloga escolar, atuando com alunos do Fundamental II e Ensino Médio para apoiar seu desenvolvimento socioemocional, já possuo experiência em sala de aula com o programa Líder em Mim. Tenho especialização em Coordenação e Gestão Educacional, e atualmente estou concluindo minha pós-graduação em Neuropsicologia pela UNIFOR. Também possuo um MBA em Gestão de Pessoas pela Anhanguera, o que me ajudou a expandir minhas habilidades na área educacional e a assumir o papel de gestora e coordenadora pedagógica no Instituto Fratelli. Minha jornada tem sido focada em apoiar a educação integral e o desenvolvimento humano dentro e fora da sala de aula.

Sarah Meneses da Silva

Sou psicóloga clínica infantil, meu propósito atual é oferecer um espaço acolhedor e seguro, onde tanto as crianças quanto as suas famílias possam se expressar, compreender e desenvolver habilidades essenciais para o bem-estar e o desenvolvimento saudável. Trabalho com crianças típicas e atípicas, buscando estratégias terapêuticas personalizadas e individuais para cada caso. Para ampliar minha expertise profissional, tenho especialização em Neuropsicologia pela UNIFOR e em Clínica Analítico Comportamental pelo CBI OF MIAMI. Acredito que, por meio de uma abordagem empática e respeitosa, é possível facilitar o enfrentamento das dificuldades e promover o desenvolvimento integral de cada criança, sempre em parceria com suas famílias e os demais profissionais envolvidos.

Tiago Silveira Cândido

Sou psicólogo (CRP 12/24095) formado pela Faculdade Anhanguera de São José - SC e pós-graduando em Sexualidade Humana pelo Instituto CBI of Miami. Minha formação inclui formações em Suicidologia, Terapia Afirmativa, Psicoterapia de Casal e Gestalt-Terapia. Tenho experiência clínica com ênfase em psicoterapia, plantão psicológico e terapia afirmativa. Além

disso, sou professor no Instituto Fratelli e idealizador do projeto Escuta com Orgulho, um espaço de acolhimento psicológico gratuito para pessoas LGBTQIAP+. Também sou idealizador do podcast Escuta com Orgulho, onde aborda temas relacionados à diversidade e saúde mental.

Welly Tailon Batista da Silva

Sou psicólogo cearense (CRP 11/19110) com experiência no contexto clínico, em que atualmente trabalho atendendo adolescentes, adultos e idosos através da Gestalt-terapia, acompanhando suas histórias, desafios e descobertas. Atuo tanto com psicoterapia quanto em plantão psicológico, acolhendo as demandas que surgem com compreensão empática e escuta ativa das experiências e percepções de cada pessoa atendida. Em constante busca por conhecimento, sou pós-graduando em Psicologia da Saúde e em Psicologia e Sexualidade, e tenho formações em áreas que expandem meu olhar para temas sensíveis e essenciais como psicologia hospitalar, cuidados paliativos, luto, suicidologia e psicoterapia breve. Também sou docente no Instituto Fratelli. Além de ser amante de cafés, livros, animes, doramas e cultura pop.

Sobre os organizadores

Francisco Luan de Souza Carvalho

Sou Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), doutorando em Psicologia pela mesma universidade e vinculado ao Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO/UNIFOR). Também sou Psicólogo e Psicoterapeuta, atuando principalmente com adultos, supervisão clínica e Plantão Psicológico. Professor Universitário Possuo formação em Abordagem Centrada na Pessoa, Plantão Psicológico e em Clínica Humanista-Fenomenológica. Sou um dos autores e organizadores do livro “Plantão Psicológico: diálogos transversais”, além de artigos e outros escritos no mesmo tema. Sou também sócio-diretor, fundador e co-fundador do Grupo Fratelli (Instituto Fratelli, Clínica Fratelli, Consultoria Fratelli e Fratelli Gestão). Sou filho de professora e nasci no interior do Ceará, onde cresci e vivi por 25 anos. Atualmente moro em Fortaleza-CE, gosto muito de viajar e dormir de rede. Espero ainda aprender muito mais nas relações que construo na Psicologia e nos projetos que seguimos desenvolvendo.

Dhâmaris Fonseca do Amarante

Sou Psicóloga Clínica (CRP 11/17528), formada pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e Terapeuta Sexual. Mestranda em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Possuo especialização em Sexualidade Humana (CBI of Miami), Gênero e Sexualidade (FAVENI) e em Docência do Ensino Superior (FAVENI). Com Formação em Terapia Cognitivo-Comportamental, Psicoterapia Breve, sexualidade e relacionamentos amorosos pelo Instituto Fratelli, Tanatologia pelo Instituto Escutha, Terapia Cognitiva Sexual e em Psicologia Feminista pelo Nupsifem). Sou docente no Instituto Fratelli e no Centro Universitário Ateneu (Uniateneu). Minha experiência perpassa a psicoterapia, com enfoque de gênero, sexualidade e população LGBTQIPN+); em Plantão Psicológico pelo viés da Psicoterapia Breve-Focal nos mais variados públicos e enfoques; em Grupos Terapêuticos com ênfase em Psicoeducação no ambiente educacional e social pela perspectiva da Terapia Cognitivo-Comportamental; e em supervisão clínica em TCC e em Sexualidade Humana. Meus interesses de estudo

são Gênero, Sexualidade, Feminismo, População LGBTQIAP+, Terapia Cognitivo-comportamental e Psicologia Social.

Francisco Elenilton Rodrigues do Nascimento

Doutorando em Saúde Coletiva (UECE), mestre em Serviço Social (UECE) e graduado em Serviço Social (UECE). Especialista em Transplante de Órgãos e Tecidos pela Secretaria de Saúde do Estado do Ceará (SESA/CE) e especialista em Assistência em Saúde Mental pela Universidade Federal do Ceará (UFC), ambas pelo programa de residência multiprofissional. Membro pesquisador do Grupo de Pesquisa em Cuidados Clínicos, Saúde Mental e Saúde da Família (GPECCS), vinculado ao Laboratório de Pesquisa, Inovação e Tecnologia na Atenção Primária à Saúde (LAPS) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), e do Núcleo de Estudos em Raça e Interseccionalidades (NERI) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Assistente Social em hospital de nível secundário na cidade de Fortaleza/CE. Acadêmico do curso de Psicologia do Centro Universitário Ateneu (UniAteneu) e professor no Instituto Fratelli.

